

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E  
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

ADRIANA MARCELLE DE ANDRADE

**Cortesía e marcadores discursivos: contrastes entre discursos  
orais chilenos e espanhóis e as percepções de brasileiros**

São Paulo

2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E  
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

**Cortesía e marcadores discursivos: contrastes entre discursos  
orais chilenos e espanhóis e as percepções de brasileiros**

Adriana Marcelle de Andrade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profa. Dra. María Zulma Moriondo Kulikowski

São Paulo

2010

**Comissão Examinadora**

---

---

---

---

---

*"En el Cairo uno entra en una tienda y le ofrecen, inmediatamente, café, vino, frutas... Luego le dicen: 'Bienvenido a Egipto'. Después cuando uno pregunta el precio de algo, con toda cortesía le advierten. '¡No, señor! ¡Es un regalo!' Pero se sobreentiende que esto es una convención y que no es un regalo que se deba aceptar. En seguida viene el regateo, que puede durar media hora o tres cuartos de hora. Uno ofrece cinco y ellos piden veinticinco y todo eso para que, finalmente, el precio quede en diez. Y es una maravilla porque si uno no compra nada, igual son muy corteses."*

*"Ellos no han descubierto el mate, pero igual han encontrado una manera, casi más simpática, de perder el tiempo. "*

Jorge Luis Borges

## AGRADECIMENTOS

Sou grata à minha orientadora Profa. Dra. María Zulma Moriondo Kulikowski a oportunidade e os ensinamentos, que foram inúmeros, desde a graduação.

Ao Prof. Luiz Antônio da Silva, ao Prof. Dr. Antonio Briz e ao Prof. Dr. Salvador Pons Bordería, agradeço as valiosas consultas e contribuições. No entanto, se persistiram erros nesta dissertação, estes são de minha inteira responsabilidade.

Agradeço aos meus pais, Mário e Geni, e irmãs, Karen e Vanessa, o incentivo e o cuidado.

Especialmente, ao Rafael, seu amor, apoio e paciência inigualáveis.

*“E graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo, e por meio de nós manifesta em todo o lugar a fragrância do seu conhecimento”.*

(II Coríntios 2:14)

## Resumo

Este estudo evidencia o modo como se organizam as estratégias de cortesia que se manifestam na ocorrência dos marcadores discursivos *pues*, *ya* e *claro* em intervenções orais de adolescentes de duas capitais, Madri e Santiago do Chile, presentes no *Corpus de Lenguaje Adolescente* (COLA). Considerando a diversidade sociocultural (Bravo, 2004) e que os marcadores discursivos sinalizam a direção em que se deve buscar a relevância dos enunciados (Escandell-Vidal, 1998), esta pesquisa também analisa se adolescentes brasileiros, estudantes de língua espanhola, da região de São Paulo, constroem uma interpretação adequada quanto à presença ou ausência da cortesia, ao entrar em contato com as conversações do material de análise. Como resultado, foram descritos os contrastes entre as amostras das variedades - a santiaguina e a madrilena - de língua espanhola quanto ao uso das partículas *pues*, *ya* e *claro*. Observou-se que essas diferenças se relacionam ao contexto de enunciação e ao processamento discursivo, semântico e pragmático desses marcadores, comprovando que a cortesia apresenta particularidades e possui um valor relativo de acordo com a interação verbal, os traços culturais e o tipo de relação social entre os interlocutores. Através da escuta de alguns diálogos extraídos do *corpus* e guiados por um questionário, a maioria dos estudantes brasileiros construiu interpretações equivocadas das formações discursivas. Verificou-se que estas construções de sentido concerniram ao desconhecimento da forma ou do uso dos marcadores, que impediu que estes orientassem o processo de interpretação, e à desconsideração das diferenças interculturais e dos modelos de cortesia em diferentes interações verbais.

**Palavras-chaves:** cortesia verbal, marcadores discursivos, face, pragmática, relevância, interação verbal.

## Abstract

This study shows how strategies of politeness occurring when discourse markers are used in oral interventions of teenagers from the two capital cities of Madrid and Santiago de Chile contained in the *Corpus de Lenguaje Adolescente* (COLA) are organized. Considering the socio-cultural diversity (Bravo, 2004) and discourse markers indicate in which direction we should look for the relevance of utterances (Escandell-Vidal, 1998), this research also analyzes if Brazilian teenagers, students of Spanish language in São Paulo region, have a proper interpretation regarding the presence or the absence of politeness when they are exposed to the conversations of the material analyzed. As a result, the differences between samples of Spanish language varieties – from Santiago and from Madrid – regarding the use of the particles *pues*, *ya* and *claro* were described. Such differences were seen to be related to the context of enunciation and the discursive, semantic, and pragmatic processing of the markers, which confirms that the politeness shows particularities and has a relative value according to the verbal interaction, cultural traits, and the type of social relationship between interlocutors. By hearing some of the dialogs extracted from the corpus and guided by a questionnaire, most Brazilian students had wrong interpretations of discursive formations. Such constructions of meaning were seen to be related to the lack of knowledge of the markers' form or usage, which prevented the markers to guide the interpretation process, and the disregard of intercultural differences and models of politeness in various verbal interactions.

**Key words:** politeness, discourse markers, face, pragmatic, relevance, verbal interaction.



## Resumen

Este estudio evidencia el modo como se organizan las estrategias de cortesía que se manifiestan de los marcadores del discurso pues, ya y claro en intervenciones orales de adolescentes de dos capitales, Madrid y Santiago de Chile, presentes en el *Corpus de lenguaje adolescente* (COLA). Teniendo en cuenta la diversidad sociocultural (Bravo, 2004) y que los marcadores del discurso señalan la dirección para la búsqueda de la relevancia de los enunciados (Escandell-Vidal, 1998), esta investigación también analiza si adolescentes brasileños, aprendices de la lengua española, de la región de São Paulo, interpretan adecuadamente la presencia o ausencia de la cortesía, al tener contacto con conversaciones del material de análisis. Como resultado, describimos los contrastes entre las muestras de las variedades de lengua española -la de Santiago y la de Madrid- en cuanto al uso de las partículas pues, ya y claro. Observamos que dichas diferencias se relacionan con el contexto de enunciación y el procesamiento discursivo, semántico y pragmático de esos marcadores, comprobando que la cortesía presenta particularidades y posee un valor relativo según la interacción verbal, los rasgos culturales y el tipo de relación social entre los interlocutores. A través de la escucha de algunos diálogos extraídos del *corpus* y guiados por un cuestionario, percibimos que la mayoría de los estudiantes brasileños construyó interpretaciones equivocadas de las formaciones discursivas. Verificamos que estas interpretaciones correspondieron al desconocimiento de la forma o del uso de los marcadores, lo que impidió que estos orientaran el proceso de interpretación, y a la desconsideración de las diferencias interculturales y de los modelos de cortesía en diferentes interacciones verbales.

**Palabras-claves:** cortesía verbal, marcadores del discurso, imagen social, pragmática, relevancia, interacción verbal.

## ÍNDICE

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1	Delimitação do tema .....	15
1.1.	Objetivos .....	17
1.1.1	Objetivos Gerais .....	17
1.1.1.	Objetivos Específicos.....	18
1.2.	Justificativa .....	19
1.3.	Aspectos metodológicos .....	22
1.4.	<i>Corpus</i> : apresentação e descrição.....	24
1.5.	Organização do trabalho.....	25
 <b>CAPÍTULO I</b> .....		<b>28</b>
A CORTESIA LINGUÍSTICA .....		29
1	A cortesia .....	29
1.1	O âmbito da pragmática.....	29
1.2	Cortesia: enfoque e marco de referência .....	33
2	Universalidade e relatividade: análise da teoria de Brown e Levinson.....	39
3	Estratégias de produção: a intensificação e a atenuação .....	45
3.1	A intensificação na conversação coloquial.....	46
3.2	A atenuação na conversação coloquial.....	48
 <b>CAPÍTULO II</b> .....		<b>52</b>
OS MARCADORES DISCURSIVOS: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA .....		53
1	Análise da conversação: Parâmetros para esta pesquisa.....	53
1.1	A conversação .....	56
1.2	A estrutura e as características organizacionais da conversação relevantes para o estudo dos marcadores.....	57
2	Breve estado da questão do estudo dos marcadores discursivos .....	62
3	Classificação com base em um ponto de vista funcional .....	69
4	A manifestação da cortesia verbal através dos marcadores .....	72
 <b>CAPÍTULO III</b> .....		<b>74</b>
O ESTUDO DOS MARCADORES .....		75
1	<i>Pues</i> .....	75
1.1	<i>Pues</i> : estudos peninsulares .....	75
1.2	Análise do <i>corpus</i> : a variedade de Madri .....	79
1.2.1	<i>Pues</i> com função de conexão.....	79
1.2.1.1	Função argumentativa.....	79
1.2.1.2	Função metadiscursiva .....	82
1.2.2	<i>Pues</i> como marcador de modalidade .....	92
1.3	<i>Pues</i> na variedade de Santiago do Chile .....	100
1.4	Análise do <i>corpus</i> : estudos em Santiago do Chile (COLAs).....	106
1.4.1	<i>Pues</i> com função de conexão.....	106
1.4.1.1	Função metadiscursiva .....	106

1.4.2	<i>Pues</i> como marcador de modalidade .....	109
2	CLARO.....	117
2.1	<i>Claro</i> : estudos peninsulares.....	117
2.2	Análise do <i>corpus</i> : a variedade de Madri (COLAm).....	119
2.2.1	<i>Claro</i> com função de conexão .....	119
2.2.1.1	Marcador metadiscursivo .....	119
2.2.2	<i>Claro</i> como marcador modalizador .....	120
2.3	<i>Claro</i> : estudos em Santiago do Chile.....	125
2.4	Análise do <i>corpus</i> : a variedade de Santiago do Chile (COLAs).....	126
2.4.1	<i>Claro</i> como marcador modalizador .....	126
3	YA .....	132
3.1	<i>Ya</i> : estudos peninsulares.....	132
3.2	Análise do <i>corpus</i> : a variedade de Madrid (COLAm).....	133
3.2.1	<i>Ya</i> com Função de conexão .....	133
3.2.1.1	Marcador argumentativo .....	133
3.2.1.2	Marcador metadiscursivo .....	134
3.3	<i>Ya</i> : estudos em Santiago do Chile.....	137
3.4	Análise do <i>corpus</i> : a variedade de Santiago do Chile (COLAs).....	139
3.4.1	<i>Ya</i> com função de conexão .....	139
3.4.1.1	Marcador argumentativo .....	139
3.4.1.2	Marcador metadiscursivo .....	141
3.4.2	<i>Ya</i> como marcador modalizador .....	145
3.4.3	<i>Ya</i> como marcador de controle de contato .....	146
4	Contrastes: considerações sobre a observação dos <i>corpora</i> madrilenos e chileno.....	150
	<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>153</b>
	O CONTATO INTERCULTURAL .....	154
1	A teoria da relevância na comunicação e a cortesia linguística .....	154
1.1	Os marcadores discursivos e a relevância.....	158
2	Cortesia e relevância: a impressão de brasileiros em contato com variedades do espanhol.....	160
2.1	Descrição do estudo .....	162
2.2	Análise dos resultados .....	166
2.2.1	Primeira conversação .....	167
2.2.2	Segunda conversação .....	174
2.2.3	Terceira conversação .....	177
2.2.4	Quarta conversação.....	180
2.2.5	Quinta conversação .....	184
2.3	Considerações finais.....	188
	<b>Conclusão.....</b>	<b>194</b>
	<b>Bibliografia.....</b>	<b>200</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>210</b>

# INTRODUÇÃO

## 1 INTRODUÇÃO

Nenhum falante, qualquer que seja sua língua materna, é capaz de expressar-se de forma neutra com respeito à cortesia, dada a importância desse fenômeno no regimento das relações sociais. (cf. Haverkate, 1994)

Sem deixar de contemplar as diferenças culturais, pode-se afirmar, que no plano da interação verbal, geralmente os locutores são conscientes de sua própria imagem social como também da de seus interlocutores; por conseguinte, esta racionalidade é o que fundamenta a cortesia.

Dessa forma, no jogo interacional, os interlocutores atuam um sobre o outro, em um constante processo de negociação, conduzido pelo chamado contrato conversacional, que envolve a consideração dos participantes pelas imagens envolvidas. Este contrato mantém uma relação intrínseca com a cortesia e dita os direitos e as obrigações mútuas das pessoas que participam de uma conversação. Nesse âmbito, as normas de cortesia determinam o estilo de uma interação verbal, isto é, regulamentam as formas do comportamento humano.

E ao focar-se a mencionada negociação de imagens ou de identidades dos participantes de uma interação oral, é possível constatar que os marcadores discursivos não são neutros com respeito às imagens sociais, no que se refere à consideração do outro e do efeito que o discurso provoca numa interação social intermediada pela linguagem.

As funções pragmático-discursivas dos marcadores discursivos estão estreitamente ligadas à dinâmica da interação e, portanto, às estratégias de cortesia (cf. Iglesias, 2001), uma vez que essas partículas operam no nível do

discurso, favorecendo a conexão enunciativa e facilitando a interação entre os interlocutores.

Considerando que o espanhol reúne uma comunidade linguística que possui diversos sistemas funcionais e comunidades de fala, dessa diversidade suscitam variações regionais, sociais, situacionais, etc., de modo que tais contrastes podem ser refletidos em diferentes estruturas linguísticas (fonética, fonológica, morfológica, sintática e textual) que afetam a ocorrência dos marcadores. Levando em conta as significativas diferenças socioculturais entre as comunidades que mantêm esta língua comum e as situações culturalmente específicas, do mesmo modo, cada comunidade de fala possui suas particularidades no uso dos marcadores discursivos, as quais se relacionam às condições de uso dessas partículas numa interação oral.

A cortesia, por seu turno, apesar de fazer parte do comportamento humano universal, também se configura de modo diferente segundo cada contexto sociocultural e linguístico, isto é, cada falante utiliza recursos interpretativos provenientes de seu entorno social e de suas experiências comunicativas prévias, as quais são compartilhadas parcialmente por um grupo. (cf. Bravo, 2004). Portanto, cada interação verbal estabelece a cortesia de um modo específico em função de seus objetivos e das convenções sociais existentes numa determinada língua-cultura.

A importância do fator sociocultural para os estudos da cortesia é crucial, em contrapartida aos estudos universalistas de Brown e Levinson ([1978], 1989), tão debatidos pelos estudiosos da área. Sem desprezar todas as vantagens do modelo de Brown e Levinson e valorizar o alto grau explicativo de suas categorias, esta teoria tem sido criticada devido ao seu “etnocentrismo

sociocultural” e à sua insuficiência ao estabelecer parâmetros pan-culturais. Desta forma, questiona-se a validade do aspecto universal das noções de pessoa, cortesia, imagem social e as ameaças a esta imagem apresentadas por estes autores.

Como consequência, na medida em que a cortesia é considerada um fenômeno sociocultural que se atualiza numa determinada situação de interação, é necessário situar o estudo da cortesia numa área da pragmática que se ocupe especificamente das funções dos recursos comunicativos a partir de uma perspectiva igualmente sociocultural.

Nesse sentido, este estudo visa a aprofundar-se na idiosincrasia de determinados grupos de falantes, no que se refere à manifestação e percepção da cortesia, em que os marcadores discursivos estão extremamente implicados em seus diferentes usos. Assim, enfoca o contato intercultural, ao analisar como adolescentes brasileiros, da região de São Paulo, constroem a interpretação de enunciados e a decodificação da intenção comunicativa de emissores, também adolescentes, de duas diferentes comunidades hispânicas: da região de Santiago do Chile e da região de Madri. Antes, porém, este estudo analisa o contexto de uso como também o processamento semântico e pragmático dado às estratégias de cortesia manifestadas por alguns marcadores discursivos, contrastando essas duas variedades da língua espanhola.

## 1.1 Delimitação do tema

O presente estudo se insere na abordagem da cortesia linguística e tem como foco de interesse a análise sincrônica do fenômeno, com base na perspectiva pragmática, nos estudos da relevância e na Análise da Conversação.

As reflexões deste trabalho propõem um estudo da cortesia concebida como atividade linguística estratégica, cujo fim é alcançar com êxito a meta prevista. (cf. Briz, 2004). Simultaneamente, buscam conciliar a perspectiva de análise pragmática à sociolinguística, uma vez que este estudo trata das diferenças encontradas a partir de uma cultura para outra, no que diz respeito às estratégias de cortesia utilizadas e percebidas num evento comunicativo.

A concepção teórica de cortesia adotada aqui se insere nos estudos da pragmática, que constituem uma perspectiva funcionalista da linguagem. Deste modo, a cortesia verbal é examinada neste trabalho a partir do ponto de vista do usuário, levando em conta as condições sociais que permitem que os falantes acessem e controlem os recursos da linguagem. (Bravo, 2004a: 7)

Esta pesquisa também evidencia a intervenção dos marcadores discursivos na constituição de estratégias de cortesia, uma vez que nenhum marcador é imparcial, ou seja, todos estão relacionados de algum modo aos recursos da cortesia linguística, levando em consideração a negociação de imagens dos participantes na interação.



A análise que se executa no presente estudo observa a linguagem em um contexto de uso não previamente delimitado, contemplando principalmente aspectos linguísticos.

Para a análise das conversações que compõem o *corpus*, este trabalho se fundamenta em Briz (1998), que ressalta a necessidade de contemplar o esquema da comunicação, em vista de que é necessário levar em conta o falante, que expressa certa atitude diante do enunciado, e o ouvinte, que interpreta a mensagem. Assim, a análise das conversações realizada aqui busca considerar o processo e o produto da produção.

A hipótese condutora desta investigação parte da existência de diferenças socioculturais relacionadas à manifestação formal e à função interativa das normas de cortesia manifestadas por alguns marcadores discursivos das variedades linguísticas de Santiago do Chile e de Madri. Supõe-se que determinados marcadores discursivos suscitam em estudantes brasileiros de espanhol a compreensão ou a impressão de predomínio enunciativo de abruptão relacionada à descortesia quando entram em contato com formações discursivas desta língua estrangeira, uma vez que os marcadores permitem a realização de inferências relevantes dos enunciados, dirigindo as instruções da atividade comunicativa. Entretanto, acredita-se que esta impressão concerne ao desconhecimento das diferenças interculturais, que fazem com que estes estudantes, por um lado, apreendam equivocadamente um predomínio de expressão de descortesia, o que é, na verdade um sintoma das diferenças entre os processos de funcionamento ideológico-subjetivo das línguas-cultura materna e meta; por outro lado, o desconhecimento das fórmulas precisas de cortesia como de suas condições de uso impedem que estes aprendizes percebam que

um mesmo marcador discursivo pode realizar-se de formas distintas em diferentes culturas, embora mantenham em comum a mesma língua.

## **1.1. Objetivos**

### **1.1.1 Objetivos Gerais**

Este estudo objetiva evidenciar o modo como se organizam as estratégias de cortesia promovidas pela ocorrência de determinados marcadores discursivos, a saber, *pues*, *claro* e *ya*, em manifestações orais de adolescentes de duas capitais, Madri e Santiago do Chile, considerando aspectos socioculturais. Assim, busca descrever os contextos de uso desses marcadores e seu processamento discursivo, semântico e pragmático, necessários na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira.

Depois de definir o funcionamento desses marcadores em ambas as variedades, levando em conta que estes sinalizam a direção em que se deve buscar a relevância dos enunciados, este trabalho visa a analisar se adolescentes brasileiros, da região de São Paulo e estudantes de espanhol, constroem uma compreensão ou impressão adequada quanto à presença ou ausência da cortesia, ao entrar em contato com formações discursivas de falantes chilenos e espanhóis.

### **1.1.1. Objetivos Específicos**

- Descrever, a partir das amostras de duas variedades da língua espanhola - de Santiago do Chile e de Madri -, o processamento discursivo, semântico e pragmático que pressupõe o uso dos marcadores *pues*, *claro* e *ya*, apreciando as variações linguísticas, as diferentes interações verbais, as distribuições nos enunciados e atos de fala, as funções, a identificação dos conteúdos discursivo-pragmáticos, além do contexto textual e interativo em que ocorrem, isto é, do desenvolvimento sequencial da conversação e a organização da interação.
- Examinar como os marcadores contribuem para a manifestação de estratégias de cortesia através da tendência de estabelecer mecanismos do contato social em cada variedade, chilena e madrilena.
- Verificar se estudantes brasileiros da região de São Paulo constroem, de forma adequada, a interpretação de enunciados provenientes de uma variedade chilena e uma espanhola, considerando a ocorrência dos marcadores discursivos e as diferenças culturais, de situações, como também as funções interativas das estratégias de cortesia.

## 1.2. Justificativa

O interesse científico pelo contraste das variações que afetam de uma cultura a outra as normas comunicativas e o sistema de valores que concebe a interação, parte dos mal-entendidos interculturais, visando a que estes sejam menos inevitáveis e menos prejudiciais, especialmente a aprendizes de espanhol como língua estrangeira. Estes podem interpretar equivocadamente enunciados hispânicos ou envolver-se em conflitos sociais, por causa de interferências pragmáticas ou devido às falhas de compreensão das grandes diferenças de significado e valoração social atribuídas a uma mesma estratégia de cortesia em culturas diferentes.

Esta pesquisa também contribui para o estudo da atuação dos marcadores discursivos, estes facilitadores da interação verbal, na realização das estratégias de cortesia.

Da escolha para a análise dos marcadores *pues*, *claro* e *ya* ressaltam-se três aspectos significativos: a alta frequência em textos orais, a dificuldade de serem empregados por aprendizes brasileiros de espanhol como língua estrangeira (Uribe Mallarino, 2005: 563) e, por fim, a hipótese de que podem promover a construção por parte de brasileiros de uma impressão inadequada de rudeza relacionada à ausência de estratégias de cortesia em enunciados em que ocorrem.

Reitera-se que o uso dos marcadores é fundamental para o desenvolvimento da competência discursiva e pragmática, de forma que fazem

parte das estratégias interacionais. Contudo, a funcionalidade dessas partículas é pouco mencionada no processo de aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, sem grande embasamento teórico-prático que justifique seu ensino-aprendizagem. Portanto, esta pesquisa busca oferecer novos horizontes na abordagem do ensino de espanhol como língua estrangeira (ELE), especificamente no tratamento da língua oral e do volume de fenômenos pragmáticos que encerra.

Nesse âmbito, espera-se arrojara luz sobre o componente pragmático, a fim de que se possa evitar que aprendizes experimentem fracassos nas interações verbais por interpretar equivocadamente produções discursivas hispânicas.

A região metropolitana de Santiago de Chile foi escolhida porque, por um lado, o Chile representa uma comunidade de fala<sup>1</sup>, cujos membros compartilham, além de uma mesma língua, um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística. Seus membros compartilham atitudes linguísticas, regras de uso, critérios de valorização social, atos linguísticos e padrões sociolinguísticos

Esta marcada variedade da língua espanhola carece de estudos, principalmente relacionados com o espanhol peninsular, com o qual faz parte de uma mesma comunidade linguística.

No que se refere à importância do fator sociocultural para os estudos da cortesia, espera-se que esta pesquisa gere novas reflexões e promova novos estudos a respeito do uso de recursos de cortesia do espanhol peninsular e

---

<sup>1</sup> Não se coloca em dúvida aqui a heterogeneidade interna que possa haver dentro desta mesma comunidade, pois uma comunidade de fala é basicamente uma comunidade de consenso, de sintonia entre vários grupos e indivíduos (Moreno Fernández, 1998: 19-20).

espanhol do Chile, estabelecendo também perspectivas de intercâmbio no âmbito da pragmática em ambos os países.

### 1.3. Aspectos metodológicos

Esta pesquisa se desenvolve a partir das seguintes etapas:

1. Investigação bibliográfica e construção do marco teórico.
2. Análise do *corpus* para a descrição de cada marcador discursivo – *pues, claro e ya* –, a partir dos antecedentes bibliográficos. São enfocadas as diversas funções comunicativas dos marcadores, considerando suas distribuições nos enunciados e atos de fala, para a identificação dos conteúdos semânticos, discursivos e pragmáticos decorrentes, além do contexto textual e interativo em que ocorrem, isto é, do desenvolvimento sequencial da conversação e a organização da interação.
3. Análise da maneira como os marcadores participam das estratégias de cortesia, em cada variedade de língua.
4. Solicitação a estudantes de espanhol, usuários independentes (B)<sup>2</sup>, que comentem a impressão que alguns diálogos extraídos do *corpus* lhes deixam com respeito às formas de enunciação, a partir de um questionário.

---

<sup>2</sup> Usam-se aqui os níveis comuns de referência estabelecidos pelo *Marco Común Europeo de Referencia* (MCER), que são “usuário básico” (A), “usuário independente” (B) e “usuário competente” (C).

Vale ressaltar que para o estudo dos marcadores é necessária a análise de partícula por partícula neste estudo, uma vez que se trata de uma pesquisa relacionada à linguagem de jovens, cujas marcas são tão singulares tanto pelos marcadores que escolhem quanto pelas suas funções que são diferentes das dos adultos. (Jørgensen, 2008: 387). Portanto, este tipo de análise é mais conveniente para destacar tais especificidades, lembrando que as poli-funcionalidades dos marcadores representam um desafio a ser considerado neste trabalho.

A seleção das trocas verbais do *corpus* para a análise foi aleatória, mas não de forma injustificada, porque foi motivada pelos critérios classificatórios que serão detalhados no capítulo III.



#### 1.4. **Corpus: apresentação e descrição**

Como material de análise, compõe o *corpus* deste trabalho as conversações de adolescentes chilenos e espanhóis, com idades entre 13 e 19 anos, provenientes das capitais Santiago do Chile e Madri, de nível socioeconômico médio e alto, e níveis de estudo fundamental e médio. As conversações se dão entre pessoas de ambos os sexos, em situações de conversações *coloquiais prototípicas*. (cf. Briz, 2000). A construção do *corpus* foi coordenada pela professora Annete Myre Jörgensen e se trata do *Corpus de Lenguaje Adolescente (COLA)*.

No presente estudo são utilizadas duas seções do Projeto Cola: COLAm, que reúne o material oral de jovens de Madri, com 350 mil palavras transcritas; e COLAs, que reúne o material oral de jovens de Santiago do Chile, com 150 mil palavras transcritas.

Este *corpus* está disponível na Internet e possibilita além da leitura das transcrições, a audição das conversações gravadas.

As características situacionais e sociais deste material de análise ressaltam um estilo comunicativo próprio: conversações informais, com relação de proximidade entre os interlocutores, marco discursivo familiar, ausência de planejamento prévio, igualdade social e temática cotidiana. Nos eventos comunicativos gravados, os informantes em geral se conhecem, as situações são as mais variadas e as possibilidades de interação são a princípio igualitárias.

Este material apresenta o modo particular de falar dos jovens, caracterizado por tantas mudanças de temas, o que suscita o maior emprego de marcadores do discurso. (Jørgensen, 2008: 387)

### **1.5. Organização do trabalho**

Esta dissertação está organizada da seguinte forma:

#### **- INTRODUÇÃO:**

De forma sucinta e informativa, a introdução apresenta a justificativa pela escolha do tema e as razões pelas quais se desenvolve este estudo. Inclui uma descrição detalhada do projeto de pesquisa de modo a contemplar a delimitação do tema, a descrição dos objetivos, a descrição do *corpus*, os aspectos metodológicos e a relevância acadêmica, além da forma de organização do trabalho.

#### **- CAPÍTULO I: A CORTESIA LINGUÍSTICA**

Primeiramente, este capítulo trata do marco teórico relacionado à cortesia verbal e o estado da questão, destacando as relevâncias dos estudos da área para a presente pesquisa. Num segundo momento, apresenta as contribuições e as críticas à teoria etnocentrista de Brown e Levinson, evidenciando a importância da incorporação do elemento sociocultural aos estudos de cortesia em diferentes comunidades de fala. Por fim, descreve os procedimentos de atenuação e intensificação.

## **- CAPÍTULO II: OS MARCADORES DISCURSIVOS: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA**

O capítulo II apresenta as reflexões, os conceitos e as teorias que envolvem o estudo dos marcadores discursivos, incluindo as contribuições da Análise da Conversação. Também apresenta um sucinto estado da questão e a relevância dos estudos já realizados para a análise pragmática dos marcadores. Posteriormente, descreve o sistema de classificação e de análise para os marcadores que é utilizado neste estudo, o qual se fundamenta em um ponto de vista funcional. Por fim, destaca a atuação destas partículas na manifestação de estratégias de cortesia.

## **- CAPÍTULO III: O ESTUDO DOS MARCADORES**

O capítulo III oferece reflexões sobre os estudos antecedentes dos marcadores discursivos, contemplando a variedade peninsular do espanhol e a variedade de Santiago do Chile. Realiza-se nesta seção o exame do *corpus*, que destaca as funções discursivas, pragmáticas e semânticas dos marcadores mencionados em ambas as comunidades de fala. Assim, este capítulo analisa e descreve os usos de cada um dos marcadores *pues*, *claro* e *ya*.

## **- CAPÍTULO IV: O CONTATO INTERCULTURAL**

Este capítulo oferece parâmetros teóricos a respeito do tema da cortesia e a relevância. Em seguida investiga a compreensão ou a impressão que adolescentes brasileiros constroem ao entrar em contato com formações discursivas de adolescentes chilenos e espanhóis, focalizando os marcadores discursivos.

## **- CONCLUSÕES**

Nesta etapa discutem-se os resultados e evidencia-se de o produto desta dissertação, considerando os objetivos mencionados e a constatação ou não da hipótese inicialmente formulada.

# CAPÍTULO I

# A CORTESIA LINGUÍSTICA

## 1 A CORTESIA

### 1.1 O âmbito da pragmática

Os estudos da pragmática nasceram à luz da Filosofia e se estenderam para os estudos linguísticos, dando conta também dos fatores extralinguísticos da comunicação, os quais podem abranger os próprios interlocutores, a intenção comunicativa, o contexto e o conhecimento de mundo. A pragmática analisa, pois, o uso concreto da linguagem levando em consideração seus usuários e as condições que governam a prática linguística.

O filósofo e semiótico norte-americano Morris foi o primeiro que utilizou o termo “pragmática” em 1938 e, em sua teoria, evidencia as diferenças entre *sintaxe*, como o estudo das relações entre os signos; *semântica*, como o estudo das relações entre os signos e os significantes; e *pragmática*, como o estudo das relações entre os signos e o uso que é feito deles.

Posteriormente, Austin contribuiu para os avanços do estudo da linguagem e influenciou a área da Linguística e Filosofia da Linguagem. Sua teoria dos *atos de fala* (1962) contribuiu para os estudos da cortesia. Essa teoria afirma que a linguagem não tem somente a função de descrever o mundo, mas também serve para “fazer coisas”. E, em ciências da linguagem, essa idéia se transformou na base da abordagem pragmática.

Considerando o uso da língua a partir da ótica da Filosofia da Linguagem, Austin observou que há um tipo de enunciado cuja emissão em certas condições

equivale ao cumprimento da ação que impingem. A esses enunciados chama de *performativos*, os quais frequentemente correspondem a fórmulas ritualizadas como, por exemplo, “*Eu peço desculpas*”.

Nesse sentido, Austin formulou uma divisão geral dos atos de fala que são realizados por enunciados performativos ou não. Assim, classifica os atos de fala como: *ato locucionário*, que se realiza pelo fato de enunciar algo e corresponde ao significado linguístico; *ato ilocucionário*, que se realiza ao dizer algo de um modo determinado, possuindo certa força ou intenção; e *ato perlocutório*, que se realiza por dizer algo e se refere à forma como influencia o interlocutor; esse ato depende do ouvinte e alcança efeitos ou resultados.

Searle (1969) desenvolveu a teoria de Austin e sistematizou<sup>3</sup> a noção de atos de fala com base na força ilocutória. Searle formulou o *conceito de ato de fala indireto* e reconheceu a importância do contexto nas interações verbais.

Frequentemente, tem-se retomado a reflexão sobre a definição *pragmática linguística*. Levinson (2007), explica que existe um problema em restringir o sentido deste termo, cujo cerne está no fato de que é difícil construir uma definição que abranja confortavelmente vários aspectos.

---

<sup>3</sup> Com base na força ilocucionária, Searle classifica os atos de fala em cinco categorias: (1) *representativos/assertivos*: fazem com que o falante se comprometa com a mensagem (afirmar, concluir, etc.); (2) *diretivos*: pretendem influir na conduta do interlocutor (pedir, perguntar, etc.); (3) *promissivos*: condicionam a conduta ulterior do falante (prometer, ameaçar, convidar, etc.); (4) *expressivos*: manifestam sentimentos ou atitudes do falante (agradecer, prablenizar, etc.); (5) *declarativos*: modificam a realidade (batizar, declarar guerra, etc.).

o termo pragmática abrange tanto aspectos da estrutura linguística dependentes do contexto como princípios do uso da compreensão linguística que não têm nenhuma ou têm muito pouca relação com a estrutura linguística (...) (Levinson, 2007: 10)

Ao ponderar que as tentativas de definição do termo pragmática não são inteiramente satisfatórias, Levinson corrobora que tradicionalmente a pragmática é aceita, conforme foi mencionado anteriormente, como o estudo do uso linguístico.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005), pode-se definir a pragmática como o *estudo da linguagem em ação*, aceção esta bastante geral que abre caminho a diferentes tipos de investigação, segundo o que se entende por “linguagem”.

Para a presente pesquisa, a linguagem é tomada como “*uma forma de agir sobre o contexto interlocutivo e permitindo a realização de um certo número de atos específicos*”, os atos de fala. (Kerbrat-Orecchioni, 2005:11)

Como objetivo básico, portanto, a pragmática enfoca os fatores que determinam os intercâmbios comunicativos. Seu critério básico é o da *adequação* e, assim, há pelo menos quatro elementos que devem ser levados em consideração no momento de avaliar uma interação verbal: (1) o *emissor*, (2) o *destinatário*, (3) o *contexto*, (4) o *enunciado*. (Escandell-Vidal, 2005). Esses elementos são fundamentais nas relações estabelecidas durante uma interação verbal, na qual também desempenham um importante papel a *intenção comunicativa* e a *distância social entre emissor e destinatário*.

Esses elementos interferem no modelo de comunicação apresentado por Escandell-Vidal (2005). A autora apresenta um modelo pragmático da



comunicação, cujos processos que intervêm são baseados na *ostensão* e na *inferência*. A ostensão é o processo pelo qual o emissor busca chamar a atenção do destinatário, produzindo algum tipo de indício de modo intencionado. A inferência é o processo pelo qual o destinatário relaciona as informações procedentes de fontes diferentes (linguísticas e não linguísticas) com a finalidade de reconstruir as *representações* que o emissor pretende transmitir-lhe.

As representações, por sua vez, são as entidades mentais que desempenham algum papel na comunicação, seja como material de entrada ou como material contextual.

O contexto, por seu turno, não é algo externo aos falantes, mas faz parte das representações mentais que atuam na comunicação. Pode ser definido como o conjunto de representações que levam em consideração o emissor, no momento em que emite seus estímulos, e o destinatário, no momento em que os interpreta.

Finalmente, o componente pragmático compreende os conhecimentos e as capacidades que influem na comunicação e a forma como a língua veicula conteúdos culturais, englobando, portanto, os mecanismos de cortesia e a competência sociolinguística. A chamada competência pragmática, por sua vez, abrange o uso da linguagem, as suas funções como também a forma como os falantes interpretam e produzem enunciados em uma interação verbal determinada. Nesse âmbito, pois, estão os fundamentos do presente estudo.

## 1.2 Cortesia: enfoque e marco de referência

Na linha pragmática, os estudos da cortesia verbal receberam maiores contribuições após as publicações de Goffman (1970), Grice (1975), Leech (1983), Lakoff (1973), que formularam diversas máximas de cortesia, e Brown e Levinson ([1978] 1987) que desenvolveram o termo *face*, introduzido por Goffman (1970), para definir o conceito de imagem do homem como membro da sociedade.

Ao abordar as relações interpessoais, Goffman (1970) delimitou o termo *face* ou *imagem social*, conceito que constitui uma categoria pragmlinguística empregada no sentido metafórico e que se refere à personalidade do homem como membro individual da sociedade da qual faz parte.

Os estudos de Lakoff (1973) proporcionam singulares informações sobre a atualização empírica da cortesia e apresentam três estratégias verbais que se vale um falante cortês, formuladas em forma de máximas:

1. não importune;
2. ofereça alternativas;
3. faça com que o ouvinte sintá-se bem; comporte-se amigavelmente.

Acrescenta-se que grande relevância tem os estudos que ofereceu Grice ([1967] 1975) a essa área. Seu *Princípio de Cooperação* e a existência das implicaturas unidos à necessidade de justificar os atos de fala indiretos evidenciam os componentes sociais de uma interação. (cf. Escandell-Vidal, 1995)

Grice descreveu o *Princípio de Cooperação* que expõe que contribuições conversacionais devem ser adaptadas ao caráter e ao objetivo do intercâmbio verbal do qual se participa. Este princípio compreende as categorias de *quantidade*, *qualidade*, *relação* e *modo*, que são caracterizadas respectivamente pelas submáximas: “Faça que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação)”, “não diga o que você acredita ser falso”, “seja relevante e “seja claro”. Tais submáximas podem ser burladas, produzindo as chamadas *implicaturas*, que servem frequentemente como estratégias de cortesia.

A submáxima de quantidade diz respeito à sinceridade e se realiza no ato de fala do interactante que aprecia as necessidades informativas de seu ouvinte. Quanto a essa máxima, Ochs (1998: 128) afirma que:

Una persona no cumple con la máxima si para ello tiene que ser indiscreta, maleducada, poco ética, etc. Grice señala que la máxima es apropiada para conversaciones en las que la intención de los interlocutores es lograr “la máxima afectividad en el intercambio de información”.

Nesse sentido, em circunstâncias desfavoráveis, quanto menor é a quantidade de informação, maior é o grau de cortesia. (Haverkate, 1994: 44)

As máximas de relação e de modo orientam o conteúdo proposicional dos atos de fala, suscitando contribuições relevantes e pertinentes ao contexto linguístico como também mensagens claras, que não permitem a ambiguidade da informação.

A máxima de qualidade, por sua vez, funda-se na verdade ou falsidade de uma proposição enunciada e não se cumpre devido à cortesia, se dizer a verdade significa ameaçar a face do ouvinte.

Brown e Levinson ([1978] 1987) promoveram o ramo social da pragmática e se utilizaram também deste conceito de face para estabelecer sua teoria da cortesia, retomando e sistematizando os estudos de Goffman. Conforme os autores, o indivíduo preserva em si mesmo certa imagem pública ou reputação que determina os comportamentos sociais e as estratégias de cortesia, uma vez que a face se refere à autoimagem que todo indivíduo deseja para si mesmo e busca manter nos contatos interpessoais.

Nessa visão, um contato social corresponde a um risco à imagem do falante e do ouvinte, devido à potencial invasão da territorialidade por parte de um dos interactantes. Desse modo, o falante suaviza esta ameaça através de procedimentos corteses, se não deseja ameaçar a face. Os interlocutores então, buscando o equilíbrio, protegem sua própria imagem e a do outro.

Observa-se que a imagem social é composta por duas vertentes: a *face negativa* e a *face positiva*. A face positiva corresponde à imagem que um indivíduo tem de si mesmo, ao anseio de ser aceito pelo outro e de que os outros compartilhem dos mesmos desejos. A face negativa, por sua vez, constitui o desejo de liberdade de ação, de não imposição e de domínio do próprio território.

Na atividade interpessoal de conversação, a cortesia se manifesta com base em um contrato conversacional que reflete os direitos e as obrigações mútuas das pessoas que interagem numa conversação. (cf. Fraser, 1980). Atuam, por um lado, a preocupação por parte do interactante de manter e reforçar a imagem que ele tem de si mesmo e, por outro lado, o desejo de cada indivíduo de

que seus atos não sejam impedidos por outros. Dessa forma, haveria uma constante busca do equilíbrio entre a ameaça e a preservação das denominadas faces dos participantes da interação. Segundo Goffman, neste impasse atua o *trabalho de face (face-work)* que institui todas as ações do indivíduo que tenta impedir a perda de qualquer face, as suas e as do outro. A esse trabalho de face, Brown e Levinson dão o nome de cortesia.

O modelo de Brown e Levinson propõe os conceitos de *cortesia positiva* e *cortesia negativa*. A primeira corresponde a uma compensação dirigida à imagem positiva do destinatário de forma que a cortesia positiva é a essência do comportamento familiar e distendido. A cortesia negativa, por sua vez, é uma ação compensatória dirigida à imagem negativa do destinatário. Este é o cerne do comportamento respeitoso. (Brown e Levinson, [1978] 1987: 129).

De acordo com Brown e Levinson ([1978] 1987) existe uma necessidade de reparar-se a ameaça ou a agressividade que qualquer contato social pressupõe. Apresentam um sistema de estratégias de cortesia como resultado do estabelecimento das várias ameaças que podem ocorrer, porquanto a maior parte dos atos de fala que são realizados na vida cotidiana seriam potencialmente ameaçadores. Tratam-se dos chamados *atos ameaçadores da face (FTAs: face threatening acts)*.

A teoria de Brown e Levinson, no que diz respeito às imagens sociais, positiva e negativa, e a questão da universalidade, que defende a possibilidade de abarcar conceitualmente os comportamentos de cortesia de todas as culturas, foram muito debatidas na atualidade, como será observado na seção seguinte (**2. Universalidade e relatividade: análise da teoria de Brown e Levinson**).

Numa conversação, as variáveis como o contexto, lugar, interação verbal, informação compartilhada, interlocutores, intenções comunicativas, etc., influenciam diretamente a escolha de uma forma linguística concreta por parte do emissor. Da mesma forma, a interpretação por parte do destinatário depende do que é codificado, por um lado, e do que é inferido, por outro lado.

Vale ressaltar que no que se refere à relação entre a situação extralinguística e a forma dos enunciados, o caráter social e as propriedades comunicativas, as normas de cortesia permitem um uso flexível das estratégias disponíveis conforme as condições de enunciação.

Mais especificamente, a respeito da manifestação da cortesia na língua espanhola, Haverkate (1994), a partir da perspectiva pragmática, realizou um estudo sobre a cortesia positiva e negativa, a análise custo-benefício, as máximas conversacionais e de cortesia, além disso, enfocou, a partir de uma perspectiva linguística, o estudo das características dos atos de fala corteses e não corteses.

Conforme seus estudos, a cortesia se dá, também, a partir de normas pré-estabelecidas socialmente para a ocorrência de cada membro de um determinado par adjacente, para o qual há respostas preferidas e não preferidas de forma que expressam cortesia positiva as preferidas, porque respeitam a face positiva da pessoa a quem se dirige. Pelo contrário, nas respostas não preferidas, o falante cortês tenta compensar a reação negativa ao ato de fala se seu interlocutor. (Haverkate, 1994: 73-76)

Finalmente, para delimitar o termo cortesia que motiva o presente estudo, apresenta-se aqui a definição de Bravo (2004a: 5-7) que propõe denominá-la “*cortesia linguística, comunicativa, conversacional e estratégica*”.

Dado que a cortesia se insere entre os objetos de estudo da linguística e das ciências da linguagem em geral, justificam-se os seus qualificativos *linguística* e *comunicativa*, embora seu estudo possa pressupor a intersecção de outras disciplinas sociais.

O apelativo *conversacional* se refere a que o diálogo representa a interação modelo ao qual se aplica a cortesia linguística e comunicativa. Por fim, a delimitação de *estratégia* diz respeito à cortesia que depende de seleções livres que o falante produz no contexto da situação de fala, em contraposição à chamada cortesia volitiva que se refere àquela cujas expressões comunicativas correspondem a um ritual ou uma convenção social, caracterizadas por seu caráter fixo.

## 2 UNIVERSALIDADE E RELATIVIDADE: ANÁLISE DA TEORIA DE BROWN E LEVINSON

A partir da aplicação do modelo de Brown e Levinson ([1978] 1987), os enfoques teóricos da cortesia tomaram modelos pan-culturais para estudos de contraste entre manifestações de cortesia que são produzidas em situações socioculturais diferentes, principalmente no estudo da língua espanhola. Tem-se debatido, no entanto, as perspectivas universalistas, que defendem a possibilidade de abarcar conceitualmente os comportamentos de cortesia de todas as culturas.

A teoria de Brown e Levinson se fundamenta na ideia do “desejo de face”, ou seja, o desejo de preservação do território individual e de ser, de certa forma, acolhido numa interação. Estes desejos seriam constantemente contrariados na vida cotidiana, pois a maioria dos atos de fala é ameaçador para uma das faces, o que produz os FTAs (*face threatening acts*).

Segundo esses autores, a cortesia é motivada pelo desejo do indivíduo de manter uma imagem social universal. Bravo (2004b: 17), citando a Mead (1934) reitera que, em contraposição a esse conceito de imagem pan-cultural, se apresenta a assunção, derivada da tradição antropológica e funcionalista, de que as noções do “Eu” e as habilidades interpessoais são adquiridas mediante socialização. Portanto, as noções de cortesia não têm que ser necessariamente universais e há atos ameaçadores que não proporcionam o mesmo efeito em todas as culturas.

A discussão acerca do qualitativo “universal” para marcar as diferenças nas formas de manifestar cortesia de falantes de diferentes culturas tem se



adsorvido no conceito de imagem social ou face, definida por Goffman (1967). A atividade de salvaguardar a face se imporia na conversação e regeria os comportamentos comunicativos, uma vez que proteger a face seria uma condição na interação, ou seja, numa conversação, praticamente cada coisa que fosse dita abarcaria o risco de que os interlocutores se sentissem ameaçados devido às necessidades de suas imagens, por isso seria necessário preservá-la com o fim de obter um grau de harmonia interpessoal adequado.

Partindo da pragmática formal e do pensamento de Grice, Brown e Levinson destacam, então, a figura do indivíduo ante o grupo social, enfocando o papel de destinatário em contraposição ao de falante, centrando-se no conceito de imagem negativa, composta pelos desejos de liberdade de ação e de não invasão à sua privacidade. De modo que os falantes reproduziriam racionalmente, em uma interação, os efeitos de processos pan-culturais de pensamento, com a intenção de transmitir uma determinada mensagem a um receptor.

De acordo com esse modelo, o destinatário se converte no receptor das intenções corteses de um falante preocupado em satisfazer os desejos da imagem negativa de seu interlocutor, os quais correm constantemente o risco de serem ameaçados. Por isso os falantes realizam estratégias de cortesia negativa para estabelecer um estado satisfatório e evitar a ruptura conversacional e, por conseguinte, interpessoal.

Leech (1983) não partilha completamente da abordagem brown-levinsoniana, defendendo a ideia de que existem atos corteses em que não há espaço para ameaças e propõe que as funções ilocutórias podem ser classificadas de acordo com a sua relação com os objetivos sociais.

Examinando a teoria de Brown e Levinson, Kerbrat-Orecchioni (1992,1996, 2005) reconstrói o sistema da cortesia brown-levinsoniano, que permite dar conta da formulação dos atos de fala e de seus fenômenos de encadeamento, mais especificamente do sistema de organização preferencial dos intercâmbios.

A autora propõe a reflexão sobre como os sujeitos poderiam relacionar as exigências de suas faces com o fato de a maior parte dos atos de fala representar uma ameaça a ambas as faces. Segundo a autora, a concepção brown-levinsoniana é excessivamente redutora e negativa. Assim, defende a existência dos chamados FFAs (*face flattering acts*) ou atos que reforçam a imagem:

a polidez consiste também em produzir “antiameaças”: se um grande número de atos de linguagem são de fato ameaçadores para as faces dos interlocutores, alguns deles, ao contrário, tendem a ser mais valorizadores para essas mesmas faces, como o elogio, o agradecimento ou os votos – ainda bem, pois não somente as faces pedem para ser preservadas, mas também, às vezes, elas esperam gratificações mais positivas (...) (Kerbrat-Orecchioni, 2005: 88)

Este termo se refere a um ato *valorizador* ou *elogioso* da imagem, o que não necessariamente funciona como o reforço da imagem ameaçada, mas como um reforço de um comportamento positivo de determinada interação. Por conseguinte, os atos de fala podem ser descritos como um FTA ou um FFA, dos quais podem diferenciar-se duas formas de cortesia: a *negativa*, que busca evitar ou atenuar a produção de um FTA, e a *positiva*, que visa a realizar algum FFA, que representa o complemento positivo dos FTAs.

De uma sociedade a outra, os comportamentos de cortesia variam consideravelmente, porém as diferenças não desestabilizam o modelo

apresentado por Kerbrat-Orecchioni, mas sim revelam que a concepção de um FTA ou um FFA mudam de cultura a cultura, e que, do mesmo modo, variam as situações em que convém ser cortês e em aquelas em que a cortesia não seria adequada. Nesse sentido, Hernández Flores (2004) confirma que na cultura espanhola, em muitas interações, usa-se a cortesia para realçar a imagem social sem que se vislumbrem ameaças prévias ou posteriores.

Bravo (2004b:27) ressalta a necessidade de incorporar o elemento sociocultural aos estudos de cortesia em diferentes comunidades de fala. A falta deste elemento descobre as fraquezas das teorias de linha universalista. Bravo aclara que nem sempre é possível descrever um “estilo de cortesia” valendo-se somente dos instrumentos que essa teoria brinda. Entretanto, há de se valorizar a capacidade descritiva da teoria universalista, de modo que Bravo leva em consideração o valor explicativo de “imagem social” ou “face”.

A dualidade da imagem social proposta por Brown e Levinson também é re-explorada por Diana Bravo, a saber, positiva e negativa. Esta, entendida pelos desejos de liberdade social e preservação do território pessoal, parece não coincidir em todas as sociedades, porque não se configura da mesma forma. Brown e Levinson teriam criado tais conceitos para dar conta das formas de cortesia negativa e positiva, contudo para expressar esta dualidade, Bravo apresenta as categorias de *autonomia* e de *afiliação*.

Para Bravo, a imagem de autonomia contempla o desejo do indivíduo de ver-se e ser visto como alguém com contorno próprio dentro do grupo, ou seja, refere-se a todo o que lhe diferencia deste. Os comportamentos de cortesia podem ser classificados conforme são orientados pela imagem de autonomia, mediante a qual um integrante de um grupo adquire um contorno próprio dentro

do mesmo. Esta se refere, de um modo geral, à noção de independência, relacionada à liberdade de ação e de juízo do indivíduo.

A imagem de afiliação se refere ao desejo de ver-se e ser visto pelas características que o identificam com seu grupo. Diferentemente dos conceitos de imagem positiva e negativa de Brown e Levinson, estas categorias são abertas e permitem a incorporação das características específicas que apresenta cada comunidade cultural.

Segundo Briz (2004: 67-68), os conceitos de autonomia e afiliação são traços essenciais para definir a cortesia e para reconhecer-se a maior ou menor adequação de uma contribuição cortês, assim como o êxito ou o fracasso da mesma.

A gestão da imagem tem um componente pessoal e social. O primeiro componente diz respeito à imagem qualitativa de direitos e equidade; o segundo, a saber, o componente social, remete para a imagem de identidade e aos direitos de associação. De acordo com Albelda (2004), as contribuições dessa teoria permitem compreender melhor a natureza etnocentrista da teoria de Brown e Levinson que somente consideram as ameaças individuais próprias da cultura anglófona. A autora argumenta que os direitos de sociabilidade podem ser manifestados de diferentes formas em cada cultura, e, portanto, a reparação ou não reparação de um ato depende da importância que os membros de uma determinada cultura concedem a esses direitos.

Cada língua possui uma convenção parcial das intervenções da cortesia, o que implica dizer que cada cultura torna subjetivo o uso de determinados mecanismos linguísticos para expressar cortesia (cf. Haverkate, 1994), isto é, cada cultura conforma os modos linguísticos. Assim, cada variedade geográfica e, por

último, cada indivíduo usará a forma que lhes parecer mais adequada à interação verbal.

As variáveis se relacionam com o *ethos* de cada sociedade em questão, o qual indica a qualidade da interação que categoriza um grupo, categorias sociais ou a própria sociedade. Vale ressaltar que, por exemplo, algumas sociedades apresentam um *ethos* geralmente cordial e outras um *ethos* formal e rígido, de forma que de acordo com essa “etiqueta”, determinados atos de fala implicam maior ameaça à face do que em outras.

A relação existente entre a imagem social e a cortesia não se constrói da mesma maneira em todos os grupos sociais, já que nem todos os grupos sociais concebem sua imagem social da mesma forma. Portanto, no que se refere às correlações mencionadas, não é possível criar-se conceitos universais, mas sim instrumentos de avaliação que permitam a observação da relação entre o comportamento comunicativo, as crenças e a visão de mundo dos falantes. (cf. Bravo, 2004b). A cortesia, então, não é universal, na medida em que suas formas e suas condições de aplicação variam de uma sociedade a outra. (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2004).

Conclui-se que os aspectos sociais são fundamentais para os estudos da cortesia. Considerando-os, Escandell-Vidal (1998), indica que os aspectos sociais e as diferenças culturais podem ser respaldados pelos aspectos cognitivos, propondo uma nova perspectiva a partir da Teoria da Relevância, o que será abordado no capítulo IV deste trabalho.

### 3 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO: A INTENSIFICAÇÃO E A ATENUAÇÃO

A partir da relação de interlocução entre o falante e o ouvinte, os participantes de uma conversação, surgem duas categorias pragmatolinguísticas, relacionadas com o realce de um dos dois interactantes: a *intensificação* - marcada pelo realce do falante - e a *atenuação* - marcada pelo realce do ouvinte. (Briz, 2001: 109)

As mencionadas estratégias derivam da atividade argumentativa e da atividade conversacional da negociação do acordo, quando, em muitos casos, devido à intenção do Eu e à presença do interlocutor, é requerido um comportamento que deve dar-se segundo as táticas da cortesia.

Teoricamente, a atenuação e a intensificação não são estratégias opostas, mas sim correspondem a categorias complementárias, de modo que pode haver situações em que ambas são usadas para sintonizar as relações interacionais. (cf. Albelda, 2004)

### 3.1 A intensificação na conversação coloquial

Antonio Briz (2001), partindo dos estudos de Beinhauer (1991), Vigara (1992) e Herrero (1991), define a intensificação como o fenômeno pelo qual o falante, com o desejo de tornar a comunicação mais expressiva, destaca uma parte do enunciado ou sua própria atitude de comunicação diante de seu interlocutor, o que pressupõe uma ênfase.

Este fenômeno se relaciona com o *Princípio de Cooperação* de Grice (1975), isto é, os operadores de intensificação, segundo Briz (2001), relacionam-se com o conceito de força argumentativa e realçam algumas máximas, principalmente as de quantidade, de qualidade e relação das contribuições do Eu, levando em conta os aspectos afetivos na fala coloquial, uma vez que o Eu utiliza o intensificador para reforçar a verdade do que é dito, como forma de persuadir ou recriminar e, muitas vezes, para valorizar a sua intenção. Com a intensificação, pretende-se ser claro e adicionar força argumentativa ao que é dito, reforçando o que é apresentado.

Segundo Antonio Briz, há variados recursos intensificadores<sup>4</sup> como também funções pragmáticas, tanto no plano local da conversação quanto no plano global. Correlativamente, a intensificação se manifesta mediante variados recursos morfológicos, sintáticos, léxicos e fonético-fonológicos. Intensifica-se, em geral, no nível do enunciado, o que é dito, o conteúdo proposicional e conceitual

---

<sup>4</sup> De acordo com Antonio Briz (2001: 116-124), pode-se intensificar na língua espanhola por *modificação interna* (uso de sufixos aumentativos ou prefixos intensificadores), *recursos sintáticos* (estruturas comparativas, enunciados exclamativos, artigo + de + substantivo, *No...sino...*, etc.), *elementos lexicalizados* (unidades fraseológicas, locuções adnominais, adverbiais e verbais, etc.) e *recursos suprasegmentais* (curva melódica, pronúncia, tom, etc.)

(intensificação semântico-pragmática); e o dizer, a força ilocutória de um ato de fala, ou a presença dos participantes da enunciação (intensificação pragmática).

Os intensificadores desempenham um papel estratégico e podem produzir a *modificação semântica do que é dito*, tratando-se dos intensificadores da quantidade e da qualidade do enunciado ou parte do mesmo, com valorações do Eu, quem intervêm nos processos argumentativos do diálogo, e a *modificação ou realce pragmático do dizer*, que se trata dos intensificadores da atitude, proporcionadores de maior força ao ato ilocucionário e inclusive chegam a alterá-lo, através de verbos performativos ou de partículas que atuam como estes. Assim, a partícula *pues* pode ser um recurso intensificador de afirmação no exemplo a), e da negação e da atitude negativa de desconformidade, nos exemplos b) e c). (Briz, 2001: 127-135)

a) *pues sí*

b) *pues no*

c) *¡pues sí señora!*



### 3.2 A atenuação na conversação coloquial

Para definir os procedimentos atenuadores, de abrandamento, deve-se considerar que estes implicam a cortesia, mas a recíproca não é verdadeira, isto é, as estratégias de cortesia podem valer-se da atenuação ou utilizar outros recursos.

Nesse sentido, partindo das publicações de Beinhauer (1991), Steel (1976), Haverkate (1994), Hermann (1988), Antonio Briz (2001), reitera-se que os atenuantes são uma das formas de expressão cortês, contudo a cortesia é somente uma das manifestações ou funções dos atenuantes, porque estes não são sempre um modo cortês da expressão que guia a relação social. (Briz, 2001: 145-146). Trata-se de uma estratégia da conversação espanhola, em que a máscara da aparência cortês esconde o propósito de enunciar com eficácia, o que é possível através da atenuação do enunciado ou do que está por enunciar-se. Portanto, com a atenuação, a intenção é mostrar-se gentil, modesto, colaborativo, isto é, estrategicamente cortês.

O que se atenua, geralmente, no nível do enunciado, é o que é dito, seja uma parte ou o todo (atenuação semântico-pragmática); e também, no nível da enunciação, se atenua o dizer, a força ilocutória de um ato ou a presença do Eu e

a implicação do Você (atenuação pragmática)<sup>5</sup>.

No âmbito da conversação, atenuar corresponde a modificar um ato de fala visando à redução dos efeitos indesejados que este possa ter, considerando a presença do interlocutor. Por isso o falante emprega variadas estratégias para indicar sua intenção de abrandar a força de um ato de fala, uma palavra ou uma expressão.

Nas interações orais, quando há a necessidade de proteger a própria imagem ou de evitar a ameaça à imagem do interlocutor, empregam-se os procedimentos de atenuação. A função mais frequente da atenuação é, portanto, a cortesia (Briz, 1998), o que corresponde à necessidade de proteger a face diante do que pode representar uma ameaça. Entretanto, deve-se considerar que em situações é possível abrandar o efeito da ameaça social mediante a adição de atos de reforço. (cf. Albelda, 2004).

Puga (1997) considera a atenuação como um ato de tomar distância: o falante toma distância de si mesmo, do tempo presente, da mensagem e do receptor.

Os estudos das estratégias de atenuação devem ser realizados de modo a refletir não somente aspectos linguísticos ou pragmáticos, mas também as diferenças entre as culturas. Existem traços peculiares e diferenciadores que fazem da atenuação um mecanismo com marcas socioculturais.

---

<sup>5</sup> A atenuação semântico-pragmática pode manifestar-se na língua espanhola por: *atenuação semântico-pragmática de um elemento* (modificação morfológica externa, ação de quantificador, partículas (*como*), etc.); *atenuação semântica de toda a proposição* e de *um elemento da proposição*.

A atenuação estritamente pragmática pode manifestar-se pela:

- *atenuação da força ilocutória do ato*, que funciona de acordo com os seguintes procedimentos: *atenuação pragmática performativa*, *atenuação pragmática por modificadores à margem*, *atenuação por elipse da conclusão*;
- *atenuação da força ou papel dos participantes da enunciação*, que funciona pela *impersonalização do Eu* e *despersonalização do Você* (Briz, 2001: 148-158).

Nesse âmbito, destaca-se que o espanhol peninsular é mais direto, preferindo muitas vezes enunciados não atenuados em comparação com outras comunidades linguísticas. (Briz: 2001: 146)

No caso da comunidade de fala de Santiago do Chile, em estudo sobre os recursos de atenuação e intensificação na fala de jovens, Montesino (2004) conclui que os falantes usam a atenuação como uma estratégia de cortesia para abrandar o valor veritativo de seus enunciados. De acordo com o autor, as estratégias que usam correspondem ao que, segundo Haverkate (1994), constitui da distância sintática que mitiga a força assertiva e a seleção modal.

Albelda (2004) realiza uma análise contrastiva entre as duas comunidades de fala, quanto aos procedimentos de cortesia em Madri e Santiago, das quais também se ocupa o presente estudo, e conclui que as conversações do *corpus* analisado mostram uma diferença quantitativa considerável: na Espanha se realizou 26,6% mais atos com potencial ameaçador do que no Chile; do total de ameaças do *corpus* chileno, foram atenuadas 43%, enquanto que na Espanha, somente 28%. Apesar deste resultado, a autora reitera que possivelmente o princípio de situação (as características que definem uma situação) é mais forte do que o de cultura, ou seja, os resultados de sua pesquisa sugerem que tanto jovens chilenos quanto espanhóis deixam de atenuar os mesmos atos de fala em situações de familiaridade. Dessas correlações, conclui que o que poderia ser uma diferença cultural, marcada pelo maior ou menor número de atenuantes, neutraliza-se em situações informais.

Quanto à sua manifestação, a atenuação inclui uma enorme variedade de

meios e procedimentos<sup>6</sup>. Utiliza recursos semânticos e também pragmáticos e entre eles podem atuar os marcadores modalizadores no âmbito da conversação. No tocante à ocorrência destes marcadores, sabe-se que esta determina o impacto social de um ato de fala, mas uma reflexão mais detalhada dos marcadores será realizada no capítulo II desta pesquisa.

---

<sup>6</sup> Montesino (2004) realizou um estudo sobre as estratégias de intensificação e de atenuação na conversação coloquial de jovens chilenos e evidenciou os seguintes recursos:

- Atenuação pragmática: pela ação atenuadora de verbo performativo: *Yo creo que, etc;*
- Reformulação repetitiva: *mi impresión acerca de la institución..., mi impresión acerca de la universidad..., etc;*
- Uso de *nosotros* inclusivo;
- Uso de falso dissenso: *pero, etc;*
- Atenuação pragmática por modificadores à margem; expressões modalizadoras do ato de fala: *puede ser, no sé, etc;*
- Atenuação por modificação externa; quantificadores ou partículas: *como, un poco, etc;*
- Atenuação semântica de toda a proposição, por efeito do uso de modificadores proposicionais: *si bien por una parte, etc;*
- Uso de operadores pragmáticos: *se supone que, o sea, ponte tú, ¿me entendí o no? ¿cachái?, etc;*
- Abrandamento do verbo performativo através do uso de uma atenuação pragmática por modificação à margem mais uma apelação ao destinatário e sinal de não ameaça a sua imagem negativa: *pienso yo, no sé qué es lo que piensan ustedes, etc.*

## CAPÍTULO II

## **OS MARCADORES DISCURSIVOS: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA**

### **1 ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: PARÂMETROS PARA ESTA PESQUISA**

Analisar a língua na sua modalidade falada é uma tarefa que exige muitos cuidados, uma vez que cada enunciado é resultado de uma série de fatores que devem ser levados em conta.

Como um dos objetivos desta pesquisa é investigar características da fala juvenil de duas localidades hispânicas, Madri e Santiago do Chile, a Análise da Conversação compõe uma das bases desta análise juntamente com a Área da Pragmática, posto que o funcionamento da fala, os processos conversacionais, a interação entre os falantes, bem como a relação social e comunicativa, norteiam esta investigação.

Na linha da Etnometodologia e da Antropologia, a Análise da Conversação surgiu em meados de 1960, no início, preocupando-se principalmente com a descrição das estruturas da conversação (incluindo ações verbais e não-verbais) e seus mecanismos de organização destacados por Sacks e Garfinkel. As primeiras implicações revelaram que a atividade da língua falada não é aleatória ou anárquica, mas é regida por regras.

Posteriormente, indo além da perspectiva organizacional, tendeu-se a observar outros aspectos envolvidos na atividade conversacional. Gumperz (1982) favoreceu uma perspectiva que toca os processos cooperativos da

atividade conversacional, como também a especificação dos conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais, como a *interpretação*. Esta perspectiva mostra como a organização, ou seja, a arquitetura geral da conversação, constitui-se um reflexo de um processo subjacente, desenvolvido, percebido e utilizado pelos interactantes de uma atividade comunicativa, de modo que “as decisões interpretativas dos interlocutores decorrem de informações contextuais e semânticas mutuamente construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais, entre outros”. (Marcuschi, 2000:7)

A Análise da Conversação se relacionou com muitas disciplinas<sup>7</sup>, cujas fronteiras são superpostas com frequência, sendo transdisciplinar desde as suas origens. (Kerbrat-Orecchioni, 2000: 17). Alguns exemplos destas disciplinas são:

---

<sup>7</sup> Kerbrat-Orecchioni (2000: 17-24) propõe arrojor um pouco de luz neste “imbróglgio disciplinar”, dividindo estas correntes em quatro grandes tipos de enfoque:

**A. Enfoque de tipo “psi” (psicológico ou psiquiátrico):** (P. Watzlawick *et. al.*) enfoca o interacionismo em psicologia, com preocupações de ordem terapêutica: tratar de disfunções resultantes do sistema relacional global;

**B. Enfoque etno-sociológico:**

a) *Etnografia da comunicação:* (D. Hymes, J. Gumperz) apresenta interesse pelos fenômenos de variação de uma comunidade de fala à outra, considerando as condições de uso da língua, define a *competência comunicativa* como um conjunto de capacidades que permitem ao sujeito falante comunicar de modo eficaz, em situações culturalmente específicas.

b) *Etnometodologia:* (H. Garfinkel) (procedimentos, saberes e técnicas) com fundamentação nas trocas “rotinizadas”, nas normas que sustentam comportamentos sociais, etc., descreve os métodos que os membros de uma dada sociedade utilizam para gerir como convém o conjunto de problemas comunicativos que eles têm de resolver na vida cotidiana;

c) *Outras abordagens sociológicas:* (W. Labov, J. Fishman, S. Ervin-Tripp, E. Goffman) os trabalhos empreendidos em sociolinguística influenciaram a literatura interacionista e o estudo etológico das comunicações da vida cotidiana.

**C. A abordagem linguística:** (Escola de Genebra, trabalhos conduzidos em Paris, Lyon, Rouen ou Aix-em-Provence, citando apenas o domínio francófono), principalmente na década de 80, onde muitos pesquisadores se dedicaram ao estudo da conversação, mudando a perspectiva e colocando as construções teóricas inteiramente a serviço dos dados empíricos;

**D. A abordagem filosófica:** (J. L. Austin, J. Searle, Wittgenstein, H. P. Grice, F. Jacques) os modelos conversacionais adotam a noção do ato de fala, retomando, a seu modo, a concepção pragmática do discurso, segundo a qual “dizer é fazer”.

Contemplando esta última abordagem, que interessa especialmente a esta pesquisa, preocupada com a vinculação situacional, a Análise da Conversação estabelece uma relação com o caráter pragmático, ou seja, a dependência do contexto da interação social permite que toda atividade de fala seja analisada segundo a sua realização local, de forma que os interlocutores são os que fornecem as evidências das atividades desenvolvidas por eles. Porém, a Análise da Conversação se difere da pragmática, em parte pelas diferentes motivações históricas, mas também porque adota diferenciados métodos de análise e uma perspectiva sociolinguística.

psicologia social e psicologia interacionista, microssociologia, sociologia cognitiva, sociologia da linguagem, linguística, dialetologia, filosofia da linguagem, etnolinguística, etnografia, antropologia etc.

Com base nessas correlações, observa-se que a Análise da Conversação se dá a partir de estudos empíricos, em situações reais de uso da língua tendo, pois, caráter indutivo. Nessa linha destacam-se singulares projetos que têm como fundamento materiais empíricos que reproduzem conversações reais, a partir de *corpora* gravados e transcritos, como o *Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica*, desenvolvido no México e que inspirou o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta Falada no Brasil (NURC), ambos criados na década de 60. Na Espanha, destaca-se o *Proyecto Val.es.co (Valencia, español coloquial)*, que estuda o espanhol na sua modalidade coloquial. E na Noruega é desenvolvido o *Corpus de Lenguaje Adolescente (COLA)*, que tem construído atualmente um *corpus* de linguagem juvenil de capitais latino-americanas, permitindo uma análise contrastiva.

A exemplo dos mencionados projetos, no que diz respeito à modalidade das conversações a serem analisadas, o *corpus* para uma pesquisa nesta área deve ser constituído por gravações de conversações espontâneas, não planejadas e naturais.

Estudos recentes da Análise da Conversação apontam para a importância de elementos presentes na enunciação e na organização do texto falado, como a coesão e a coerência, as trocas de turno, o tópico discursivo, os pares adjacentes, as digressões, atividades de formulação (correções, hesitações, repetições e paráfrases) e os marcadores discursivos.



## 1.1 A conversação

Primeiramente, é importante delimitar o termo *conversação*: esta atividade é caracterizada por ser a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; ela desenvolve um espaço privilegiado para a construção das identidades sociais no contexto real e, por fim, exige uma significativa coordenação de ações relacionadas à habilidade linguística dos falantes. (Marcuschi, 2000: 5)

No tocante à organização elementar da conversação, esta se fundamenta em cinco características básicas constitutivas. (Marcuschi, 2000: 15):

- a) Interação entre pelo menos dois falantes;
- b) Ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- c) Presença de uma sequência de ações coordenadas;
- d) Execução numa identidade temporal;
- e) Envolvimento numa “interação centrada”<sup>8</sup>.

Briz (2001) oferece um detalhado estudo sobre as características da *conversação coloquial*, advertindo para o fato de que não se deve confundir o espanhol coloquial com o vulgar ou popular, com um tipo de discurso, utilizando-o como sinônimo do termo *conversacional*. Tampouco deve ser desconsiderada a diferença entre registro e socioleto ou reduzir o espanhol coloquial ao peculiar, a um fato idiomático.

---

<sup>8</sup>Por interação verbal centrada entende-se a conversação que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum (Marcuschi, 2000:15)

A conversação coloquial é, pois, um tipo de registro informal, cujas características são a espontaneidade, a naturalidade e a falta de planejamento verbal.

Quanto às suas características situacionais, também encontradas no *corpus* da presente pesquisa, destacam-se: a relação de igualdade entre os interlocutores, a relação de proximidade, o marco discursivo familiar e a temática não especializada.

## **1.2 A estrutura e as características organizacionais da conversação relevantes para o estudo dos marcadores**

Voltando a tratar da conversação em geral, como um tipo de discurso, para um primeiro nível de análise, segundo o sistema de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), a *sucessão de turnos* numa interação é um mecanismo chave. O turno, um dos componentes centrais do modelo, é caracterizado por aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo o silêncio. Assim, a atividade dialogal se fundamenta no *princípio da alternância* de turnos. (Kerbrat-Orecchioni, 2000: 44)

Importa sublinhar que a conclusão de um turno ocorre em um lugar *relevante para a transição*, ao respeitar-se a regra *fala um de cada vez*. As *pausas*, *silêncios* e *hesitações* são organizadores locais que podem constituir-se em lugares relevantes para a transição de turnos.

No que diz respeito à distribuição de turnos de falantes<sup>9</sup>, é interessante destacar que, na variedade do espanhol peninsular, a regra geral de falar um por vez é constantemente violada, uma vez que os *assaltos ao turno* e as *falas simultâneas e sobreposições (overlaps)* são mais recorrentes em comparação com outras línguas. Desse modo, o estrangeiro, ao interagir com falantes desta língua-cultura, que ficar esperando pausas relevantes ou que lhe cedam a palavra, pode correr o risco de não ser ouvido, se não aprender a assaltar o turno como os espanhóis numa conversação coloquial, uma vez que por trás disso há outro modelo cultural. Os solapamentos de turnos e as interrupções na conversação informal são interpretados na cultura espanhola como sinais de empatia e de solidariedade. (cf. Haverkate, 2003)

No que diz respeito ao canal de comunicação, o responsável por mantê-lo entre os participantes do diálogo é o *tópico*, que, embora geralmente seja desenvolvido por duas pessoas, não constitui um texto falado com papéis divididos numa conversação espontânea.

Ao tratar-se, pois, do desenvolvimento da interação, é necessário levar em conta a atuação dos marcadores discursivos. É importante ressaltar, nesse caso, que um mesmo marcador pode desempenhar diferentes funções e, para a sua análise, é necessário apreciar a distinção entre unidades monológicas e unidades dialogais. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2000: 55), partindo do nível monológico, os *atos de fala*, ao serem combinados, contribuem *intervenções*, ambos construídos por um único falante; parte-se então para o nível dialogal se

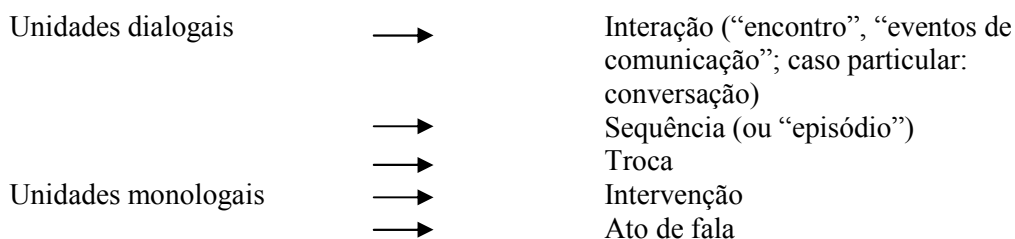
---

<sup>9</sup> Segundo Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), com base na cultura norte-americana, as técnicas do mecanismo que governa a tomada de turnos são:

Técnica I: o falante corrente escolhe o próximo falante, e este toma a palavra iniciando o próximo turno;

Técnica II: o falante corrente para e o próximo falante obtém o turno pela auto-escolha.

houver uma *troca* com pelo menos dois falantes intervindo; a combinação de trocas constitui as *sequências* que combinadas dão origem às *interações*, unidades máximas de análise.



(Kerbrat-Orecchioni, 2000:55)

Pode-se descrever a interação como uma unidade comunicativa que apresenta uma evidente continuidade interna, abarcando o prosseguimento do grupo de participantes, do quadro espaciotemporal e dos temas abordados.

A sequência, nesse modelo, é definida como um conjunto de trocas unidas por coerência semântica e pragmática, regidas por um mesmo tema ou tarefa.

Em outro nível, a troca constitui a menor unidade dialogal e é constituída por pelo menos duas intervenções, lembrando que um dos pares pode ser realizado por um meio não-verbal ou simplesmente ser ausente, no caso de uma *troca truncada*. Uma troca constituída por duas intervenções pode formar o chamado *par adjacente que*, segundo a Análise da Conversação, são movimentos coordenados e cooperativos, presentes na conversação de forma alternada, promovendo a organização do texto de fala. (Marcuschi, 2000: 34-35). Como exemplo, pode-se citar: pergunta-resposta, ordem-execução, convite-

aceitação/recusa, cumprimento-cumprimento, pedido de desculpa-perdão etc. Dessa forma, as intervenções podem distribuir-se de forma distinta dentro do discurso e podem ser iniciativas, iniciativo-reativas ou reativas, de modo que as funções de um marcador podem variar segundo a posição em que se apresente, seja ao início, no meio ou no final da intervenção. (Pons Bordería 2000: 213)

É importante sublinhar que no nível monologal, a intervenção não deve ser confundida com o turno de fala, pois cada uma das emissões informativas que preenchem os turnos são as intervenções. Estas, por sua vez, são constituídas por atos de fala que tampouco são funcionalmente equivalentes, isto é, havendo vários atos de fala numa intervenção distingue-se o *ato diretor*, que apresenta um ato pragmático dominante na interação, e outros *atos subordinados*.

O ato de fala é descrito pela tradição pragmática, como os atos de perguntar, pedir, prometer, desculpar-se etc., embora a Análise da Conversação adequue esta noção às realidades conversacionais.

Tendo descrito estas unidades de análise dialogais e monologais, convém voltar à noção de pares adjacentes. Sacks e Schegloff desenvolveram o termo de *preferência* para descrever as diversas características encontradas nas diferentes formas de os falantes realizarem ações alternativas não-equivalentes, porque os segundos membros dos pares adjacentes possuem um escalonamento na qualidade de resposta, havendo, portanto, ações *preferidas* e *não preferidas*. É necessário destacar que a preferência ou não de ações é social e culturalmente determinada, mas geralmente as não preferidas tendem a ser marcadas e evitadas. A cultura espanhola, por exemplo, ao receber um elogio, como “*¡Qué linda camisa!*” a resposta esperada e preferida de quem o recebe deve demonstrar humildade e desvalorização, como “*¡Qué va! Es tan vieja...*” ou “*¡Te*

*gusta?*”, porque geralmente, realizando uma reflexão pragmática, expressar certa concordância com elogio representaria um traço de descortesia.

Após esta breve descrição das unidades presentes na conversação, a seguir, dedicar-se-á à abordagem dos elementos que abarcam relações estruturais, linguísticas e pragmáticas num evento de comunicação verbal: os marcadores discursivos.

## 2 BREVE ESTADO DA QUESTÃO DO ESTUDO DOS MARCADORES DISCURSIVOS

Said Ali (1930) foi um dos pioneiros nos estudos dos marcadores discursivos, embora este termo não fosse aplicado anteriormente. O autor faz referência a palavras e frases que atuam espontaneamente nos diálogos, destacando que, sem esses elementos, as proposições parecem perder o intuito de sua expressão. Dessa forma, antecipa o que a pragmática chamaria de *força ilocutória*, a qual, segundo Austin (1930), promove a alteração no valor da frase e a adaptação à interação verbal.

As obras gramaticais de Gili Gaya (1983), Alcina e Blecua (1975), antes que se consolidassem as propostas da pragmática, contribuíram para os estudos dos marcadores discursivos em espanhol. Gili Gaya inclui os marcadores dentro do conjunto dos “*enlaces extraoracionales*”, fazendo referência ao vínculo que mantêm com noções externas à da chamada predicação, como as que se relacionam com as atitudes ou intenções do falante com relação ao que diz ou ao que foi dito. (Martín Zorraquino, 1988: 22). Ainda no âmbito da gramática, a primeira propriedade gramatical atribuída aos marcadores, por Gili Gaya, foi a de *modalidade*, noção bastante antiga que tenta transmitir os fatores comentados acima, relacionados com a enunciação. Os marcadores do discurso, para muitos gramáticos, evidenciam diversos tipos de sinais de modalidade com relação à oração, conceito que, do ponto de vista pragmático, será tomado como turno.

Os primeiros a se interessarem pelos usos não oracionais dos marcadores foram Halliday e Hasan (1976), que descreveram mais especificamente suas funções como articuladores textuais de coesão.

Nos últimos anos, o estudo dos marcadores deixou de constituir uma novidade e existem completas bibliografias sobre o assunto (Cortés Rodríguez, 1995a e 1995b) e estudos de ordem teórica (Martín Zorraquino, Montolío Durán, 1998; Martín Zorraquino, Portolés Lázaro, 1999; Portolés, 1999; Portolés, 2001; Montolío Durán, 2000; Casado Velarde, 1993). Todavia, o campo de pesquisa parece ainda bastante amplo conforme as distintas perspectivas a partir das quais se pode focar o estudo dos marcadores discursivos. (cf. Uribe Mallarino, 2005).

No que diz respeito à perspectiva pragmática relacionada ao estudo dos marcadores, Maria Antonia Martín Zorraquino (1988) deu um passo adiante, embora ainda encerrasse um enfoque a partir do ponto de vista da gramática e baseado nas relações semânticas. Esta autora indica que o termo marcador do discurso não identifica uma só classe de palavras, mas também marca um conceito pragmático ou enunciativo. Destaca a relação com a pragmática que conservam alguns marcadores, como os chamados “*conjuntivos*” (principalmente *y*, *que* e *pero*), os quais parecem guardar relação com a ênfase ou a atenuação da força ilocutória do enunciado<sup>10</sup>.

A autora, no entanto, apresenta uma descrição gramatical dos marcadores, o que dificulta sua sistematização tanto a partir do ponto de vista categorial quanto no que se refere à sua distribuição e funções pragmáticas.

Quanto aos estudos acerca dos marcadores discursivos, autores têm diferentes perspectivas segundo a abordagem funcional de tais unidades.

---

<sup>10</sup> Maria Antonia Martín Zorraquino (1988) ilustra o uso do marcador *que*, através do exemplo: “*Señora le da el sol*”, uma intervenção para informar assertivamente à interlocutora de um determinado fato. O enunciado “*Señora, ¡que le da el sol!*”, com a presença de “*que*” e entonação ascendente, reforça a asserção, desenvolvendo o valor informativo que o enunciado tem, no sentido de enfatizar a orientação com que foi emitido, para advertir-lhe sobre o possível excesso de sol. Por fim, em um enunciado como “*Señora, que le da el sol*”, com entonação normal, “*que*” atenua a força assertiva que implica a informação que o enunciado contém, e se trata, então, de uma estratégia de cortesia verbal para suavizar provavelmente o fato de que o falante se dirija a uma interlocutora desconhecida.



Conforme Poblete (1999: 56), é possível oferecer duas posições gerais: uma delas concebe os marcadores discursivos como meios linguísticos que permitem a coesão das unidades supra-oracionais (Halliday e Hasan, 1976; van Dijk, 1979; Fuentes, 1987). Nessa primeira linha de pesquisa, os marcadores estruturam as unidades de fala e, a partir do ponto de vista funcional, relacionam as unidades sintáticas e as acomodam no contexto discursivo textual.

A segunda posição é conformada por linguistas como Portolés (1991), que, seguindo a Blakemore (1988 e 1992) e Blass (1990), defensores do princípio de relevância, assentem que a coesão não é a principal meta em usar marcadores discursivos, mas sim uma consequência. Esta posição é a que orienta o presente estudo e, de acordo com este último ponto de vista, os falantes não empregam os marcadores simplesmente para obter um texto coerente, mas os utilizam a fim de que o ouvinte realize as inferências relevantes dos enunciados. Portanto, tais partículas discursivas dirigem as instruções da atividade argumentativa, levando em consideração a interpretação do interlocutor.

Em virtude destas propriedades, sabe-se que os marcadores cumprem a função de guiar as inferências do destinatário, orientando o processo de interpretação, evitando ambiguidades e permitindo a captação do sentido dos enunciados de acordo com as diferentes propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas que os caracterizam. Por isso, os conectores não somente dão coesão aos discursos, mas também são elementos que condicionam a interpretação dos mesmos (Uribe Mallarino, 2005: 564).

Nota-se, portanto, que os estudos sobre os marcadores do discurso se incrementaram a partir do desenvolvimento da Pragmática, que concebe a comunicação não como um processo de codificação e decodificação, mas sim

como um processo que desencadeia uma série de mecanismos inferenciais, no qual os marcadores desenvolvem um papel fundamental, em oposição ao modelo de codificação e decodificação.

Nesse sentido, Briz (1998:173) propõe que os marcadores discursivos apresentam um valor sintético-proposicional *intra-oracional* ou *inter-oracional* e um valor pragmático no discurso, de forma que, além de encadear e unir atos de fala, os marcadores têm a propriedade funcional de introduzir e marcar atos argumentativos.

Com relação à distribuição dos marcadores na estrutura discursiva, considera-se que desempenham significativas funções na progressão dos turnos, no entanto há marcadores de início e de fechamento de turno, o que permite que alguns estudiosos os classifiquem de maneiras distintas.

Como dito anteriormente, é possível estabelecer que a função primordial dos marcadores esteja dentro da progressão dos turnos, cumprindo funções pragmáticas reveladoras da intencionalidade do falante, mas também semânticas, ao unir e relacionar a informação dos interlocutores dentro e entre os turnos (Poblete, 1999:56).

Para o estudo dos marcadores discursivos oriundos da variedade chilena, contribui significativamente a autora Poblete Bennett (1995, 1997a, 1997b, 1998 e 1999), que analisou um *corpus* composto por conversações de informantes de Valdivia, uma região urbana ao sul do Chile. Seus artigos são guiados pela Análise do Discurso, Análise da Conversação e Sociolinguística. Sua posição é especialmente teórica, evidenciando as potencialidades discursivas dos marcadores, suas contribuições na construção e na coerência global dos textos orais analisados, a distribuição dos marcadores em diferentes tipos de discurso

(expositivo, narrativo e argumentativo) e a variação condicionada pelas variáveis de idade, sexo e nível social.

Poblete Bennett também definiu valores interativos e funções para os marcadores, considerando suas posições dentro dos turnos de fala e, seguindo critérios estabelecidos por outros autores, além de critérios próprios, constituiu três grupos de acordo com as funções discursivas, ou seja, segundo os papéis que desempenham para a construção e para a coerência do texto oral.

Pons e Samaniego (1998), estudando também os marcadores provenientes da variedade chilena, neste caso analisando um *corpus* oral da região de Santiago do Chile, perceberam a lacuna existente entre os estudos dos marcadores e a perspectiva pragmática e apresentam propostas de classificação para dar conta dos conectores que servem para apoiar as unidades de fala, articulando as enunciações dos falantes. Tais autores criam em sua taxonomia o grupo dos “marcadores pragmáticos de apoio discursivo”, que, segundo os eles (Pons e Samaniego, 1999: 12), exercem um papel pragmático de apoio discursivo, favorecendo a conexão discursiva e facilitando a interação entre os interlocutores, enquanto que colaboram para a manifestação da subjetividade dos falantes, ou seja, para a modalização dos enunciados.

Examinando esses diversos estudos, constata-se a heterogeneidade de posições. Salvador Pons Bordería (1998), ao apresentar um detalhado estado da questão, afirma que uma das dificuldades para o estudo dos marcadores é a multiplicidade de posturas teóricas que produziram uma série de definições e uma confusão terminológica que impedem uma visão global do problema.

O autor assevera que na Europa o termo *conector* está amplamente difundido. Contudo, nos Estados Unidos, o termo *marcadores discursivos* é mais

utilizado como uma categoria que abarca mais elementos que o correspondente europeu, uma vez que é uma classe que compreende elementos verbais e não verbais (Pons Bordería, 1998). Entretanto, na Europa o conceito de marcador discursivo é tomado como um sinônimo de conector ou como um hiperônimo, que engloba também categorias pragmáticas. Deste modo, o presente estudo também adota o termo marcador discursivo, bastante utilizado nos estudos realizados no Brasil, e também, como sinônimo, o termo conector.

A diversidade de etiquetas pode classificar o conector espanhol *pero*, por exemplo, como uma *conjunção*, segundo suas propriedades gramaticais. Como um *enlace extra-oracional*, em função de sua capacidade textual, como *conector argumentativo*, segundo suas funções argumentativas, como *marcador discursivo*, com base em sua função pragmática, e, por fim, como *modalizador*, de acordo com os fatores emotivos ou as atitudes dos que expressam. (cf. Pons Bordería, 1998). Assim, a busca de um ponto em comum entre diversas teorias é necessária para alcançar-se certo grau de compreensão intersubjetiva.

Cada teoria emprega um conceito de marcador. (Pons Bordería, 1998: 16-17):

- Ponto de vista estritamente gramatical: os conectores são reflexos superficiais de relações lógicas subjacentes, que podem ser agrupados em duas classes sintáticas, a coordenação e a subordinação.
- Análise da conversação: o conceito de conexão usado deve ser mais livre e todos os itens que unam dois fragmentos de uma conversação, garantindo assim a continuação da conversa, devem ser considerados conectores, em sentido amplo.

- Teoria da argumentação: quando a linguagem é concebida como um instrumento de argumentação, os conectores se tornam instauradores de estruturas argumentativas.
- Teoria da relevância: a conexão será um instrumento para orientar o tratamento das informações, através da restrição das possíveis inferências deriváveis do enunciado de um falante.

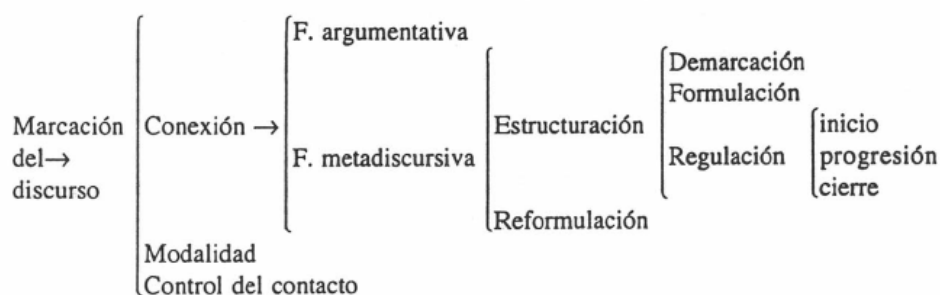
Pons Bordería (1998: 18-19) conclui que, para o estudo dos marcadores, o conceito de conexão pode ser abordado de diferentes pontos de vista, e o termo conector pode ser aplicado a diferentes domínios.

O estudo dos marcadores tende a centrar-se atualmente no campo da linguística com enfoque pragmático, que prioriza a exploração de questões e fenômenos relacionados ao uso e da chamada competência comunicativa. Os objetos de estudo são, portanto, a construção e a organização de textos e discursos, a Análise da Conversação, a atitude do falante com respeito ao que está dizendo e com o que quer dizer, assim como a forma de processar a informação por parte do interlocutor. As disciplinas que tem se ocupado desses domínios são a Linguística Textual e a Pragmática, as quais tem se somado a Análise da Conversação e a Ciência Cognitiva. (Uribe Mallarino, 2005: 564). Contudo, a seleção de unidades dependerá do ponto de vista adotado, que, no caso desta pesquisa, se trata da Pragmática, da Teoria da Relevância e da Análise da Conversação.

### 3 CLASSIFICAÇÃO COM BASE EM UM PONTO DE VISTA FUNCIONAL

Para o presente estudo, é necessário tomar como base uma classificação a partir do ponto de vista funcional, que se fundamenta pelos parâmetros da Pragmática, da Análise da Conversação e da Teoria da Relevância. Desse modo, será adotada a classificação dos marcadores realizada por Pons Bordería (2000: 202-212), apresentada no capítulo dedicado aos conectores na obra que coordenou Antonio Briz:

#### A marcação do discurso: valores dos conectores



(Pons Bordería, 1998: 201)

As definições apresentadas no quadro acima são descritas a seguir:

**1. Conexão:** é uma função em que se distinguem duas dimensões: a primeira indica o carácter interativo-inferencial da mensagem. A segunda, estrutura-a.

**1.1 Função Argumentativa:** ao falar, falante e ouvinte tentam influenciar-se e fazer prevalecer sua opinião sobre a dos outros; a retórica também se manifesta mediante o uso de conectores. Todos ou quase todos os conectores têm valores argumentativos. Juntamente a esta função argumentativa, frequentemente os conectores são guias para o processo inferencial do ouvinte, segundo a Teoria da Relevância, que podem ser extraídas dos enunciados do falante pelo ouvinte.

**1.2 Função Metadiscursiva:** esta função se refere ao planejamento discursivo;

1.2.1 Estruturação: refere-se à organização dos constituintes linguísticos, nas suas diversas unidades (sequência, intervenção, intercâmbio), de modo que conectar significa, além de indicar conclusões, organizar, compor ou hierarquizar a mensagem. Os conectores são elementos estruturadores e permitem decodificar a mensagem de uma forma mais econômica.

1.2.1.1 Demarcação: mediante este valor, os conectores hierarquizam e relacionam as partes do discurso, geralmente no início de cada sequência, delimitada pela coerência temática e que surge sem planejamento prévio na conversação coloquial, funcionando como organizadores do discurso.

1.2.1.2 Formulação: revela as dúvidas e os retrocessos no processo de produção da mensagem que possa ser interpretado pelo interlocutor para integrá-la em um tópico discursivo e em uma sequência conversacional.

1.2.1.3 **Regulação:** consiste em marcar o início, a continuação ou o final da unidade em que está inserido. A regulamentação pode marcar o caráter reativo de um conector, a progressão que se dá no interior dos intercâmbios e, por fim, indicar o fechamento da intervenção ou da sequência.

1.2.2. **Reformulação:** trata-se de um processo de distanciamento que o falante pode manter com respeito ao que disse e o que implica no que ele disse após este reformulador. É o segmento mais importante para a continuação do discurso.

**2. Modalidade:** além de unir enunciados, intervenções e outros constituintes, os conectores modalizadores também servem de veículo para outras funções como o *acordo*, o *desacordo*, a *intensificação* e a *atenuação*.

**3. Controle de contato:** esse processo rege a interação entre os participantes da interação e a negociação do acordo na mesma.

Vale destacar que ao assinalar um determinado marcador de acordo com essa a classificação não significa dizer que este possui somente a função concedida a ele, em detrimento da polifuncionalidade dos marcadores.

Após apresentar a forma de classificação dos marcadores, resta chamar a atenção para as funções e os valores dessas partículas na manifestação das estratégias de cortesia que atuam em diferentes níveis da interação.



#### **4 A MANIFESTAÇÃO DA CORTESIA VERBAL ATRAVÉS DOS MARCADORES**

A partir das publicações de Brown e Levinson (1987), Iglesias (2001) e Cepeda e Poblete (2006), pode-se afirmar que a ação dos marcadores discursivos se relaciona com a manifestação da cortesia verbal.

Os conectores contribuem com os processos de criação de textos e também podem ser empregados segundo a consideração das faces dos interactantes.

No plano pragmático, os marcadores de controle de contato, por exemplo, afetam a interação e desempenham funções de cortesia ou de colaboração com o interlocutor. Os marcadores modalizadores também estão extremamente envolvidos com as estratégias de cortesia, uma vez que constituem uma chave importante para que a conversação progrida amigavelmente e de modo eficaz, porque podem ser utilizados como expressões de acordo com a intervenção anterior.

Segundo Brown e Levinson (1987: 113), a busca pelo acordo constitui uma estratégia de cortesia positiva e é também uma das respostas preferidas para movimentos iniciativos. Os marcadores modalizadores também ocorrem como apoio ou reforço ao que foi dito ou para enfatizar ou atenuar a informação ou a expressão de opiniões do falante, implicando o fenômeno da cortesia.

São escassos os estudos que relacionam a atuação dos marcadores hispânicos e as estratégias de cortesia com um enfoque sociocultural. A fim de mencionar a relevância de estudos empíricos que evidenciam as oposições e os contrastes entre comunidades de fala na manifestação da cortesia, é importante

destacar o trabalho de Lars Fant (2007) que, analisando e comparando diálogos autênticos de chilenos e argentinos, constatou significativas divergências no uso dos chamados *marcadores modalizadores de acerto formulativo*<sup>11</sup>. O autor verificou que estes marcadores, capazes de atenuar, intensificar, auto-regular, reformular e aproximar, ocorreram com mais alta frequência nas conversações chilenas do que nas argentinas. Além disso, as amostras chilenas analisadas possuem um grupo mais variado de tipos destes marcadores, segundo o autor. Das diferenças encontradas dentro do *corpus* examinado por Lars Fant, conclui-se que o uso destes marcadores se deve a diferentes padrões de preferências que governam as escolhas dos falantes de cada comunidade de fala, embora somente uma pesquisa mais ampla fosse capaz de comprovar se os chilenos em geral manifestam uma maior tendência a modalizar seus enunciados.

A pesquisa de Lars Fant (2007), como também a de Albelda (2004), já mencionada no presente trabalho - e que analisa os procedimentos de cortesia utilizados por falantes espanhóis e chilenos, contrastando os resultados -, abrem sendas nos estudos interculturais da cortesia verbal, relacionando diferentes comunidades de fala.

Nessa perspectiva, a seguir, analisam-se a atuação de marcadores *pues*, *claro* e *ya*, em conversações madrilenas e de Santiago do Chile, comunidades de fala diferentes que possuem um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística próprio.

---

<sup>11</sup> De acordo com Lars Fant (2007:45), "*mediante el término "acierto formulativo" nos referiremos, por tanto, al grado en que un hablante logra adecuar su elección de palabras al contenido conceptual al que quería dar expresión*". E entre os marcadores de acerto formulativo (MAF), cujas necessidades e efeitos de uso são filtrados pelos fenômenos da cortesia, estão os *auto-reguladores*, orientados à formulação e reformulação dos enunciados, assim como os *aproximadores*, que servem para "afrouxar" o grau de precisão do que é dito. Essa categoria também abarca as expressões que fazem o contrário, ou seja, que incrementam o grau de precisão do que é dito.

## CAPÍTULO III

## O ESTUDO DOS MARCADORES

As ideias apresentadas nos capítulos anteriores guiarão a discussão e a descrição de cada marcador discursivo, *pues*, *claro* e *ya*, de acordo com a manifestação das estratégias de cortesia em que estão envolvidos e suas diversas funções comunicativas, em cada variedade de língua, chilena e madrilenha a partir dos exemplos extraídos do *corpus*<sup>12</sup>.

Primeiramente, porém, destacam-se os antecedentes bibliográficos dos estudos de cada um dos marcadores mencionados, para que suas contribuições possam arrojarem luz sobre a atual pesquisa.

### 1 **PUES**

#### 1.1 **Pues: estudos peninsulares**

O marcador *pues* é sem dúvida um dos marcadores mais difíceis de explicar na língua castelhana, por causa de suas tão variadas e complexas transformações. (Pons Bordería, 1998: 123). Todo professor de espanhol com alguma experiência conhece a dificuldade que apresentam os estudantes em manter o controle do conector *pues* (Uribe Mallarino, 2005: 568) e, além disso, escassos são os livros didáticos e as gramáticas que tratam deste marcador de maneira exaustiva, oferecendo suficientes explicações sobre o seu uso.

---

<sup>12</sup> Os trechos do *corpus* selecionados aparecerão neste capítulo tal como foram publicados no *site* <http://www.colam.org>, acessado até a data de finalização desta pesquisa.

Ao tentar identificar o estatuto funcional do marcador *pues*, depara-se com um panorama no qual não existe um consenso, devido à multiplicidade de posturas teóricas e, inclusive, à polifuncionalidade desta partícula: para Fuentes (1987: 71), esta unidade se trataria de um *consecutivo átono*, de um *advérbio* para Portolés (1989: 278) e de um marcador *continuativo* para Martín (1991: 278), denominação esta que, a propósito, procede de Bello. (López Quero, 2008: 95)

Muitos linguistas, no entanto, para classificar os marcadores discursivos, têm usado a taxonomia elaborada por Martín Zorraquino e Portolés Lázaro<sup>13</sup> (1999: 4051-4213) presente na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española de la Real Academia de la Lengua*<sup>14</sup>. Esses autores classificam o conector *pues* como um *estruturador da informação* de tipo *comentador* (*pues, pues bien*), que introduz um novo comentário, e como um *conector* de tipo *consecutivo* (*pues, así pues*), que expressa uma sequência lógica com relação ao que foi dito anteriormente.

Nessa classificação, o *pues* comentador apresenta um comentário distinto a partir das circunstâncias ou explicações presentes em uma intervenção anterior, e assim poderia iniciar enunciados reativos a perguntas, exortações, asserções etc. Em geral, tais reações são as marcadas como não preferidas. Quanto à posição deste conector no enunciado, Martín Zorraquino e Portolés Lázaro (1999: 4083) afirmam que, funcionando como comentador, *pues* situa-se na posição inicial do membro que introduz, sem estar seguido por pausa, e o apresenta como

---

<sup>13</sup> Esta classificação oferece cinco grupos: a) **estruturadores da informação**, que se subdividem em *comentadores*, *ordenadores* e *digressores*; b) **conectores**, que se subdividem em *aditivos*, *consecutivos* e *contra-argumentativos*; c) **reformuladores**, que se subdividem em *explicativos de retificação*, de *distanciamento* e *recapitulativos*; d) **operadores discursivos**, que se subdividem em *operadores de reforço argumentativo*, de *concreção* e de *formulação*; e e) **marcadores conversacionais/de controle de contato**.

<sup>14</sup> Oportunamente, cabe recordar que esta não é a classificação adotada por esta pesquisa porque, sobretudo, não se guia por fundamentos pragmáticos, mas sim por relações semânticas, buscando um significado unitário para cada marcador.

um comentário novo e informativamente distinto a respeito do discurso que o precede.

O *pues* como conector consecutivo, por sua vez, quanto à posição, ao manifestar seu caráter consecutivo, pode ocorrer entre pausas, apresentando um membro do discurso do qual é precedente, vinculando semântica e pragmaticamente um membro do discurso com outro membro anterior. As inferências, portanto, serão obtidas do conjunto formado pelos dois membros relacionados.

Abrindo caminho nos estudos da conversação coloquial e da capacidade interativa, Briz (1993: 121) destaca que *pues* dá lugar à interação e às sequências de abertura e de fechamento da conversação através dos turnos de palavras, quando se encontra nas unidades dialogais. Nesse sentido, *pues* cria uma função interpessoal entre falante e ouvinte, implicando a interação e contribuindo com a coesão e coerência na conversação.

Briz (2001:174-175) indica ainda que *pues* pode desempenhar um papel conversacional como marcador de resposta, destacando o seu valor fórico, ao enfatizar o acordo ou o desacordo. Este conector também pode ter um valor catafórico que introduz uma resposta não preferida, adiantando uma desculpa ou justificção. Em outros casos, *pues* pode funcionar inclusive como organizador da matéria discursiva, podendo, pois, realçar um argumento, uma justificção ou uma conclusão, como limite das unidades do discurso.

Uribe Mallarino (2005) contribuiu para o estudo de *pues* no campo da pragmática, ao oferecer uma análise descritiva de seus diferentes casos, com base numa perspectiva contrastiva, ressaltando suas características principais e algumas possíveis correspondências com o italiano. Segundo a autora (2005:

571), a grande maioria dos casos em que *pues* é enunciado, este possui um caráter pragmático ou metadiscursivo. O marcador em questão remete claramente à evolução interna da comunicação e, de acordo com sua análise, está sempre orientado ao destinatário. Este marcador sinaliza turnos de palavras, reforços argumentativos, chamadas de atenção, retardos na comunicação ou serve para marcar ou destacar um enunciado que se apresenta como um comentário novo com respeito ao discurso que o precede. Assim sendo, certamente é um potencial veículo das estratégias de cortesia que adquire diferentes valores em cada interação verbal.

Propondo uma análise de diferentes atos do discurso das conversações virtuais da internet, López Quero (2008) enfocou as diferentes relações estabelecidas entre alguns marcadores discursivos, como o *pues*, e a inferência de cortesia e descortesia. Também fundamentado em Portolés e Martín Zorraquino (1999), o autor destaca que nas conversações virtuais analisadas, *pues* aparece como um comentador para iniciar uma pergunta ou desempenha um valor continuativo. Quando inicia uma resposta, trata-se sempre de um intensificador deste membro do par adjacente, transmitindo a implicatura da “expressão sincera do pensamento”. O chamado *pues* continuativo, por sua vez, expressa acordo ou desacordo com o emissor. No primeiro caso, tende a ser acompanhado pelos chamados “operadores argumentativos” como *bien*, *sí*, *bastante* ou *ya*, que funcionam como intensificadores, permitindo a inferência de uma implicatura de “solidariedade”. Contudo, quando expressa desacordo, o ato de discurso pode ser cortês ou descortês, ao tentar modificar a conduta do interlocutor.

Finalmente, ao analisar este conector, há de se considerar que, devido às diferentes funções que pode desempenhar, consiste num problema conceder um único valor ou sentido unitário a um marcador tão versátil como o *pues* (Uribe Mallarino, 2005: 566). E sendo, portanto, um marcador polifuncional muito comum no espanhol falado, para identificar seus múltiplos valores interacionais, é fundamental o conhecimento do contexto e dos aspectos socioculturais relativos à enunciação em que está inserido.

## **1.2 Análise do *corpus*: a variedade de Madri**

### **1.2.1 *Pues com função de conexão***

#### **1.2.1.1 *Função argumentativa***

Num evento de comunicação verbal, ao falar, não somente ideias são transmitidas como também falante e ouvinte tentam influenciar-se com o fim de fazer prevalecer a opinião própria sobre os demais. Nesse âmbito, todos ou quase todos os conectores têm valores argumentativos (Pons Bordería, 1998:204).

No exemplo (1), quatro interlocutores participam de uma troca, embora somente as intervenções de três deles apareçam no trecho selecionado. Atendendo a todos os critérios do registro coloquial, esta sequência revela que conversar é também uma atividade retórica que busca negociar estrategicamente, argumentar e persuadir. Nesta troca (1), o tema gira em torno da aparência física, o que propicia o debate sobre se a adolescente MABPE2J02, que participa da conversação, subiu de peso ou não.



(1)  
 MABPE2J01: 1[que no has {engordao|engordado} coño / ]  
 MABPE2J02: sí sí he {engordao|engordado}  
 MABPE2G01: o sea es que hay unos cachos de pivones que lo flipas tú solo  
 MABPE2G01: 2[es que dices joder niño te comería to lo negro ]  
 MABPE2J02: 2[pues a mí me han dicho en trabajo me han dicho una que he engordado **pues** yo te veo más delgada a tí ]  
 MABPE2G01: empezando por lo blanco  
 MABPE2J02: a que sí  
 MABPE2G01: así de claro  
 MABPE2J02: <navn>Miguel</navn> a que sí he engordado un poquito  
 MABPE2G01: 1[ estás muy guapa así ]

É notável a presença do marcador *pues* destacado no turno de MABPE2J02, com papel argumentativo na intervenção desta, que apresenta um valor de oposição com relação à intervenção de sua interlocutora MABPE2J01, que afirma que ela não engordou.

A ocorrência deste *pues* corresponde a uma intervenção descortês e marca o segundo membro do par adjacente asserção-desacordo, embora este par esteja separado pelo turno do falante MABPE2G01 que, está comentando a outro ouvinte (MABPE2G02), cujas manifestações orais não aparecem nesta troca, sobre o fato de existirem mulheres espetaculares – “o sea es que hay unos cachos de pivones que lo flipas tú solo (...)” - utilizando estilo comunicativo próprio da juventude e criando uma sobreposição de fala:

MABPE2J01: 1[que no has {engordao|engordado} coño / ]  
MABPE2J02: sí sí he {engordao|engordado}  
MABPE2G01: o sea es que hay unos cachos de pivones que lo flipas tú solo  
MABPE2G01: 2[es que dices joder niño te comería to lo negro ]  
MABPE2J02: 2[pues a mí me han dicho en trabajo me han dicho una que he engordado **pues** yo te veo más delgada a tí ]  
MABPE2G01: empezando por lo blanco

Nota-se aqui o valor dialogal do segundo<sup>15</sup> conector *pues* presente no turno de MABPE2J02, como marca de desacordo, com valor semelhante ao de *pero* (MABPE2J01: “*que no has engordado coño!*” - MABPE2J02: “*sí sí he engordado, pues a mí me han dicho en trabajo me han dicho una que he engordado, **pues** yo te veo más delgada a ti*”).

Desse modo, a falante MABPE2J02 nega a possibilidade de que não tenha engordado mediante o uso deste marcador, restringindo os argumentos de seus interlocutores e, assim, tenta invalidar a sua orientação argumentativa, apresentando, portanto, razões para chegar-se à conclusão guiada pelo marcador *pues*.

Percebe-se que nestas trocas, segundo a Teoria da Relevância, *pues* guia as inferências para os significados implícitos presentes nos enunciados de MABPE2J02. Ela intenciona reiterar sua opinião de que realmente está mais gorda, aludindo ao fato de terem comentado no local onde trabalha que tinha engordado e o fato de achar que a sua interlocutora está mais magra, com relação a ela. De modo que conclui, inquirindo ao adolescente MABPE2G01, que lhe responda que engordou, solicitando seu apoio argumentativo - “*Miguel, a que sí he engordado un poquito*”.

As trocas verbais a seguir (2) foram gravadas dentro de um carro em movimento, no momento em que os falantes comentam sobre o tráfego e um acidente na estrada, o qual provocou um engarrafamento. O processo argumentativo do diálogo se inicia quando tratam do Km 15, onde possivelmente inicia-se um congestionamento.

---

<sup>15</sup> A ocorrência do primeiro marcador *pues* que aparece em “***pues** a mí me han dicho en trabajo me han dicho una que he engordado pues yo te veo más delgada a ti*” será analisada na seção que trata de *pues* como marcador modalizador.

(2)

MASHE3G01: en qué kilómetro es/ no lo sabes/  
 MASHE3JV1: 2[eh hay accidente entre el quince y el veintitrés]  
 MASHE3G01: 2[entre el quince y el veintitrés/]  
 MASHE3G01: **pues** el quince es aquí justo no/  
 MASHE3JV1: 1[**pues eso** (xxx)]  
 MASHE3G01: 1[porque esta es la salida quince así que..]  
 MASHE3JV1: 2[no perooo . bueno puede ser (xxx)]  
 MASHE3G01: 2[si pero los kilómetros coinciden con las salidas]

A partir do enunciado de MASHE3G01 (“*pues el quince es aquí justo no*”), o ouvinte infere um dissentimento de forma a iniciar seu turno com *pues eso*, que constitui um marcador de reforço de um ato reativo de réplica. São notáveis aqui os valores intensificadores dessas partículas.

### 1.2.1.2 Função metadiscursiva

Nas amostras de fala juvenil que compõem o *corpus* deste trabalho, foi encontrado o *pues* com valor de *estruturador* do discurso, que marca o início, a progressão e também o fechamento da unidade em que se insere. Do mesmo modo, hierarquiza, organiza e compõe a mensagem.

(3)

MABPE2J01: 1[y si has engordado ]  
 MABPE2J02: 1[claro ]  
 MABPE2J01: **pues** mejor {pa|para} ti{hag|has} has ganado unos kilitos ya los perderás chica

Em (3), temos a marcação da progressão dos turnos dirigida pelo marcador *pues*, com valor de estruturador do discurso. Este conector oferece indícios hierárquicos ao indicar que a mensagem principal aparece no segundo ato da relação de subordinação, atuando como um guia para o processo inferencial em “*si has engordado, pues mejor para ti (...) ya los perderás, chica*”. Assim, possui um valor de regulador da sequência. Através desta estratégia, o falante consegue proteger a sua própria imagem e anula o significado negativo implícito que poderia ser inferido mediante “*si has engordado*”, levando em conta que nessa cultura associa-se um valor social negativo ao “engordar”, principalmente quanto às jovens. Assim, MABPE2J01 demonstra cortesia e estima por sua interlocutora, reduz os efeitos indesejados que possa ter o ato de fala, cria um ambiente de amabilidade e reforça a solidariedade através da emissão de um juízo positivo sobre ela, marcado pelo *pues*.

A seguir (4), há também um *pues* regulador, que atua num par adjacente:

(4)  
 MASHE3G05: sabes esquiar en paralelo/  
 MASHE3G02: sí  
 MASHE3G04: **pues** ya sabes más que yo  
 MASHE3G02: <risa/> vale

Neste exemplo, nota-se a função de *pues* como organizador da matéria discursiva, que introduz a conclusão do interlocutor MASHE3G04, limitando as unidades do discurso. Neste sentido, *pues* além de iniciar uma intervenção, organiza as partes da mensagem com o propósito de manter o fio e continuar a

sequência (Briz, 2001: 206-207). Tem-se um *pues* com valor reativo, ativado pela intervenção precedente e, portanto, regulador que, além de marcar o início da intervenção, a vincula com a anterior. Como em (3), a amostra (4) também está envolvida com uma estratégia de cortesia valorizadora, dado que *pues* introduz um ato de fala cortês que reforça a imagem do interlocutor – “**pues ya sabes más que yo**”.

Também com valor regulador, os exemplos (5) e (6) trazem *pues eso* que, de acordo com a sequência temática do diálogo, organiza a matéria discursiva e desempenha uma função catafórica que pode preceder uma réplica.

(5)

MAORE2J02: a mí me gustan todas...

MAORE2J02: 1[a mí me gustan todas me gusta hasta la piña ]

MAORE2J03: 1[y si a tu hermana le gusta... ]

MAORE2J03: la barbacoa pues pedimos la barbacoa nos gusta a todas y ya está está muy buena

MAORE2J03: es que mi hermana se refiere a la salsa barbacoa <echando el humo/>

MAORE2J03: ya ya **pues eso**... con salsa barbacoa

(6)

MAORE2J02: pues igual

NOSPEAKER: <ruido/>

es que me tengo que currar los exámenes finales pero a lo bestia porque tengo asignaturas tengo alguna suspensa practicamente todas menos que lo he estado mirando ya

**pues eso** tengo que aprobar

para estar segura de esos exámenes de momento tengo que aprobar filosofía y economía

eh y arte esas tres

las tengo que aprobar la tercera evaluación

porque la primera y la segunda las tengo aprobadas

para ir segura en esas tres asignaturas

*Pues eso* normalmente apresenta o membro do discurso em que há uma consequência ou conclusão do que foi dito anteriormente e normalmente possui indícios argumentativos quando atua no nível dialogal – “*ya ya pues eso... con salsa barbacoa*”.

*Pues nada* representa uma ampliação dos usos de *pues* com valor regulador como uma oferta do fechamento do tópico conversacional. Pode ser uma forma de negociar o término de uma unidade discursiva com a intenção de não continuar o assunto ou inserir uma conclusão.

No exemplo (7) o tema gira em torno das avaliações de um curso que ainda faltam ser realizadas e os falantes abrem o tópico conversacional sobre o fato de MALLC2J02 ter esquecido os conteúdos que serão exigidos nas provas. Será observada a ocorrência de *pues nada* a seguir:

- (7)
- MALLC2J02: 1[{{aemas|además} que es que ya ni me acuerdo tía de lo que hicimos ]  
 MACCL2JO1: 1[claaero ]  
 MALLC2J02: puf <resoplido/>  
 MACCL2JO1: 2[es que es eso que no te acuerdes ]  
 MALLC2J02: 2[ahora {pa|para} acordarme ]  
 NOSPEAKER: <ruido de cristal/>  
 MALLC2J02: **pues nada**  
 MALLC2J02: a inventárselo  
 MALLC2J02: por eso quería quedar con <navn>Christian</navn> porque él tambien las tiene que hacer y si es entre los dos  
 MACCL2JO1: 1[os lo inventáis ]  
 MALLC2J02: 1[ <riendo> sacamos más cosas </riendo> ]

Neste caso, MALLC2J02 expressa a sua intenção de cortar o tópico sobre o esquecimento dos conteúdos da prova ao expressar a sua conclusão – “*a inventárselo*”.

Em alguns casos, unidades discursivas que apresentam sequências de fechamento conversacional oferecem ameaça à imagem social, de forma que seja necessário usar estratégias de cortesia para que não se realize um corte brusco, evitando, assim, que a ruptura seja interpretada como agressiva.

- (8)
- MABPE2G02: qué pringaos chaval el lunes que viene ya tienen examen de del de inglés  
yo no tengo clase  
va da igual
- MABPE2G01: yo no
- MABPE2G02: ya pringao
- MABPE2J01: como has aprobado inglés/
- MABPE2G02: ya- no tengo que ir a clase
- MABPE2J01: qué es eso/
- NOSPEAKER: <ruido de bolsa/>
- MABPE2J02: **pues nada** que- mañana si vais a la plaza me paso
- MABPE2G02: sí y te estoy esperando

Nota-se no exemplo acima o valor interacional de *pues nada*, que se dirige ao destinatário ao anunciar o encerramento de uma sequência temática das sucessivas intervenções dos falantes. Na verdade, aqui, o desenvolvimento do assunto sobre questões de estudos e aulas esgota-se e, em seguida, há uma pausa considerável enquanto os participantes se entretêm com alguma embalagem plástica e seu conteúdo – “*qué es eso/ (ruido de bolsa)*”, criando um lugar relevante para a troca de turno e/ou de tópico. Até que MABPE2J02 anuncia, então, o fechamento da sequência anterior através de *pues nada* e logo introduz a conclusão, pois como não terá que ir à aula, poderá ir com os demais à praça que mencionam. Tal fato revela que as sucessivas intervenções dos

falantes não estão planejadas de antemão, e a delimitação sequencial pode ocorrer *a posteriori*, como resultado da interação entre os participantes.

Esta mesma função é observada nos exemplos (9) e (10), nos quais pode-se notar mais uma evolução destas partículas – *pues nada* – como uma forma convencionalizada para introduzir não somente um encerramento da conversação como também uma despedida. Dessa forma, *pues nada* atua numa pré-sequência que representa um *frame* (Sinclair e Coulthard, 1975), ou ainda, um quadro preparatório para um evento linguístico posterior, que é a sequência de pares adjacentes que compõem uma despedida.

(9)

NOSPEAKER: <teléfono que suena/>

MAORE2J02: sí dígame..eeeh..no..o sea ha salido ya quién eres/ hola qué tal...venga...hasta luego..

MAORE2J01: <bip del telefono/> quién era/

MAORE2J02: <navn>luis</navn> y yo no sé por qué digo siempre quién era si sé perfectamente que es <navn>luis</navn> dice <r> hoola soy <navn>luis</navn> ja ja ja quién es...soy <navn>luis</navn> ah hola <navn>luis</navn> </r> je je..bueno **pues nada** ya llamo al móvil **pues nada** un besito eh/ venga hasta luego

(10)

MAMTE2J01: eeh qué grillado tú que me voy  
ni puto caso **pues {na|nada}** adiós

As despedidas em espanhol geralmente não ocorrem numa sequência isolada, mas necessitam de um pré-sequência que a introduz, na qual atuam os marcadores *pues nada*, que expressam cortesia à face do ouvinte, prefigurando



um pré-fechamento de conversações, em que se ensaiam as saídas do tópico e as introduções das despedidas.

No exemplo (11), *pues nada* possivelmente representa mais uma evolução no uso destes marcadores, porque não só introduz uma conclusão ou a proposta de um fechamento temático, como também simultaneamente indica o apoio às justificativas que a interlocutora entrega em proteção à sua face.

(11)

- MABPE2G01: eh <navn>Mari</navn> sabes que hay gente en el trabajo que lo sabe no/  
 MABPE2J02: qué gente  
 MABPE2G01: <navn>Ana</navn> por ejemplo  
 MABPE2J02: ah yo lo se  
 y se lo dijo <navn>Guille</navn>  
 MABPE2G01: y y y no se quién más  
 MABPE2J02: y lo dijo <navn>Guille</navn> hombre  
 es su mejor amiga por qué no se lo va a contar  
 MABPE2G01: no sé chica pero se está enterando gente  
 MABPE2G01: 1[ eso sí que es verdad ]  
 MABPE2J02: 1[ya o sea él a mí me dijo vale no se qué ]  
 MABPE2J02: a mí me ha dicho <navn>Guillermo</navn> que cuando sea  
 se lo pue se lo dice a <navn>Rosa</navn>  
 porque <navn>Rosa</navn> también es su amiga .  
 a mí me da igual .  
 yo lo hacía por él pero a él le da igual  
 MABPE2G01: **pues nada**  
 MABPE2J02: estamos es que yo no sé si estoy en serio o si estamos de rollo es que no sé

Neste exemplo, vê-se em atuação uma estratégia da conversação espanhola: nota-se aqui a existência de uma máscara da aparência cortês de preocupação com a interlocutora MABPE2J02 diante de outras pessoas. Assim, o falante MABPE2G01 possivelmente esconde o propósito de enunciar com eficácia que, possivelmente, a notícia sobre o relacionamento amoroso dela com Guillermo está espalhando-se e que ela também deveria preocupar-se com este

fato, intervenção esta que pode corresponder a uma invasão de território. Note-se, portanto, a presença de atenuadores como *no sé*, em sua intervenção – “MABPE2G01: *no sé chica pero se está enterando gente*”.

Da intervenção de MABPE2G01, é possível inferir que ele opina que sua interlocutora, MABPE2J02, deveria preocupar-se com propagação da notícia de seu relacionamento – “*eh Mari sabes que hay gente en el trabajo que lo sabe no*”; “(...) *pero se está enterando gente*”. Abrindo espaço à argumentação, a interlocutora MABPE2J02 se justifica, afirmando que Guillermo não se importa que alguns saibam de tudo e que ela também é indiferente. Observa-se o valor argumentativo de *pero*, no turno de MABPE2G01, que se opõe às inferências que podem ser geradas das intervenções de MABPE2J02, cujo encadeamento leva a concluir que ela não está preocupada, como julgaria necessário seu interlocutor, além de marcar os elementos que devem ser levados em conta nessa conversação.

Finalmente, adotando uma atitude positiva, ou seja, aceitando a mensagem de MABPE2J02, MABPE2G01 cria a impressão de que há certa conformidade a respeito do tema debatido e, a partir de *pues nada*, cancela a possibilidade de mais dissentimento e propõe a conclusão deste tema um tanto delicado, reforçando assim a face de sua ouvinte. Ela, MABPE2J02, portanto, aceita a proposta de fechamento e introduz um tópico diferente – sobre se não sabe realmente que tipo de relacionamento está ocorrendo entre ela e Guillermo – “*estamos es que yo no sé si estoy en serio o si estamos de rollo es que no sé*”.

Nos exemplos (12) e (13) se destaca a funcionalidade do conector *pues nada*, que, com valores predominantes reguladores, encerra um tópico

conversacional e, ao mesmo tempo, participa do processo de formulação das mensagens:

(12)

MAESB2G01: <40m 24.082 sg/> queridos noruegos  
 lo siento pero no es que me guste hablar solo\ <ruido de micro/>  
 estoy hablando solo aquí con el micrófono como un imbécil  
 pero tengo que decir esto  
 que he estado escuchando lo que he grabado hoy  
 y vamos parezco tonto del culo en serio yo soy una persona simpática ja ja ja  
 <risa/> <ruido del micro/>  
 y otra cosa  
 mi voz no es esa yo no reconozco mi voz  
 vaya voz de memo que tengo ahí  
 bueno **pues nada**  
 qué quede claro  
 ah mira voy a presentaros a mi hermano

(13)

MAESB2G04: bueno hoy es el aniversario de la muerte de mi abuela mi abuela se  
 murió justo hoy hace un año  
 MAESB2G01: hace un año **pues nada**  
 MAESB2G04: no he estado con mi madre pero bueno  
 MAESB2G01: felicidades o lo que se dice en estos casos  
 MAESB2G04: nada nada la verdad es que yo ya no lo siento

O exemplo (12) se trata de um monólogo em que o falante se dirige aos pesquisadores responsáveis pelas gravações – “*queridos noruegos*” -, utilizando em forma de brincadeira, um tom formal ao início, para tentar deixar claro alguns aspectos sobre si mesmo e sobre a sua voz, que os pesquisadores noruegueses vão escutar. Ao final, ao perceber possivelmente que não há mais nada a dizer sobre isso, utiliza *pues nada*, que lhe dá tempo para planejar algo mais a expressar e, na falta de mais informações, encerra o tópico, introduzindo uma

conclusão – “*qué quede claro*”. Após finalizar uma sequência, então, em seguida, inicia outra – a apresentação de seu irmão.

*Pues nada*, além de marcar o encerramento, pode funcionar como uma pausa para pensar no que está enunciando-se, uma vez que produzir um discurso pressupõe um esforço cognitivo considerável na medida em que se faz necessário seguir as regras impostas pelo tipo de discurso, a relação entre os interlocutores e pelo desenvolvimento da conversação.

Em (13), primeiramente o falante MAESB2G01 repete as palavras ditas pelo seu interlocutor, quando este comenta fatos sobre a morte de sua avó – “*hace um año*” - revelando solidariedade e empatia (Haverkate, 1994:30), uma amostra de cortesia valorizadora. Em seguida usa *pues nada*, indicando que não há nada a dizer, momento este propício para a tomada de turno por parte de seu interlocutor. MAESB2G01 demonstra sua intenção em expressar seus sentimentos pela lembrança do falecimento, um ato de fala cortês, centrado na imagem do ouvinte, embora não saiba expressar com exatidão este ato de cortesia convencional – “*felicidades o lo que se dice en estos casos*”.

Em (14), nota-se que *pues* também pode ocorrer com papel formulador, em ocasiões em que o participante não sabe exatamente o que dizer, dando-lhe tempo para planejar a mensagem levando em conta sua adequação à interação verbal e a proteção das faces:

(14)

MAESB2G01: y que puedes grabar **pues** la mejor calidad a no sé cuantos

MAESB2G05: 1[ya está corriendo ]

MAESB2G01: 1[cuántos sonidos ]

MAESB2G01: en la o sea a no sé cuántos minutos\ la peor  
no sé si eran doscientos y pico

Em (14), *pues* constitui uma pausa preenchida servindo para o planejamento verbal e tem uma motivação sobretudo cognitiva, que dá tempo ao falante para construir seu turno e organizar seu pensamento. Ainda assim, cria lugares relevantes para que tentem roubar-lhe o turno, surgindo uma sobreposição de fala.

### 1.2.2 *Pues como marcador de modalidade*

Como marcador modalizador, é possível observar que *pues* atua como veículo para expressar a intensificação, o acordo e o desacordo.

Na amostra a seguir (15), *pues*, além de marcar o início de uma intervenção, revela o seu caráter reativo, porque vincula a sua interpretação à da intervenção anterior e indica a existência de um intercâmbio, no qual introduz um desacordo – sobre a quantidade de figuras do personagem Papa-léguas (*Correcaminos*) que aparece em um anúncio publicitário:

(15)

MASHE3G02: no no cómo se llaman los personajes que aparecen/

MASHE3G06: coyote y correcaminos

MASHE3G02: cuántos correcaminos aparecen/

MASHE3G06: Dos

MASHE3G02: y coyotes/

MASHE3G06: Uno

MASHE3G02: **pues** no es el mismo sólo que se mueve tan rápido que está en dos sitios

Esta função de modalizar manifesta a forma e as atitudes do falante diante da mensagem. Subjacente a esta função estão a de intensificação e, muitas vezes, a de argumentação, quando no nível modal se expressa o desacordo.

(16)

MABPE2J02: estamos es que yo no sé si estoy en serio o si estamos de rollo es que no sé

MABPE2G01: **pues** preguntaselo claro

Ao empregar o conector *pues*, o falante MABPE2G01 faz de seu enunciado algo mais expressivo e destaca, além de uma unidade discursiva, a sua própria atitude ou intenção de comunicação diante da sua interlocutora, pois deseja persuadi-la a fazer uma pergunta a outrem sobre o relacionamento sentimental que mantém, opinião que também é realçada por *claro*, que desempenha, por sua vez, um papel anafórico. Nesta troca verbal, ao funcionar como partícula de ênfase, esses intensificadores permitem que o falante faça valer a sua intenção e exerça influência sobre o interlocutor. *Pues* pode apresentar, então, simultaneamente valores argumentativos, quando ocorre em

enunciados de participantes de uma interação que tentam influenciar-se e fazer prevalecer sua opinião sobre a dos outros, evidenciando a sua polifuncionalidade. O que também pode ser observado no exemplo (1), que também foi examinado anteriormente:

- (1)
- MABPE2J01: 1[que no has {engordao|engordado} coño / ]  
 MABPE2J02: sí sí he {engordao|engordado}  
 MABPE2G01: o sea es que hay unos cachos de pivones que lo flipas tú solo  
 MABPE2G01: 2[es que dices joder niño te comería to lo negro ]  
 MABPE2J02: 2[**pues** a mí me han dicho en trabajo me han dicho una que he engordado pues yo te veo más delgada a tí ]  
 MABPE2G01: empezando por lo blanco  
 MABPE2J02: a que sí  
 MABPE2G01: así de claro  
 MABPE2J02: <navn>Miguel</navn> a que sí he engordado un poquito  
 MABPE2G01: 1[ estás muy guapa así ]

A primeira ocorrência do conector *pues*, nesta intervenção, tem papel intensificador, produzindo a modificação semântica, enfatizando a qualidade do enunciado, com valorações do falante que intervêm nos processos argumentativos do diálogo. (Briz, 2001).

No exemplo (17), *pues*, além de chamar a atenção, intensifica o ato de fala do interlocutor, composto por uma resposta não preferida.

- (17)
- MAESB2G01: y que puedes grabar puess la mejor calidad a no sé cuantos  
 MAESB2G05: 1[ja está corriendo ]  
 MAESB2G01: 1[cuántos sonidos ]  
 MAESB2G01: en la o sea a no sé cuántos minutos\ la peor no sé si eran doscientos y pico  
 MAESB2G05: trescientos veinticuatro puede grabar en la de <navn>Pablo</navn>  
 MAESB2G01: <F> **pues** yo no lo sé tío </F>

Ao iniciar essa resposta, *pues* transmite a implicatura da expressão sincera do pensamento (López Quero, 2008) e, ademais, possui um valor catafórico da resposta não preferida. Nesse sentido, em (18), *pues*, além de marcar a progressão no nível dialogal e revelar seu valor reativo, intensifica a opinião do falante.

(18)

MAESB2G01: bueno apago esto no/

MAESB2G05: has estado grabando toda la conversación/

MAESB2G01: toda la conversación

MAESB2G05: en serio/

MAESB2G01: **pues** si no has dicho nada\

MAESB2G05: bueno tío <R> pero no se me raya que me graben </R>

Desse modo, possui o valor de continuar e também intensificar o comentário; marca o desenvolvimento do tópico conversacional e destaca o enunciado que introduz com relação ao anterior. *Pues*, como intensificador, constitui uma estratégia para que o falante reforce a verdade do que expressa e, ao mesmo tempo, constitui um guia inferencial do ouvinte que, a partir de “*pues si no has dicho nada*” infere que o falante não estava de acordo com que o estivessem gravando sem aviso prévio.

Depois de tratar do desacordo, a seguir, em (19) e (20), observar-se-á o conector funcionando como um intensificador de acordo:



(19)

MABPE2VG1: holaaaaa  
 MABPE2G01: buenaaaaas  
 MABPE2VG1: que haaaaaces  
 MABPE2G01: escuchar música  
 MABPE2VG1: escuchar música/  
 MABPE2G01: **pues** sí  
 MABPE2VG1: hoy no curraís ni {na|nada}

(20)

MABPE2G01: dime Mari  
 cuéntame  
 MABPE2J02: [lo de Fonfil/]  
 MABPE2G01: [**pues** vale ]  
 MABPE2J02: que cabrón te libras de eso eee/

*Pues* valoriza as intenções dos falantes nessas trocas, desempenha um papel conversacional como marcador de resposta unido ao seu valor fórico (Briz 2001:174-175), enfatizando o acordo manifestado por *sí* e por *vale*, partícula que marca a aceitação do que foi dito pelo interlocutor.

**Quadro 1. Funções de *pues* encontradas no Colam (*Corpus oral del lenguaje adolescente de Madrid*)**

Marcação do discurso		Marcador	Definição	Exemplo	
Conexão	Função Argumentativa		<i>pues</i>	No nível dialogal, apresenta o membro do discurso ao que precede e os aspectos do enunciado que devem ser levados em conta, opondo-se à orientação argumentativa estabelecida pelo falante anterior. Marca o desacordo e atua como um guia do processo inferencial.	A: que no has {engordao engordado} coño / B: pues a mí me han dicho en trabajo me han dicho una que he engordado <b>pues</b> yo te veo más delgada a ti (COLAm, mabpe2-01a)
	Função Metadiscursiva (Estruturação)	Formulação	<i>pues</i>	Apresenta uma motivação cognitiva e serve para o planeamento verbal, refletindo as dúvidas, retrocessos, podendo corresponder a uma pausa preenchida.	A: y que puedes grabar <b>pues</b> la mejor calidad a no sé cuantos (...) cuantos sonidos (...) en la o sea a no sé cuántos minutos\ la peor no sé si eran doscientos y pico (COLAm, maesb2-01c)
		Regulação	<i>pues</i>	No nível dialogal, marca o caráter iniciativo ou reativo de uma intervenção, vincula a sua interpretação à intervenção precedente e oferece indícios hierárquicos ao indicar que a mensagem principal aparece no membro do discurso que introduz, atuando como um guia para o processo inferencial.	A: sabes esquiar en paralelo/ B: sí A: <b>pues</b> ya sabes más que yo (COLAm, mashe3-07)

			<b><i>pues eso</i></b>	Desempenha uma função catafórica, ao introduzir um membro do discurso que, de acordo com a sequência temática do diálogo, organiza a matéria discursiva, expressando uma conclusão ou consequência do que foi dito anteriormente. No nível dialogal, pode participar de processos argumentativos.	A: (...) es que me tengo que currar los exámenes finales pero a lo bestia porque tengo asignaturas tengo alguna suspensa prácticamente todas menos que lo he estado mirando ya <b>pues eso</b> tengo que aprobar (...) (COLAm, maore2-03)
			<b><i>pues nada</i></b>	Apresenta uma oferta para o fechamento do tópico conversacional, com a intenção de não continuar o assunto ou inserir uma conclusão, podendo também participar de processos formulativos.	A: ya- no tengo que ir a clase B: qué es eso/ <ruido de bolsa/> C: <b>pues nada</b> que- mañana si vais a la plaza me paso (COLAm, mabpe2-02)
				Constitui uma forma convencionalizada para introduzir uma proposta de encerramento da conversação e, em seguida, uma despedida, ou seja, atua numa pré-sequência que representa um quadro preparatório em que se ensaiam as saídas do tópico e as introduções das despedidas, expressando cortesia à face do ouvinte.	<por teléfono> A: (...) bueno <b>pues nada</b> ya llamo al móvil <b>pues nada</b> un besito eh/ venga hasta luego (COLAm, maore2-04)

<p>Modalidade</p>	<p><i>pues</i></p>	<p>Marca o início de uma intervenção, revela o seu carácter reativo e atua como veículo para expressar a intensificação, o acordo e o desacordo, neste último caso, intervindo nos processos argumentativos do diálogo.</p>	<p>A: no no cómo se llaman los personajes que aparecen/  B: coyote y corre caminos  A: cuántos corre caminos aparecen/  B: dos  A: y coyotes/  B: uno  A: <b>pues</b> no es el mismo sólo que se mueve tan rápido que está en dos sitios  (COLAm, mashe3-07)</p>
-------------------	--------------------	---	--

### 1.3 Pues na variedade de Santiago do Chile

Na variedade chilena, o marcador discursivo *pues* possui a variante *po*, que surgiu a partir de um fenômeno de abreviação, acarretado pela produção da aspiração do /-s/ final, que é um traço muito presente no espanhol falado no Chile, e também pela elisão, ou seja, a supressão de uma vogal em contato com outra, resultando na perda da ditongação, o que gerou uma síncope: *pues* < *pue* < *po*.

Fazendo um levantamento dos estudos sobre a partícula, destacam-se os artigos de Maria Teresa Poblete Bennett (Poblete, 1995, 1997a, 1997b, 1998, 1999; Cepeda e Poblete, 2006), quem mais tem contribuído para o campo dos marcadores do Chile, examinando a fala culta de falantes de Valdivia. A autora propõe agrupar os marcadores por suas funções discursivas, isto é, pelo papel que desempenham na construção do texto oral.

Pons e Samaniego (1998), por sua vez, dedicaram-se a detectar, descrever e analisar os marcadores discursivos de uso mais frequente na modalidade oral dos falantes cultos de Santiago do Chile, a fim de determinar suas funções, com base na localização destas unidades dentro dos turnos. Estes pesquisadores comprovam que *p'*, *po'* e *pu'* estão entre as unidades linguísticas mais usadas pelos falantes. Esses autores<sup>16</sup> propõem que o grupo dos marcadores *finalizadores* de tipo de fim de enunciado ou intervenção, segundo sua taxonomia, abarcam as partículas *-po'* e *-p' (oye)*<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Pons e Samaniego (1998) estabelecem as seguintes funções para os marcadores: **iniciadores ou introdutivos, continuativos ou progressivos e finalizadores.**

<sup>17</sup> Pons e Samaniego (1998) transcrevem os marcadores -p, -po, -pu com hífen a fim de considerar assim a sua posição no final do turno e sua função finalizadora.

Os marcadores finalizadores realizam a função de encerrar o enunciado ou turno e estas unidades, de acordo com os autores, podem aparecer sozinhas ou combinadas com algum apelativo pseudovocativo, que, neste caso, também adquire o valor de finalizador (Pons e Samaniego, 1998: 22). Assim, para a transição de turnos, o marcador *po'*, em especial, marca o lugar relevante, encerrando o enunciado.

Considera-se que em todas as gerações se nota a presença do marcador em estudo, de acordo com Pons e Samaniego (1998), que comprovaram que, apesar disso, a frequência das partículas *p'*, *po'* e *pu'* é maior no grupo etário mais jovem, como se pode observar a seguir:

**Grupo etário A (25-35 anos)**

	Homens	mulheres
<i>p', po', pu'</i>	36	26

**Grupo etário B (36-55 anos)**

	homens	mulheres
<i>p', po', -pu'</i>	24	1

**Grupo etário C (56-75 aos)**

	homens	mulheres
<i>-p', po', -pu'</i>	0	33

(Pons e Samaniego, 1998: 14-16)

A partir disso, supõe-se que este conector se realiza com mais frequência em gerações mais jovens, período em que a relação de ocorrência do marcador em análise entre homens e mulheres é mais equilibrada.

A partir de um critério funcional de análise, Poblete Bennett<sup>18</sup> (1997a), inclui o marcador *po* no grupo dos marcadores modalizadores, caracterizado por atualizar um conjunto de atitudes dos participantes da conversação em relação com o que dizem nas mensagens que intercambiam. Estas partículas, além de marcar a subjetividade individual ao modalizar a evidência, realizam uma conexão com o texto oral, segundo a autora. Este marcador, quando acompanhado por outros, pode ser de tipo modalizador *de apoio à opinião ao final do enunciado – sí (poh), no más (poh), también poh, nada más poh*<sup>19</sup> - ou um modalizador de tipo *ênfático – así poh*. Quando funciona como um atenuador, se trata de um *modalizador de evidência*.

Em seu estudo sobre a variação linguística e social relacionada aos marcadores discursivos (Poblete Bennett, 1997b), a autora conclui que os falantes do estrato alto, homens e mulheres, caracterizam-se por produzir um discurso socialmente mais organizado, em comparação com o discurso do estrato baixo.

Na fala de Valdivia, Poblete Bennett (1998: 9) comprova que marcadores de modalidade constituem 13% dos marcadores usados na conversação, com o valor de apoiar uma opinião ou informação ao final do enunciado. Entre os marcadores deste grupo, o mais frequente é o *poh*. Outros marcadores também frequentes com o mesmo valor discursivo são *no más, sí*, seguidos geralmente

---

<sup>18</sup> Poblete Bennett (1997a: 75), com base nas funções discursivas, classifica os marcadores em três grupos distintos: o primeiro grupo é constituído pelos **Marcadores R**, *relacionantes supraoracionais* da matéria discursiva com diferentes conteúdos relacionais; o segundo grupo é composto pelos **Marcadores A**, elementos *apelativos/interativos*, itens gramaticalizados ou lexicalizados pelo uso que servem para manter o intercâmbio, em que se incluem as colaborações, geralmente fáticas, com o interlocutor, com a função de indicar ao falante que ele está sendo ouvido e compreendido; o terceiro grupo conforma os **Marcadores M**, marcadores *modalizadores*, que são os conectores modais da conversação, ou seja, os conectores textuais e as marcas da subjetividade individual quando se modaliza a evidência.

<sup>19</sup> Poblete Bennett transcreve este marcador como *poh*; os autores Pons e Samaniego (1998) apresentam a forma *po'* e suas variantes *p'* e *pu'*. Contudo o *corpus* Colas, material de análise desta pesquisa, utiliza a forma *po*, a qual também é adotada neste estudo.

por *poh*, *digamos* e *claro*. Nesse artigo também conclui que entre o grupo dos atenuadores, *no sé poh* ou simplesmente *no sé*, se destacam por ter a mais alta frequência de uso.

Em outra investigação, Poblete Bennett (1999) demonstra que há a ocorrência de diferentes marcadores discursivos em três níveis do discurso: expositivo, narrativo e argumentativo. Os marcadores de modalização, no qual inclui o *po*, ocorre em proporções mais altas no discurso expositivo, ainda que a distribuição deste tipo de marcador varie mais conforme as diferentes modalidades sociais que com o tipo de discurso. Através do levantamento de dados que apresenta, seu estudo conclui que o maior uso dos modalizadores está nos discursos expositivos do estrato baixo de Valdivia (1999: 62-65). Ressalta-se que, nesta investigação, a autora valoriza a análise da contribuição dos marcadores no plano interativo-pragmático do discurso, enfocando a relação do discurso com o participante.

Contribuindo para os estudos de cortesia verbal, Gladys Cepeda e María Teresa Poblete Bennett (2006) analisaram os enunciados emitidos numa interação do tipo entrevista clínica, em que a entrevistadora é uma profissional da área da saúde e a entrevistada é uma paciente que sofre de violência familiar. Seu estudo demonstra que os marcadores discursivos estão implicados na marcação das estratégias de cortesia e da modalidade do discurso. Os resultados de suas análises comprovam que a seleção do uso de marcadores discursivos depende da tensão entre poder e solidariedade na situação contextual, em concordância com as estratégias de cortesia adotadas.

Para realizar esta análise em seu *corpus* oral, as pesquisadoras identificaram as ocorrências dos marcadores no discurso das interlocutoras, a



profissional de saúde e a paciente, e também o desenvolvimento sequencial da conversação e a organização da interação.

Nesse artigo, as autoras observam a ocorrência de *ya poh* e *no más poh*. O marcador *po*, posposto a *ya*, pode funcionar como um conector do desenvolvimento do conteúdo do turno. Este marcador, *ya poh*, aparece entre os marcadores mais usados pela profissional da área de saúde, que atua em uma situação de poder como entrevistadora, controlando o conteúdo temático e de turnos da entrevista. Nesse contexto, este marcador desempenha a função pragmática e discursiva de cortar a unidade discursiva e prosseguir com o discurso médico-educativo-empático<sup>20</sup>.

Assim, *ya poh* pode estabelecer um corte entre o que foi dito e o que vai ser agregado e também pode funcionar para indicar à paciente que a entrevista desse dia foi encerrada naquele momento, validada esta inferência pelo fato de que a profissional prontamente avisa que vai marcar outra consulta para outra data escolhida em consenso, de acordo com o excerto a seguir:

P: ¿Después del nueve?

E: Sí, mi mamá me dijo que el nueve se pagaba (...) porque eso es por kilo que cobran cuestiones en los buses (...), y no va poder traer todo con un sueldo.

P: No, *porque* va a salir muy caro. ***Ya poh***, yo te voy a citar (...).

---

<sup>20</sup> Essas funções do discurso são definidas por Cepeda (2005) de forma que a “voz médica” explicita a informação proveniente da paciente de que lhe permitirá diagnosticar seu estado de saúde e propor o tratamento respectivo; a “voz educativa” explica o diagnóstico e o tratamento que a paciente deve seguir; e a “voz empática” apoia as outras vozes para que consiga a participação da paciente na entrega de informações, sua atenção, proximidade, compreensão ao explicar o diagnóstico e seu convencimento para que realize o tratamento sugerido.

Por sua vez, a paciente cumpre com a “voz informativa” e a voz de acordo, em resposta à “voz educativo-médica”, da entrevistadora. Assim, nas intervenções da paciente, com a função discursiva e pragmática de modalizar, o marcador *no más poh* reforça o conteúdo do que expressa a sua voz informativa.

Ainda evidenciando os estudos sobre o marcador *pues*, no tocante aos estudos interculturais, destaca-se a pesquisa de Albelda (2008), que, ao comparar amostras de conversações coloquiais de jovens chilenos e espanhóis, indica que o conector *pues* no Chile tem um valor atenuante no final do ato de fala.

Depois de relacionar os estudos que tratam de alguma forma da partícula *po*, convém, analisar este marcador com base em critérios pragmáticos e funcionais.

## 1.4 Análise do *corpus*: estudos em Santiago do Chile (COLAs)

### 1.4.1 *Pues com função de conexão*

#### 1.4.1.1 *Função metadiscursiva*

Nota-se que *po* combinado a *no sé* pode desempenhar a função de estruturar o discurso com papel formulador, ou seja, permite que o falante organize seu pensamento antes de produzir o discurso. Este marcador revela, então, as dúvidas e os retrocessos no processo de produção da mensagem, localizando-se na progressão do enunciado. O falante, portanto, pode empregá-lo quando expressa certa vacilação ou indecisão, de modo que possa, inclusive, preencher a pausa de planejamento verbal, que evidencia a incerteza do emissor a respeito do que diz, como em (21):

- (21)
- sceab8g01: y (bajai | bajas) todos los días el ( <¡A1> messendzer | messenger)
- sceab8g02: sí (po | pues) ( <¡A1> mesendzer | messenger)/  
<risas y ruido de fondo/>
- sceab8g02: (paaa | para) **no sé (po | pues)** (pa | para) conversar con las <!I5> minas y huevear un rato ah estoy aburrido de estar siempre con los mismos huevones conversando la misma (hueva | huevada)

A primeira pausa preenchida pelo alongamento da vogal “a” em *paaa* (para) e a segunda, por *no sé po*, na intervenção de Sceab8g02, expõem o processo de produção da mensagem que o emissor está construindo para explicar porque utiliza determinado recurso de bate-papo da internet.

Outra combinação bastante frequente com o marcador *po* ocorre com *ya*, que pode precedê-lo. Juntos, podem funcionar como conector do desenvolvimento do conteúdo da sequência para introduzir um fechamento e prosseguir com outro tópico. (Cepeda e Poblete, 2006)

(22)

scfob8g11: quién dijo/  
 scfob8g13: ( <!A8/> couboy | cowboy)  
 scfob8g02: <X> **ya (po | pues)** siga contando </X>  
 scfob8g13: <xxx/> así las/

(23)

sceab8g10: me duele la cabeza  
 así estoy (**po | pues**) loco  
 <ruido de fondo/>  
 sceab8j02: <xxx/>  
 <ruido de fondo/>  
 sceab8g08: **ya (po | pues)** qué me (ibai | ibas) a decir/  
 <ruido de pasos/>  
 sceab8j02: qué/  
 sceab8g08: qué me (ibai | ibas) a decir/  
 sceab8j02: de dónde y qué/  
 sceab8g08: <risas/>  
 ya lo (alcanzái | alcanzas) huevón  
 sceab8j02: qué/  
 sceab8g08: qué me (ibai | ibas) a decir/  
 sceab8j02: de qué/  
 sceab8g08: 1[pero si <xxx/> hablando recién de <xxx/>]  
 sceab8j02: 1[te dije que (erai | eras) ordinario (po | pues)]  
 sceab8g08: 2[**ya (po | pues)** y qué más/]  
 sceab8j02: 2[nada más]  
 sceab8g08: 1[y quedaste como signo punto y seguido]

Nos exemplos (22) e (23), os falantes inquirim aos interlocutores que mudem o tópico da conversação segundo seus interesses. Com um caráter regulador, este marcador localiza-se ao início de uma intervenção para cortar o discurso do interlocutor. Neste exemplo de conversação juvenil, ao romper o

tópico do discurso de outrem empregando *ya po*, os emissores não utilizam as estratégias de cortesia que protegem a face do ouvinte, isto é, impõem as suas vontades sobre os outros e não lhes oferecem mais alternativas (Lakoff, 1973), demonstrando, pois, pouca necessidade em atenuar as ameaças à imagem dos interlocutores.

Em (27), *ya po* marca também o término de uma unidade discursiva. De igual forma com valor regulador, expressa, ademais, a consequência da unidade discursiva mencionada anteriormente, realizando uma operação enunciativa que mostra o controle da comunicação por parte do emissor. O que se pode observar no intercâmbio (24), no qual o emissor Sceb8g12 não minimiza a imposição de seu ato de fala, nem protege a face do ouvinte, destacando certa relação de hierarquia. A questão hierárquica fica mais clara no exemplo (25) em que a relação de poder é bastante evidente.

(24)  
 sceab8gx7: a las ocho y media/  
 sceab8g01: ya me habías dicho o no/  
 <voces de fondo/>  
 sceab8g12: **ya (po | pues)** vamos a ensayar/

(25)  
 sceab8vx1: esto termina een laaa en la reunión se les advirtió a los apoderados y yo creo que  
 conversaron con ustedes  
 niños y niñas si es posible tengan cuidado que por ejemplo entre ustedes que queden  
 sorprendidos por ir al escuela o dentro de la escuela <xxx/> joven corren el peligro de  
 no licenciar  
 esto es para todos <F> joven </F>  
**ya pues** ponga atención nena  
 tengan mucho cuidado  
 en cualquiera que sea  
 <xxx/> en laaaa  
 ceremonia a cualquiera se le puede%

Nesses exemplos o marcador *po* atua em discursos em que os emissores não expressam a necessidade de reparação.

#### 1.4.2 *Pues como marcador de modalidade*

Neste caso, o marcador *no sé*, ao preceder *po*, além da função metadiscursiva aludida anteriormente, desempenha a função de atenuar a informação ou a expressão de opiniões do falante:

- (26)
- scawm4g33: pero ponte si el <etternavn> jimenez </etternavn> <xxx/>  
sin ser evangélico ni ni católico ni p% nada  
<xxx/>  
le diga a dios que dile **no sé (po | pues)**  
sacarse un buen puntaje en la psu  
<!A8> cachay o no/  
scawm4g01: 2[dedicarle un tiempo a <X> él </X>]  
scawm4g33: 2[a claro]  
scawm4g33: Claro

*No sé po* manifesta a chamada *atenuação pragmática por modificação à margem* (Briz, 2001:152), porque modaliza o ato de fala suavizando ou mitigando, neste exemplo, uma asserção que pode evitar as possíveis responsabilidades do falante com relação à verdade ou ao cumprimento do que foi dito.

Os processos de proteger as faces, nos quais se inscrevem os procedimentos de atenuação, procedem da preocupação com a imagem social, sem comprometer a transmissão da mensagem porquanto a obediência às máximas formuladas por Grice são insuficientes para o cumprimento das exigências de caráter ritual envolvidas na interação. *No sé po*, portanto, introduz certo grau de incerteza na afirmação que viola as máximas conversacionais do *Princípio de Cooperação* (Grice, 1975), entretanto atende às normas de cortesia, que compõem a competência pragmática dos participantes.

No intercâmbio a seguir (27), o ato de fala de convidar evidencia a cortesia valorizadora, já que objetiva beneficiar o ouvinte e reforçar sua imagem.

(27)

scccm4j05: pero me gusta pasar el año nuevo y la navidad y todas las fiestas en mi casa me fascina  
 scccm4j01: sí/  
 scccm4j05: soy <+A8> super familiar en ese sentido  
 scccm4j04: **no sé pues** si quieres te apuntas con nosotros para el año nuevo  
 scccm4j01: Ya  
 scccm4j04: nosotros nos vamos a ir a la <+A8> disco yo te aviso cualquier cosa

O ato de fala de convidar encerra um paradoxo, porque aquele que aceita um convite, além de sentir-se beneficiado, sente-se ameaçado pelo mesmo. Portanto, com a atenuação por parte de quem convida, a intenção é mostrar-se gentil e colaborativo e abrandar a possível ameaça social, uma vez que um convite pode soar como uma imposição, o que o falante cortês busca atenuar. Considerando a relação custo-benefício (Haverkate, 1994), o falante Scccm4j04 age cortesmente ao atenuar seu ato de fala com *no sé po*, abatendo o custo que

poderia ter que investir ao seu interlocutor, o que facilita que aceite seu convite, ou seja, é uma estratégia de cortesia não demonstrar que uma oferta pressupõe custos. Assim, observa-se que há também uma preocupação em proteger a própria imagem do falante, porque evitar a responsabilidade pelo que se diz demonstra as preocupações com a aceitação social de sua face, atenuando a imposição que delas pode ocorrer.

Nos exemplos (28) e (29) se pode observar o valor enfatizador de *po*, que expressa a impressão do falante diante de um determinado tópico da conversação, com a função de modalizar a evidência, reforçando sua opinião. Estes falantes assertivos não atenuam o conteúdo proposicional ou a força ilocutória de seu ato de fala, revelando pouca necessidade em proteger as faces dos interactantes:

- (28)
- |            |   |
|------------|---|
|            | <xxx/> eso me ibas a preguntar/         |
| sceab8j02: | no no por qué dijiste eso/              |
| sceab8g11: | qué cosa/                               |
| sceab8j02: | eso ( <b>po   pues</b> )                |
| sceab8g11: | 1[ah estabamos hueveando con el <xxx/>] |
| sceab8j02: | 1[eh claro]                             |
|            | <voces de fondo/>                       |
| sceab8g11: | eso no más                              |



- (29)
- scawm4j03: [viniste la semana pasada/]  
 scawm4g07: [sí vine **pues**<sup>21</sup> si ustedes estaban ah no pero tú no viniste **pues**]  
 scawm4j03: [ah pero yo estaba en la otra plaza **pues**]  
 scawm4g06: [te estás yendo a otra plaza/]  
 scawm4j01: [la de allá sí **pues**]  
 scawm4g06: por qué no {xxx/} la plaza de acá/  
 y por qué no estás en la plaza de acá/  
 scawm4j01: yo estaba acá la semana pasada

O marcador *po* exerce funções pragmáticas reveladoras da intenção do falante, possuindo o valor de finalizar um enunciado, como apoio ou reforço ao que foi dito, situando-se ao final de uma unidade. Destaca-se que o marcador *po* afeta a interação comunicativa, revelando a atitude do falante com relação ao conteúdo de suas mensagens.

Na modalidade oral de Santiago, é visto com frequência a enunciação da partícula *po* sem planejamento prévio para expressar a impressão que um falante sente diante de um determinado tópico da conversação. Este marcador constitui um guia para uma adequada interpretação do que expressam os enunciados, propiciando os movimentos da inferência na conversação.

Nos intercâmbios (30), (31) e (32), *po* intensifica o acordo ou o desacordo:

- (30)
- sceab8j09: te hago un masaje/  
 sceab8gx7: **ya (po | pues)**  
 sceab8j09: dónde/  
 sceab8gx7: en la espalda  
 sceab8j09: date vuelta

<sup>21</sup> Embora a partícula esteja transcrita como “*pues*”, ao escutar a gravação em áudio, observa-se a enunciação de “*po*”.

(31)  
 sceab8g05: <l> tch </l> y yo pregúntame a mí (**po | pues**)  
 <voces de fondo/>  
 sceab8j01: <risas/>  
**ya (po | pues)** te pregunto

(32)  
 sceab8j09: vamos es que estoy apuntando <xxx/>  
 sceab8j08: <xxx/>  
 sceab8gx7: **sí (po | pues)** nos está prestando su <xxx/> para que nos dé  
 sceab8j08: está aplastando <xxx/>  
 sceab8j02: (tení | tienes) los dulces/  
 sceab8j09: **no (po | pues)** si (querí | quieres)  
 sceab8j08: quedó atrapado/  
 sceab8j09: **no (po | pues)** si (tení | tienes) el estuche lleno  
 sceab8j08: tengo yo eso

Nos exemplos mencionados, *sí po* e a combinação *ya po*, revelam a intensificação da atitude positiva, e *no po*, da atitude negativa de desconformidade.

*Ya po* nos intercâmbios (33) e (34), portanto, não tem valor metadiscursivo, como visto na seção anterior, mas reforça a verdade do que se diz, para valorizar a intenção do falante. *Po* desempenha um papel estratégico com a modificação ou o realce pragmático do dizer, pois se trata de um intensificador da atitude, que entregam maior força ao ato ilocucionário.

No intercâmbio abaixo (35), nota-se que os falantes, além de transmitir ideias, tentam influenciar, fazer prevalecer suas opiniões sobre as dos demais:

- (35)
- scawm4g33: 1[pregúntale al barni / pues el barni es el barni es ateo no cree en nada]  
 scawm4g32: 1[porque por lo menos/]  
 scawm4g32: 2[yo creo (**po | pues**)]  
 scawm4g33: 2[si no tendría por qué creer (**po | pues**)]  
 scawm4g31: <X> no se salva (**po | pues**) no cree ni en dios ni nada </X>  
 scawm4g01: el <navn> <!A1> barni </navn> no cree en dios (**po | pues**)  
 scawm4g01: si vos (andai | andas) en la calle y (andai | andas) pensando en dios no (**po | pues**) te (acordai | acuerdas) una vez a las quinientas (**po | pues**)
- scawm4g32: lo mismo con el loco  
 scawm4g30: 1[seguro **pues**]  
 scawm4g33: 1[igual me acuerdo]  
 <ruido/>
- scawm4g32: ya pero cuando (andai | andas) así en la volada  
 scawm4g32: 2[(andai | andas) <xxx/>]  
 scawm4g33: 2[no todo el día **pues** claro]  
 scawm4g01: no pero en una fiesta no te vas a acordarte nunca (**po | pues**)  
 scawm4g32: los ateos son ateos nunca se acuerdan de dios  
 scawm4g01: <risa/>  
 scawm4g31: si no tendrían por qué hacerlo (**po | pues**)  
 scawm4g32: por qué no tendrían por qué hacerlo/

O marcador *po/pues* marca o papel do falante através do recurso da intensificação. Destaca-se ainda seu valor predominantemente argumentativo no trecho “*no se salva (**po | pues**) no cree ni en dios ni nada*”. Neste caso, *po* então atua como um conector introdutor de conclusão argumentativa com valor de *así pues*, que expressa um controle de tudo o que se disse como forma de conclusão.

Levando em consideração as imagens sociais, ao desenvolver estratégias de cortesia, os interactantes partem da interpretação mais desfavorável de seus atos, portanto, para evitar conflitos sociais, em geral, se atenuam as asserções. Entretanto, não é o que se observa em (35), nas intervenções assertivas, em que não participa o processo de figuração, a preocupação com as imagens, em se aplicar a cortesia assertiva, que consiste em atenuar o conteúdo proposicional ou a força ilocutória.

**Quadro 2. Funções de *pues* encontradas no Colas (*Corpus oral del lenguaje adolescente de Santiago de Chile*)**

Marcação do discurso		Marcador	Definição	Exemplo
Conexão	Função Metadiscursiva (Estruturação)	Formulação	<i>no sé (pues) po</i>	Localizando-se na progressão do enunciado, permite que o falante organize seu pensamento antes de produzir o discurso, podendo revelar as dúvidas e os retrocessos no processo de produção da mensagem como também preencher a pausa de planejamento verbal. A: paaa   para) <b>no sé (po   pues)</b> (pa   para) conversar con las minas y huevear un rato ah estoy aburrido de estar siempre con los mismos huevones conversando la misma (hueva   huevada) (COLAs, sceab8-01)
		Regulação	<i>ya (pues) po</i>	Localiza-se no início de uma intervenção para cortar o discurso do interlocutor, para que prossiga com outro tópico, realizando uma operação enunciativa que mostra o controle da comunicação por parte do falante que o emprega. Pode guiar o processo inferencial que expressa a consequência do que foi dito anteriormente. A: <b>ya (po   pues)</b> siga contando (COLAs, scfob8-03)
Modalidade		<i>no sé (pues) po</i>	Manifesta a chamada <i>atenuação pragmática por modificação à margem</i> (Briz, 2001:152), porque modaliza o ato de fala suavizando ou mitigando uma asserção que pode evitar as possíveis responsabilidades do falante com relação à verdade ou ao cumprimento do que foi dito. A: <b>no sé po</b> si quieres te apuntas con nosotros para el año nuevo (COLAs, scccm4-01)	

	<p><i>(pues) po</i> <i>ya (pues) po</i></p>	<p>Intensifica a força ilocutória de seu ato de fala ou a atitude do falante diante de um determinado tópico da conversação, com a função de modalizar a evidência. Exerce o papel de finalizar um enunciado, como apoio ou reforço ao que foi dito, situando-se ao final de uma unidade discursiva.</p>	<p>A: [viniste la semana pasada/] B: [sí vine <b>po</b> si ustedes estaban ah no pero tú no viniste <b>po</b>] A: [ah pero yo estaba en la otra plaza <b>po</b>] (COLAs, scawm4-02)</p>
--	---	--	---

## 2 CLARO

### 2.1 *Claro*: estudos peninsulares

Não há abundante bibliografia a respeito do marcador *claro* e, além disso, a tipologia das funções desta unidade utilizada nas análises é bastante variada. Pons Bordería (1998, 2003) é quem até o momento mais tem estudado a partícula e destacado seus valores pragmáticos.

Martín Zorraquino (1991) menciona o conector *claro* e o considera um *operador pragmático*, cujo valor central, alcançado por um processo de gramaticalização, é o de confirmar a certeza do falante sobre uma constatação não verbal ou sobre uma asserção verbal. Cortéz Rodriguez (1991) distingue três valores para *claro*: *conectivo*, que introduz ideias de restrição, continuação e correção; *adverbial*, com função confirmativa, reforçadora e “outros valores” nos quais está precedido, em geral, de marcadores como *pero*, *porque*, *pues* e *y*; e, por fim, o valor *expletivo*. (Pons Bordería, 1998:167-168).

Segundo Pons Bordería (1998), o acordo é a categoria eminentemente dialogal em que *claro* atua, em alguns casos como variante de *sí*, fazendo parte do segundo movimento de um par adjacente, podendo agregar ênfase ao enunciado. Quando a única função do turno é manifestar um acordo com algo que foi dito anteriormente, *claro* pode formar um enunciado por si mesmo, com forte tendência, neste caso, à modalidade exclamativa. Nas ocasiões em que o acordo é motivado pela intervenção de um dos participantes, por uma petição explícita do acordo, *claro* desempenha um papel modalizador e adquire um valor epistêmico, o que o torna equivalente a *cierto*.

Embora o acordo seja na maioria dos casos dialogal, é uma categoria que também pode expressar-se no campo monologal, concretamente em contextos polifônicos, em sequências narrativas ou argumentativas. Neste caso, *claro* pode indicar uma mudança de nível argumentativo e, mediante este tipo de indicações, o ouvinte reduz o custo do processamento da sequência de uma história, rompendo possíveis ambiguidades. Assim, a marca de acordo é tanto anafórica quanto catafórica, porque o acordo valida os enunciados precedentes, como também os que se seguem.

Em usos monologais, o acordo pode explicitar o reforço e, conforme Pons Bordería (1998), existe um ponto em comum entre o acordo e o reforço, porque o acordo está direcionado ao que se vai dizer, reforça este membro do discurso, podendo torná-lo argumentativamente mais forte.

Pons Bordería (2003) estudou o marcador *claro* a fim de destacar como a análise desta partícula pode contribuir para os estudos dos fenômenos da modalização. Das funções do conector *claro*, o autor comprova que pode possuir uma carga modal e os valores de acordo, ênfase, além dos de formulação, concessão e desacordo.

O marcador tende a posicionar-se na posição inicial dos turnos, podendo aparecer isoladamente como resposta a perguntas de tipo sim/não, no turno do falante etc. Também pode ser um recurso fático para indicar o acordo por parte do falante na segunda parte de um par adjacente que expressa o acordo. Ao preceder um argumento, este também pode ser dito num turno cooperativo, às vezes com a inserção de uma justificativa.

Ao intensificar, o conector *claro* também pode ter valor catafórico, precedendo o constituinte que é enfatizado, ou, anafórico, em que *claro* aparece

na posição final para que o ouvinte se volte para o que foi dito. (Pons Bordería, 2003: 231-232).

## 2.2 Análise do *corpus*: a variedade de Madri (COLAm)

### 2.2.1 Claro com função de conexão

#### 2.2.1.1 Marcador metadiscursivo

A seguir, em (36) e (37), *claro* possui função formulativa, uma vez que revela o processo de elaboração da mensagem ao reconstruir o que se está dizendo, inserindo uma nuance de certeza à opinião entregada neste turno, o que evita problemas de planejamento do discurso oral.

(36)  
MALCE4G02: pues es cuando debute o algo  
<pausa/>  
**Claro**  
<pausa/>

(37)  
MAESB2G01: está todo allí es que he metido dos piedras enormes  
vamos a fumar uno solo uno solo porfa  
uno solo a toda hostia porfa  
MAESB2J01: y **claro** o sea que e e  
MAESB2G01: gordo gordo uno pásalo a toda hostia uno corre solo uno e

Nessas amostras, *claro* tenta preencher pausas e, durante a construção discursiva, uma estratégia que tenta assegurar e evitar o assalto do turno por



parte do interlocutor. Além de revelar o processo cognitivo do falante ao produzir a mensagem, unida a esta característica formulativa, *claro* possui também a função modalizadora que intensifica a opinião do falante.

### 2.2.2 *Claro como marcador modalizador*

No nível dialogal, tem-se o modalizador *claro*, que expressa o acordo na segunda parte do par adjacente.

(38)  
 MABPE2G03: pero estai% estais grabando {to|todo} el rato/  
 MABPE2G01: **Claro**  
 MABPE2G03: 2[yo ahora mismo estoy grabando todo lo que se está diciendo ]

(39)  
 MABPE2G02: te he llamado a tu queli <navn>Alberto</navn>  
 MABPE2G02: ah sí/  
 MABPE2J03: {caro|claro} tío... pero es que no estabas ... digo éste vaa

(40)  
 MABPE2G03: mañana por qué no me venís a buscar y vamos a escuchar esto  
 MABPE2J02: {caro|claro}  
 MABPE2J03: 1[siii/ ]  
 MABPE2J02: 1[siii ]  
 MABPE2J02: 2[siii/ ]  
 MABPE2J02: 2[siii ]

Nestes exemplos, tem-se o marcador *claro* envolvido nas estratégias de cortesia valorizadora como um variante de *sí*, uma vez que corresponde a um

enunciado em (38) e em (39) ou faz parte de outro, em (40), que se trata de respostas preferidas.

No intercâmbio (41), a repetição do marcador *claro* é uma estratégia de cortesia que intensifica o acordo:

(41)  
 MABPE2J01: es verdad <navn>Alberto</navn> vamos a verles a estos  
 nos vamos en autobús no tardamos.. nos esperáis no/  
 MABPE2J03: **claro claro** ves/ ya está\

Em (41), *claro* corresponde a um recurso fático que indica colaboração ou apoio à opinião do falante – que relata sobre rasgar a camiseta para que possa aparecer sua tatuagem.

(41)  
 MABPE2G01: por supuesto me hago un boquete y digo oye chave no es que se ha roto es  
 que es para presumir de tatuaje  
 MABPE2G02: {**caro|claro**}

Com a intenção de fazer uma opinião sobre a dos demais, *claro* corresponde a um falso acordo, tratando-se de um mecanismo retórico para produzir a objeção sem atacar a face do ouvinte.

(42)

MAESB2J03: 2[total van en plan ]  
 MAESB2J02: 2[natural sería así mira ]  
 MAESB2J02: van andando igual en plan  
 MAESB2J01: relativamente  
 MAESB2J01: relativamente natural sería así  
 MAESB2J02: **claro** pero depende de lo que  
 MAESB2J01: relativamente natural sería así

(43)

MABPE2J01: va a estar mazo de guapo el capítulo de hoy <pausa/> y por qué- por qué se termina tan pronto tío si estamos en octubre/  
 MABPE2G01: se termina una de las temporadas chica pero luego sigue  
 MABPE2J01: **claro** pero- van a poner otro- otro programa o qué/  
 MABPE2G01: no creo

O marcador *claro* indica a recepção da intervenção precedente e corresponde a um falso acordo porque MAESB2J02 visa a entregar um argumento discordante em (42). No excerto (43), embora aparentemente MABPE2J01 demonstre aceitar a mensagem de seu interlocutor, revela que este não lhe ofereceu a resposta que buscava.

No nível monologal, os intercâmbios (44) e (45) trazem o exemplo de *claro* com o valor de intensificação:

(44)

MAESB2G01: no pero este es como el <navn>Soria</navn> tío el <navn>Soria</navn> por ejemplo el otro día hay tres maneras de hacer un problema explica la más difícil y se salta seis pasos y entonces **claro** me quedo así y digo

(45)

MABPE2J01: y el otro ... uno de mii... instiituto <navn>Cris</navn> quítate el porro de la mano pásatelo y yo gilipollas te quieres callar la puta boca... y yo este chico es tonto y era mentira no tenía porro **claro**

Em (45) atuando como catafórico e em (46) anafórico, *claro* chama a atenção do ouvinte para o membro do discurso que deseja enfatizar.

**Quadro 3. Funções de *claro* encontradas no COLAm (*Corpus oral del lenguaje adolescente Madrid*)**

Marcação do discurso			Marcador	Definição	Exemplo
Conexão	Função Metadiscursiva (Estruturação)	Formulação	<i>claro</i>	Revela o processo de construção da mensagem ao reconstruir o que está dizendo, inserindo uma nuance de certeza à opinião entregue neste turno, evitando problemas de planejamento da linguagem oral.	A: pues es cuando debute o algo <pausa/> <b>Claro</b> <pausa/> (Colam, malce4-01)
Modalidade			<i>claro</i>	Indica o acordo na segunda parte do par adjacente, podendo manifestar cortesia valorizadora quando expressar respostas preferidas e/ou intensificar o acordo.	A: es verdad Alberto vamos a verles a estos nos vamos en autobús no tardamos... nos esperáis no/ B: <b>claro claro</b> ves/ ya está\ (Colam, mabpe2-11c)
			<i>claro</i>	No nível monologal, atua como catafórico ou anafórico, chamando a atenção do ouvinte para o membro do discurso que deseja enfatizar.	A: y el otro ... uno de mii... instiituto Cris quítate el porro de la mano pásatelo y yo gilipollas te quieres callar la puta boca... y yo este chico es tonto y era mentira no tenía porro <b>claro</b> (Colam, mabpe2-07)

### 2.3 *Claro*: estudos em Santiago do Chile

Segundo Pons e Samaniego (1998), *claro* está entre os marcadores que os falantes costumam usar para dar início aos seus enunciados ou turnos, permitindo-lhes ganhar tempo para preparar a enunciação. Neste caso, *claro* também pode revelar que a informação a que precede é conhecida pelos falantes. Ao mesmo tempo, modaliza o enunciado, atenuando o efeito categórico do tom.

Com relação ao que emite a mensagem, este marcador pode reforçar a própria opinião e, com relação ao destinatário, *claro* pode indicar colaboração ou apoio à opinião quando o que escuta incentiva o falante a continuar o seu discurso.

Poblete Bennett (1997) destaca o valor interativo desta partícula, classificando-a como marcador interativo com a função de manter o contato, requerer ou outorgar a continuidade da mensagem.

*Claro* pode desempenhar um papel correspondente à reformulação, indicando uma explicação ou precisão (*claro que*) ou uma conclusão, o que demonstra um controle da comunicação por parte do falante.

Cepeda e Poblete (2006) demonstram que o marcador *claro* pode facilitar a continuidade da entrega de informação do interlocutor e aliviar a tensão que a conversação pode provocar. Trata-se, pois, de um marcador que exerce um papel cooperativo, porque indica a aceitação e o acordo empático com as intervenções do interlocutor.

## 2.4 Análise do *corpus*: a variedade de Santiago do Chile (COLAs)

### 2.4.1 *Claro como marcador modalizador*

No *Colas* não foi encontrado nenhum intercâmbio em que *claro* atuasse com outro valor a não ser modalizador. Como em (47) e (48), em que o marcador em estudo expressa acordo.

(47)

scccm4g03: no pero es que es igual a El  
de qué vamos a hablar el martes de esto que estás haciendo tú no  
más

scccm4j10: **claro** y darle la fecha de las pruebas por ejemplo y no sé qué otras  
fechas tenemos que darle

(48)

scccm4j02: ay y la la la vamos a organizar ese mismo día/

scccm4j10: **Claro**

scccm4j02: la prueba

scccm4j10: les parece o quieren venir martes y miércoles/  
no (po | pues)

Em ambos os casos acima, *claro* participa de um par adjacente no qual se vê no segundo membro a manifestação da cortesia, uma vez que, através de *claro*, que abre a resposta, indica a aceitação e uma resposta afirmativa.

Nos próximos exemplos, (49) e (50), *claro* constitui-se como um apoio à opinião do falante:

(49)  
 scerb8j02: porque no tiene nada que hacer porque nadie lo pesca por eso  
 scerb8j01: obviamente sí para qué trae cosas para que se cree si/ ese ( <A8> luk | look)  
 es porque nadie le toma en cuenta no cierto  
 scerb8j03: 1[es que él quiere quiere sobresalir no]  
 scerb8j01: 1[para llamar la atención]  
 scerb8j02: **Claro**

(50)  
 scccm4j03: no y después yo le dije%  
 mi mamá me dijo y usted <xxx/> después me dijo pero usted no me dijo nada  
 le dije que sabe si le hubiera hecho algo le dijo le hubiera levantado le hubiera bajado a chuchadas le dije  
 y para qué le dije al final saldría perdiendo yo no usted pues  
 scccm4j07: **claro** <risa/>

*Claro* nestes intercâmbios marca seu papel cooperativo ao indicar a aceitação e o acordo empático com as intervenções dos interlocutores, expressando cortesia valorizadora. Pode inclusive servir de incentivo para que o falante continue seu discurso.

Nesse sentido, *claro* pode desempenhar o mesmo papel de *sí*.

(51)  
 scccm4j01: 2[a mí me gustaría tener más amigos pues ahora lamento no tener amigos porque]  
 scccm4j01: 1[pucha en año nuevo y en navidad/]  
 scccm4j04: 1[en tu casa/]  
 scccm4j01: **Claro**

Como uma resposta afirmativa, *claro* constitui o segundo membro do par adjacente (pergunta-resposta).



No intercâmbio (52), tem-se *claro* como marca de intensificação, com valor catafórico.

(52)

scccm4j10: no han llevado tu grupo **claro** que vas a seguir  
 scccm4g04: <risa/> sí (po | pues)

*Claro que* enfatiza e reforça a própria opinião do falante, demonstrando seu controle da comunicação. Observa-se que também possui um papel reformulador que evidencia a introdução de uma conclusão, um sinal da polifuncionalidade dos marcadores.

No exemplo a seguir (53), também no nível monologal, nota-se o controle da comunicação pelo falante:

(53)

scacb8j03: y se canta muy fuerte  
 entonces se te ha% se escucha muy desafinado entonces <xxx/> se  
 tiene que ver mucho con experiencias  
 scacb8j04: la cagó **claro** como el otro tiene harta experiencia con el micrófono  
 scacb8j03: la otra vez salió eso que la <xxx/> no se escuchaba abajo

O falante reforça a sua opinião através de *claro*, com que também introduz uma explicação, ou seja, preparara para a enunciação que desenvolve o tópico sobre os cantores, que, quando cantam ao vivo, não cantam tão bem, salvo se são mais experientes. Assim, além de seu papel intensificador, vê-se também um valor reformulador.

Com a intensificação, pretende-se transmitir mais clareza e adicionar força argumentativa ao que é dito, reforçando o que é apresentado, como em (54).

(54)  
scfob8g17: algo tuvular (sic) es un dado/  
scfob8g01: qué/  
scfob8g17: 1[algo tuvular es un dado]  
scfob8g01: 1[qué es un tuvular/]  
scfob8g18: tuvular tuvular  
<ruidos de fondo/>  
scfob8g01: tuvular **claro**

*Claro* possui aqui um papel intensificador anafórico, chamando a atenção do ouvinte para o membro do discurso que deseja enfatizar.

**Quadro 4. Funções de *claro* encontradas no COLAs (*Corpus oral del lenguaje adolescente de Santiago de Chile*)**

Marcação do discurso	Marcador	Definição	Exemplo
Modalidade	<b><i>Claro</i></b>	Indica o acordo na segunda parte do par adjacente, podendo manifestar cortesia valorizadora quando expressar respostas preferidas e/ou intensificar o acordo.	A: no pero es que es igual a él de qué vamos a hablar el martes de esto que estás haciendo tú no más B: <b>claro</b> y darle la fecha de las pruebas por ejemplo y no sé qué otras fechas tenemos que darle (Colas, scccm4-04)
	<b><i>Claro</i></b>	É um recurso fático que indica colaboração ou apoio à opinião do falante. Marca seu papel cooperativo, ao indicar a aceitação e o acordo empático com as intervenções dos interlocutores, expressando cortesia valorizadora. Pode inclusive servir de incentivo para que o falante continue seu discurso.	A: porque no tiene nada que hacer porque nadie lo pesca por eso B: obviamente sí para qué trae cosas para que se cree si/ ese (luk   look) es porque nadie le toma en cuenta no cierto C: 1[es que él quiere quiere sobresalir no] B: 1[para llamar la atención] A: <b>claro</b> B: el cen% A: 2[el centro de la atracción] B: 2[el centro de la atracción] C: 1[quiere ser florerito] B: 1[eso] (Colas, scerb8-01j)

	<p><b><i>claro que</i></b>  <b><i>claro</i></b></p> <p>No nível monologal, atua como catafórico ou anafórico chamando a atenção do ouvinte para o membro do discurso que deseja enfatizar. Reforça a própria opinião do falante, demonstrando seu controle da comunicação. Observa-se que também possui um papel reformulador que evidencia a introdução de uma conclusão ou explicação.</p>	<p>A: no han llevado tu grupo <b>claro que</b> vas a seguir (Colas, scccm4-04)</p>
--	--	--

### 3 YA

#### 3.1 Ya: estudos peninsulares

A partícula *ya* tampouco possui abundante bibliografia relacionada ao seu papel pragmático no espanhol coloquial.

Em Pons Bordería (1998), encontra-se a informação de que participa de movimentos de respostas (*ah ya*) ou início de turno (*ah ya ya*). Antonio Briz (2001: 181) indica que *ya* pode possuir um valor argumentativo de justificação, apresentar uma informação controlada pelo falante e que *pues ya está* indica conclusão.

López Quero (2007) expõe que quando o conector pragmático *pues* funciona como continuativo do que foi dito anteriormente, pode vir acompanhado pelo conector *ya*, que funciona como um operador argumentativo com a função de expressar uma atitude cooperativa com seu interlocutor, tornando presente a estratégia de cortesia, pois funciona como um intensificador e está orientado a apoiar um ato de fala, a partir do que se infere a implicatura de solidariedade.

### 3.2 Análise do *corpus*: a variedade de Madrid (COLAm)

#### 3.2.1 *Ya com Função de conexão*

##### 3.2.1.1 *Marcador argumentativo*

No excerto (55) há a ocorrência de *venga ya*, que indica que a intervenção de MABPE2J02 é falsa:

(55)  
 MABPE2J02: conoces a mi hijo/  
 MABPE2J01: **venga ya**  
 MABPE2J02: si tía. es mi hijo  
 MABPE2J01: qué dices/  
 MABPE2J02: que no es ninguna broma tía no te has enterado de que estaba embarazada  
 MABPE2J01: **venga ya**  
 MABPE2J02: jodeeeeeer cómo te lo digo  
 como quieres que te diga que vayamos a mi casa y te diga mi madre para que te creas que {ejjes} mi hijo  
 que te lo juro que es mi hijo coño

Com estas partículas, MABPE2J01 coloca em dúvida que sua interlocutora tem um filho, sem preocupar-se em proteger sua imagem, expressando que sua intervenção rompe com a máxima de qualidade.

O exemplo a seguir, já foi utilizado para a análise de *pues*, agora também será útil para a análise de *ya*. Observa-se que na intervenção '*ya, o sea, él a mí me dijo "vale, no sé que(...)"*', em (56), o marcador *ya* possui um valor argumentativo de justificação, apresentando uma informação controlada pela falante.

(56)

MABPE2G01: eh <navn>Mari</navn> sabes que hay gente en el trabajo que lo sabe no/  
MABPE2J02: qué gente  
MABPE2G01: <navn>Ana</navn> por ejemplo  
MABPE2J02: ah yo lo se  
y se lo dijo <navn>Guille</navn>  
MABPE2G01: y y y y no se quién más  
MABPE2J02: y lo dijo <navn>Guille</navn> hombre  
es su mejor amiga por qué no se lo va a contar  
MABPE2G01: no sé chica pero se está enterando gente  
MABPE2G01: 1[ eso sí que es verdad ]  
MABPE2J02: 1[ya o sea él a mí me dijo vale no se qué ]  
MABPE2J02: a mí me ha dicho <navn>Guillermo</navn> que cuando sea  
se lo pue se lo dice a <navn>Rosa</navn>  
porque <navn>Rosa</navn> también es su amiga .  
a mí me da igual .  
yo lo hacía por él pero a él le da igual  
MABPE2G01: pues nada  
MABPE2J02: estamos es que yo no sé si estoy en serio o si estamos de rollo es que no sé

Diante da mensagem de seu interlocutor, que opina que MABPE2J02 tem que se preocupar com a propagação das notícias de seu relacionamento com Guille, ela busca apresentar suas justificativas, introduzidas por *ya*.

### 3.2.1.2 Marcador metadiscursivo

No exemplo (57), *ya está* desempenha um valor regulador e expressa o desejo do falante de fechar o tópico conversacional com a intenção de não continuar o assunto.

(57)

MABPE2G02: es que este es mej este es más difícil de controlar que ese porque este  
es como .. fi fi fi fi fi  
MABPE2G01: vale que *ya* está vale/. ya estoy grabando y todo

O exemplo seguinte (58) apresenta o conector *ya* com o mesmo valor regulador. Aqui expressa, no entanto, a intenção do falante de inserir uma conclusão descortês com relação ao juízo que faz sobre o que relata sua interlocutora, MABPE2G02.

(58)

MABPE2J02: que me fui al cine con él

MABPE2G02: eh eh eh eh

MABPE2J02: y no me enteré de la peli ví la de e e Identidad

MABPE2G02: que tal está

MABPE2G01: **ya** tu eres una cerda

MABPE2J02: es una mierda de película

MABPE2G02: vale entonces no voy a verla

MABPE2G01: pero si no te enteraste de la pelicula lo acabas de decir



**Quadro 5. Funções de *ya* encontradas no COLAm (*Corpus oral del lenguaje adolescente de Madrid*)**

Marcação do discurso		Marcador	Definição	Exemplo
Conexão	Função Argumentativa		<i>venga ya</i>	Indica que uma parte da intervenção é falsa ou exagerada, expresando pouca preocupação com o processo de figuração.  A: conoces a mi hijo/ B: <b>venga ya</b> A: si tía. es mi hijo B: qué dices/ A: que no es ninguna broma tía no te has enterado de que estaba embarazada B: <b>venga ya</b> A: jodeeeeer cómo te lo digo como quieres que te diga que vayamos a mi casa y te diga mi madre para que te creas que {e es} mi hijo que te lo juro que es mi hijo coño  (Colam, mabpe2-01c)
			<i>ya</i>	Possui um valor argumentativo de justificação, apresentando uma informação controlada pelo falante.  A: no sé chica pero se está enterando gente A: 1[ eso sí que es verdad ] B: 1[ <b>ya</b> o sea él a mí me dijo vale no se qué ]  (Colam, mabpe2-01a)
	Função Metadiscursiva (Estruturação)	Regulador	<i>ya está</i>	Expressa o desejo do falante de fechar o tópico conversacional, inserir uma conclusão ou justificativa, com a intenção de não continuar o assunto.  A: es que este es mej este es más difícil de controlar que ese porque este es como .. fi fi fi fi fi B: vale que <b>ya</b> está vale/. ya estoy grabando y todo  (Colam, mabpe2-01a)

### 3.3 Ya: estudos em Santiago do Chile

Poblete (1997) é quem mais tem analisado as funções do marcador *ya* na variedade chilena. A autora destaca o seu papel *relacionante de oposición*, segundo a classificação criada por ela, seguindo critérios de outros autores, como Halliday e Hasan (1976) e Fuentes (1996). Nesse caso, *ya* marca a oposição entre as unidades discursivas que unem.

Quando o marcador *ya* atua no nível do texto oral, a autora também o marcou dentro do grupo dos chamados *ordenadores do discurso* (*ya* ou *ya después*) podendo desempenhar funções *conclusivas*, *continuativas* ou *recapituladoras/ conclusivas*.

Poblete também inclui a partícula *ya* entre os marcadores *apelativos/ interativos* quando funciona como uma interjeição colaborativa (geralmente fática) com o interlocutor e como uma partícula de contato com o ouvinte durante o turno do falante (*¿ya?*).

Finalmente, como um marcador *modalizador*, a autora explica que *ya* pode desempenhar a função de enfatizar e apoiar ao final do enunciado.

Do rastreamento que efetuam em uma amostra de língua dos falantes cultos de Santiago do Chile, Pons e Samaniego (1998) indicam que a forma interrogativa da partícula *¿ya?* está entre as mais frequentes entre os chamados *marcadores pragmáticos de apoio discursivo*, que, conforme os autores, são unidades formais que operam no nível do discurso e que servem de suporte às unidades de fala, ao mesmo tempo em que funcionam como articuladores das

enunciações dos falantes, contribuindo para a configuração do contexto discursivo.

Quanto à distribuição deste marcador por grupos etários e por sexo, os autores concluem que *ya* ocorre mais entre homens de 25 a 35 anos. Observam também que *ya* não tem incidência em grupos com faixas etárias maiores (de 36 a 55 e de 56 a 75) ou entre as mulheres de qualquer faixa etária. Embora não seja a distribuição por faixas etárias ou sexo o foco desta pesquisa, vale destacar que até o presente momento não se conhece como se dá a distribuição da partícula *ya* em faixas etárias mais jovens, abaixo dos 25 anos considerando ambos os sexos. Tampouco é sabido se *ya* desempenha os mesmos papéis neste grupo etário mais jovem.

Baseando-se na tipologia criada por eles, Pons e Samaniego classificam a partícula *ya* como *continuativa* ou *progressiva*, destacando sua posição no interior de uma sequência na função de colaborar ou apoiar a opinião do interlocutor. A forma interrogativa (*¿ya?*) é incluída por eles dentro do grupo dos finalizadores solicitadores de aprovação, porque além de marcar o fechamento de um enunciado, solicita a aprovação do alocutor e, simultaneamente, podem marcar a cessão do turno e assumir um papel atenuador ao suavizar um possível tom categórico.

Considerando a implicação dos marcadores discursivos na manifestação das estratégias de cortesia verbal num estudo cujo material de análise são entrevistas clínicas com mulheres, Cepeda e Poblete (2006) demonstram que a cooperação entre a voz médica e a entrevistada se potencializa com o uso de marcadores interativos, como *ya*, que, conforme esse estudo, trata-se de um indicador de aceitação e de acordo empático com as intervenções da paciente.

Também, *ya* se encontra na voz da paciente como introdutor de resposta, indicando a aceitação das orientações e imposições da profissional de saúde.

### 3.4 Análise do *corpus*: a variedade de Santiago do Chile (COLAs)

#### 3.4.1 *Ya com função de conexão*

##### 3.4.1.1 *Marcador argumentativo*

O marcador *ya* pode representar um sinal verbal de discordância, numa atividade interativo-argumentativa, com um valor de oposição com relação à intervenção precedente:

(59)

scpvm3j01: bueno ahora volvió a pedir perdón (po | pues)  
 scpvm3g02: que pida todos los meses que pida todos los meses porque las huevadas que hizo no se las va a perdonar nadie  
 scpvm3g02: 1[pero no las hizo él ]  
 scpvm3j01: 1[él no las hizo las hizo la iglesia él representa la institución ]  
 scpvm3g02: 2[los hizo la iglesia ]  
 scpvm3j01: 2[él representa la institución ]  
 scpvm3g03: no <!A8> cachay que que antes ha habido gente equivocada <!A8> cachay quiere decir que la iglesia esten todos equivocados <!A8> cachay/  
 scpvm3g02: es igual pues si te pones a ver/  
 scpvm3j01: 1[oye si tampoco pueden ser perfectos si son humanos <!A8> cachay/ ]  
 scpvm3g03: 1[la cagó pues ]  
 scpvm3g02: pero si te (poni | pones) a descubrir en la historia <!A8> cachay/ de la <xxx/> y toda la huevada  
 scpvm3g03: pero ocurrió en la Edad Media huevón fue hace millones de años  
 scpvm3g04: huevón fue hace mil años  
 scpvm3j01: bueno mil o millón es%  
 scpvm3g03: **ya** mil años es <º> caleta <!A8> cachay sí es <º> caleta  
 scpvm3g02: son mínimas en la humanidad  
 scpvm3j01: oye pero la iglesia no existió hace miles de años tampoco (po | pues)

Nesta troca (59), o tema projeta-se sobre o pedido de perdão oficial realizado pelo papa, pelas atrocidades históricas cometidas. Apoiando a integridade clerical e da Igreja como instituição, o falante Scpvm3g03 argumenta que os erros do passado não necessariamente se repetem no presente, “*no cachay que que antes ha habido gente equivocada cachay, quiere decir que la iglesia estén todos equivocados cachay*”. E que, além disso, segundo ele, tais erros localizam-se num passado bastante remoto – “*la cagó pues (...) pero ocurrió en la Edad Media huevón fue hace millones de años*”. Esta intervenção ativa a reação de seu interlocutor (Scpvm3g04), que discorda das datas – “*huevón fue hace mil años*”. Em seguida, no turno de Scpvm3g03, *ya* corta a orientação argumentativa do falante anterior e se opõe à relação entre esse argumento e ao conjunto de conclusões que permite ser acessado, inferindo de “*huevón fue hace mil años*”, o efeito de não aceitação. *Ya*, como marca de oposição, introduz o segundo membro do par adjacente asserção-desacordo – “*Scpvm3g04: huevón fue hace mil años*” / Scpvm3g03: “*ya mil años es caleta (...)*”. Embora, intencionalmente ou não, Scpvm3g03 tenha exagerado na quantidade de anos em que ocorreram os comentados fatos históricos relacionados com a atuação da Igreja, as suas proposições permitem levar à conclusão de que mesmo havendo equívocos históricos, estes ocorreram há muito tempo e, por isso, estão muito distantes da atualidade.

O marcador *ya*, portanto, busca invalidar a orientação argumentativa estabelecida pelo falante precedente, introduzindo um corte de sua orientação argumentativa e instituindo-se como uma marca verbal do desacordo no nível dialogal.

### 3.4.1.2 Marcador metadiscursivo

No material de análise desta pesquisa, o marcador *ya* foi encontrado desempenhando um papel de estruturador do discurso, com função metadiscursiva. Este marcador pode desempenhar uma função semelhante à atribuída a *ya po*, que foi analisada anteriormente na seção dedicada a análise de *pues* no *corpus* de Santiago de Chile. Neste caso, *ya* atua no desenvolvimento do conteúdo da sequência conversacional para introduzir um corte e para que se prossiga com outro tópico. Assim, devido à sua propriedade reguladora, o marcador *ya* pode introduzir o encerramento de uma unidade discursiva, o que consecute o início de outra:

(60)

scfob8g19: son maricones  
 scfob8g21: tira los dados juntos (po | pues) huevón  
 scfob8g19: 2[eh **ya** qué hora es/]

(61)

scpvm3g03: están hablando que una autoridad tiene que tener el medio el medio <X> millón de <!A5> dolares </X>  
 scpvm3g03: no no para demostrar la autoridad <!A8> cachay/  
 scpvm3g02: (tenís | tienes) que demostrar que tú (erís | eres) alguien santo/  
 scpvm3j01: no pero no puedes ser poeta <xxx/>  
 scpvm3g03: no huevón que eres imbécil <xxx/>  
 no no es que es santo porque tiene ahorros  
 scpvm3j01: **ya** danos un ejemplo  
 scpvm3g03: si no que el oro <!A8> cachay demuestra el grado que tiene <!A8> cachay

(62)  
 scpvm3g03: hola  
 scpvm3g01: hola  
           **ya** digámosnos otros nombres ya/  
 scpvm3j01: 2[no que ]  
 scpvm3g03: 2[sí ]  
 scpvm3g03: <xxx/>  
 scpvm3g01: me llamo daniel y soy <!A4> gay  
 scpvm3g02: ariel  
 scpvm3j01: daniela  
 scpvm3g01: <F> eeehhhhh </F>

Na amostra (60), vários adolescentes participam de um jogo com dados e, durante a conversação, é possível notar que, através do marcador *ya*, o falante Scfob8g19 corta o tópico conversacional para introduzir uma solicitação direta para que lhe digam que horas são.

O exemplo (61) é uma amostra de uma atividade interativo-argumentativa, cujo tema se refere à forma como a autoridade clerical pode ser demonstrada dentro da Igreja. Com *ya*, Scpvm3j01 aloca um corte, e com um ato de fala direto, pede ao interlocutor que exemplifique seus argumentos – “*ya danos un ejemplo*”. Embora *ya* apresente visíveis valores de oposição com relação às intervenções anteriores, destaca-se aqui seu papel regulador, que marca o corte do que foi dito e o início do que vai ser acrescentado oralmente.

Em (62), o marcador *ya* introduz também um ato exortativo – “*ya digámonos otros nombres ya*” – considerando que os atos exortativos constituem o protótipo dos atos de fala que ameaçam o direito do indivíduo para atuar autonomamente. (Haverkate, 1994: 21). Nota-se, portanto, nesses três exemplos, a presença da ameaça às faces dos demais ouvintes, pois a sequência precedente é cortada, um tópico discursivo é rompido e se introduz um ato de fala cujo objeto ilocutório tem o fim de influenciar no comportamento intencional dos

ouvintes para que realizem a ação especificada pelo conteúdo proposicional da unidade precedida por *ya*.

Porém, no exemplo (62), para proteger a própria imagem, o falante usa da estratégia de cortesia pseudoinclusiva (Haverkate, 1994:31), empregando a primeira pessoa do plural, demonstrando que participam da exortação, coletivamente, ele mesmo e seus interlocutores. Cria então uma solidariedade simbólica com os ouvintes, embora o falante exerça desta forma certa autoridade ou poder sobre os ouvintes na comunicação.

Observa-se no próximo excerto, o uso de *ah ya* para anunciar uma conclusão a que o falante chegou.

(63)

scawm4g07:	2[qué qué idioma hablan en noruega/]
scawm4j01:	1[danés parece]
scawm4g06:	1[noruego noruego]
scawm4j01:	2[danés]
Varios:	2[ah - noruego]
scawm4g06:	1[danés/]
scawm4g07:	1[danés/]
scawm4g06:	2[danés/]
scawm4g07:	2[{}oooohhh/}]
scawm4g06:	danés/ <b>ah ya\</b>
scawm4g07:	no yo pensabaaa yo pensaba que hablaban africano allá
Varios:	1[no noruego noruego]
scawm4g06:	1[no borra eso por favor corta]

O falante Scawm4g06 ante a dúvida sobre qual idioma é falado na Noruega, é influenciado pela proposição de que falam dinamarquês nesse país, assim anuncia a que conclusão chegou mediante *ah ya*, embora seja uma conclusão equivocada.



Nos exemplos (64) e (65), a partícula *ya* participa de uma pré-sequência que introduz as despedidas, posição ocupada por *pues nada* no *corpus* do espanhol peninsular (COLAm), já analisada nesta pesquisa. Assim, estabelece o pré-fechamento de conversações e as saídas de um tópico conversacional.

(64)  
 <ruido de fondo/>  
 scfob8j01: pobrecita no puede estar más nerviosa  
 <ruido de fondo/>  
 scfob8g02: **ya** chao mi amor

(65)  
 scfob8g02: **ya** chao  
 scfob8g14: vámonos/  
 scfob8g02: vámonos

*Ya*, nestes exemplos, possui o mesmo papel que se constatou em *pues nada*, antes de despedidas no *corpus* de Madrid (COLAm). No lugar de realizar um corte diretamente brusco, as pré-sequências de fechamento conversacional oferecem ameaça à imagem social, de forma que seja necessário usar estratégias de cortesia para que não se realize um corte brusco, impedindo então que se produza uma ruptura abrupta.

### 3.4.2 *Ya como marcador modalizador*

O marcador *ya* pode manifestar as atitudes de um falante diante de uma mensagem. Como expressão do acordo, por exemplo, *ya* pode realizar a mesma função atribuída a *sí*.

(66)  
 scfob8g20: juguemos a todos digan lo que yo diga  
 scfob8g01: qué/  
 scfob8g20: todos digan lo que yo diga  
 <voz de la profesora/>  
 scfob8g01: <xxx/>  
 <voces y ruido de fondo/>  
 scfob8g01: el nuevo juego todos digan lo que yo diga  
 scfob8g20: no lo que yo digo  
 scfob8g01: bueno lo que él diga  
 scfob8g16: **ya**

(67)  
 scacb8j02: la llamamos/  
 scacb8j01: **ya** llámémosla

Em (66), o falante demonstra que compreendeu a explicação sobre que jogo a que vão dar início e demonstra o acordo com realizar o que expressa o conteúdo proposicional, revelando a atitude do falante diante da mensagem. Nesse sentido, no exemplo (67), *ya* destaca seu valor reativo, pois além de possuir as funções mencionadas é um introdutor de resposta: o falante revela sua atitude de aceitação diante da pergunta, apoiando a opinião do interlocutor.

### 3.4.3 *Ya como marcador de controle de contato*

*Ya* exerce um papel pragmático de apoio discursivo, facilitando a interação entre os interlocutores, ou seja, desempenha a função de apoiar a opinião quando o que escuta incentiva o falante a continuar o seu relato.

(68)

scawm4g01: 1[{{°} brigio {°} brigio]  
 scawm4g16: 1[lo que yo {+A8} cacho allí donde estábamos pasó eso]  
 scawm4g16: porque la abuela de mi amigo  
 la abuela sí pues  
 es media bruja pues  
 scawm4g01: **ya**  
 scawm4g16: hace huevadas  
 scawm4g15: 2[es cuando eres brujo andas llevas espíritus un montón de espíritus]  
 scawm4jx8: 2[sabes donde se% adonde se ve eso/]  
 scawm4jx8: es en el sur  
 has escuchado alguna vez {xxx/}

(69)

scfob8g02: ayer a mí me retaron porque estaba/  
 en <!A4> computación  
 y me conecté en el ( <\_A1> messendzer | messenger)  
 y el cr% y el <navn> camilo </navn>  
 scfob8j01: **ya**  
 scfob8g02: eh <xxx/>  
 mi compañero  
 me habló el culiado y se me va la huevada  
 scfob8g02: 2[me pillaron]  
 scfob8j01: 2[y quién/]

Como controlador da atividade interativa, nos exemplos acima, *ya* serve para orientar o falante durante o turno quanto à recepção, como expressão cortês

de caráter colaborativo, animando-o a seguir com a sua mensagem. Marca a posição pessoal do ouvinte.

Do mesmo modo, a forma interrogativa de caráter apelativo desempenha uma função fática:

(62)

scpvm3g03:	hola
scpvm3g01:	hola
	ya digámosnos otros nombres <b>ya</b> /
scpvm3j01:	2[no que ]
scpvm3g03:	2[sí ]
scpvm3g03:	<xxx/>

Nessa amostra, que também foi analisada na seção anterior, a forma interrogativa de *ya* no turno do falante Scpvm3g01 – “*ya digámosnos otros nombres **ya***” - solicita a aprovação dos ouvintes, marca o fechamento do enunciado, produzindo um lugar relevante para a transição de turnos. Também pode atenuar o tom categórico de uma exortação.

**Quadro 6. Funções de *ya* encontradas no COLAs (*Corpus oral del lenguaje adolescente de Santiago de Chile*)**

Marcação do discurso		Marcador	Definição	Exemplo	
Conexão	Função Argumentativa		<i>ya</i>	No nível dialogal, apresenta o membro do discurso ao que precede e os aspectos do enunciado que devem ser levados em conta, opondo-se à orientação argumentativa estabelecida pelo falante anterior. Marca o desacordo e atua como um guia do processo inferencial.	A: pero ocurrió en la Edad Media huevón fue hace millones de años B: huevón fue hace mil años (...) A: <b>ya</b> mil años es caleta cachay sí es caleta (COLAs, scpvm3-01)
	Função Metadiscursiva (Estruturação)	Regulador	<i>ya</i>	Localiza-se no início de uma intervenção para cortar o discurso do interlocutor, para que prossiga com outro tópico, realizando uma operação enunciativa que mostra o controle da comunicação por parte do falante que o emprega. Pode guiar o processo inferencial que expressa a consequência do que foi dito anteriormente.	A: (...) no no es que es santo porque tiene ahorros B: <b>ya</b> danos un ejemplo (COLAs, scpvm3-01)
			<i>ah ya</i>	Organiza a matéria discursiva, expressando uma conclusão ou consequência do que foi dito anteriormente.	A: danés/ <b>ah ya</b> \ (COLAs, scawm4-02)

			<b>ya</b>	Constitui uma forma convencionalizada para introduzir uma proposta de encerramento da conversação e, em seguida, uma despedida, ou seja, atua numa pré-sequência que representa um quadro preparatório para uma despedida.	A: <b>ya</b> chao B: vámonos/ A: vámonos (COLAs, scfob8-03)
Modalidade			<b>ya</b>	Marca o início de uma intervenção, revela o seu caráter reativo e atua como veículo para expressar o acordo.	A: la llamamos/ B: <b>ya</b> llamémosla (COLAs, scacb8-01)
Controle de contato			<b>ya</b> <b>¿ya?</b>	Exerce um papel pragmático de apoio discursivo, facilitando a interação entre os interlocutores, com a função de apoiar a opinião do falante ou de incentivar a continuar o seu relato, marcando a posição pessoal do ouvinte e produzindo a implicatura de solidariedade. A forma interrogativa, de caráter apelativo, solicita a aprovação dos ouvintes, marca o fechamento do enunciado, produzindo um lugar relevante para a transição de turnos. Também pode atenuar o tom categórico de um enunciado na sua forma interrogativa.	A: porque la abuela de mi amigo la abuela sí pues es media bruja pues B: <b>ya</b> A: hace huevadas (Colas, SCAWM405)  A: ya digámosnos otros nombres <b>ya</b> / (COLAs, scpvm3-01)

#### 4 CONTRASTES: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBSERVAÇÃO DOS CORPORA MADRILENO E CHILENO

Contemplando as variações linguísticas entre as comunidades de fala de Madri e Santiago do Chile, são relacionadas aqui algumas destacadas considerações quanto ao processamento dos marcadores *pues (po)*, *claro* e *ya*, segundo as distribuições nos enunciados e atos de fala, as funções, a identificação dos conteúdos discursivo-pragmáticos e do desenvolvimento sequencial da conversação e a organização da interação.

Quanto ao marcador *pues*, no *corpus* madrileno desta pesquisa, constatou-se a sua função argumentativa, reveladora da oposição com relação à intervenção precedente, podendo intervir na inferência de um dissentimento por parte do interlocutor e funcionar como um intensificador.

Nas amostras de fala juvenil de Madri, grande parte das ocorrências de *pues* desempenha um papel metadiscursivo, marcando o início, a progressão e também o fechamento da unidade em que se insere, podendo oferecer também valores reativos ou hierárquicos à organização da mensagem, o que favorece o direcionamento do processo inferencial. Nesse âmbito, chamou a atenção, neste *corpus*, a atuação de *pues nada*, que pode ter um papel formulador, no caso de corresponder a pausas preenchidas, como também pode estar presente nas pré-sequências de fechamento, como um regulador, para manifestar cortesia e evitar cortes bruscos, vislumbrando a proteção das faces.

Como marcador de modalidade, igualmente é significativa a ocorrência de *pues* nessa variedade como veículo para expressar a intensificação, o acordo e o desacordo.

Ao passo que no *corpus* de Santiago do Chile, a variante *po* é predominante em vez de *pues*. Neste material de análise não foi encontrado para este marcador um papel densamente argumentativo, como no *corpus* madrileno, mas de igual modo preponderam valores metadiscursivos. Nesse caso, vale ressaltar que quando atua como um regulador, *ya po*, para cortar o discurso do interlocutor, mostra o controle da comunicação por parte do emissor, evidenciando a pouca necessidade em autoafirmar a imagem de autonomia do ouvinte.

Como marcador de modalidade, no *corpus* chileno, diferente do que se viu no *corpus* espanhol, pode atenuar uma asserção. Nesse material de análise, a variante *po* também pode intensificar o acordo ou o desacordo, mas quando exerce o papel de finalizar um enunciado, funcionando como apoio ou reforço ao que foi dito, trata de um valor estritamente presente no *corpus* chileno com relação ao espanhol, que valoriza a intenção do emissor e entrega maior força ao ato ilocucionário. Nesses casos, é notável a falta da necessidade da preocupação com as imagens, tampouco se aplica a cortesia assertiva, que consiste em atenuar o conteúdo proposicional ou a força ilocutória.

No que se refere a *claro*, no *corpus* madrileno, constatou-se seu papel modalizador, para intensificar e para expressar o acordo. Pode manifestar, ademais, um mecanismo retórico para produzir uma objeção sem atacar a face do ouvinte. Também pode funcionar como um formulador, demonstrando sua função metadiscursiva.

Nas amostras chilenas, não se constatou um papel metadiscursivo em *claro*, somente o de modalizador, que, além de intensificar e expressar o acordo, como se viu no *corpus* madrileno, corresponde a um recurso fático, que indica



colaboração ou apoio à opinião do falante, marcando o seu papel cooperativo e expressando cortesia valorizadora.

Finalmente, quanto ao marcador *ya* analisado no *corpus* de Madri, averiguou-se suas funções argumentativas, com a intenção de ser descortês (*venga ya*) ou com o papel de apresentar uma justificativa, e metadiscursivas, revelando o controle da conversação por parte do emissor.

No *corpus* chileno, *ya* parece ser mais polifuncional, na medida em que foram encontradas funções argumentativas, metadiscursivas, modalizadoras e de controle de contato, de forma que, segundo estes papéis, respectivamente, *ya* pode marcar o desacordo, organizar a matéria discursiva ou cortar o discurso do interlocutor, expressar o acordo e facilitar a interação entre os interlocutores, com a função de apoiar a opinião do falante ou de incentivar a continuar o seu relato.

A análise realizada nesta seção evidenciou a heterogeneidade procedente da variação linguística e dos aspectos socioculturais, uma vez que os valores de imagem e as estratégias utilizadas mediante o uso dos marcadores *pues*, *claro* e *ya* não se devem às mesmas razões nas culturas chilena e espanhola.

## **CAPÍTULO IV**

## O CONTATO INTERCULTURAL

### 1 A TEORIA DA RELEVÂNCIA NA COMUNICAÇÃO E A CORTESIA LINGUÍSTICA

A cortesia é explicada com fundamentação no conceito de inferência (cf. Brown e Levinson, [1978] 1987; Leech, 1983), que parte do *Princípio de Cooperação* de Grice (1975), de cujas implicaturas originam-se o efeito de cortesia, a partir da produção de atos de fala indiretos, de forma que se considere que quanto maior o caminho inferencial que conduz a implicatura, maior é o grau de cortesia.

Esse enfoque inspirou os estudos universalistas que, de acordo com Brown e Levinson, assentem que se as máximas do Princípio de Cooperação são universais, as estratégias de cortesia que exploram tais máximas também o seriam. Nesse modelo os atos de fala indiretos seriam construídos em qualquer língua a partir dos mesmos mecanismos. Entretanto, como já tratado nesta pesquisa (ver Capítulo I), o enfoque universalista da cortesia não dá conta da diversidade cultural (cf. Bravo, 2004), o que pode ser comprovado a partir das variadas formas e estratégias observáveis em comunidades com línguas-culturas distintas. Sabe-se que a natureza do processo interpretativo muda em diferentes culturas, uma vez que há grandes diferenças de significado e valorização social atribuídas a uma mesma estratégia em culturas diferentes. Associando-se significados a uma mesma estratégia, as sociedades apresentam expectativas diferentes para o comportamento verbal e são concedidos valores diferentes a um mesmo princípio.

Com efeito, as diferenças culturais afetam tanto as condições de uso quanto às interpretações associadas a um enunciado, de maneira que somente o funcionamento dos mecanismos de inferência não é capaz de evitar uma interpretação inesperada de um enunciado. (Escandell-Vidal, 1998:10-11).

Na teoria da Relevância, as máximas de Grice deixam de ser o ponto de partida e dão lugar a um único *Princípio de Relevância*: “*Todo ato de comunicação ostensiva comunica a suposição de sua própria relevância ótima*”. (Sperber e Wilson, 1986). Esse princípio constitui uma generalização descritiva da forma como os humanos se aproximam às mensagens que recebem e pressupõe que toda comunicação é relevante, isto é, sempre que um indivíduo interpreta um enunciado, desempenha esta tarefa cognitiva ao supor que vale à pena processá-lo.

Esse enfoque propõe que a comunicação humana é conseguida pela conjunção entre a ostensão e a inferência e graças ao compromisso com a busca pela relevância. Nesse âmbito, Sperber e Wilson (1994) abordam a comunicação ostensivo-inferencial, em que o emissor produz um estímulo que manifesta para si mesmo e para o destinatário e, através deste estímulo, o emissor tem a intenção de exprimir para o destinatário um conjunto de suposições.

Sperber e Wilson (1993) sustentam que as forças ilocutórias dependem do contexto e do enunciado, sendo que as formas linguísticas nunca codificam tais forças, mas somente servem como guias para a interpretação das mesmas nos atos de fala. Assim, quanto à inferência, esta constitui um processo pelo qual se produz a interpretação do enunciado, porém a inferência não permite a decodificação da intenção comunicativa do emissor. Só é possível ao destinatário

construir uma suposição a partir das provas que oferece a conduta ostensiva do emissor.

A Teoria da Relevância constitui, portanto, um modelo de corte cognitivo no qual a cortesia pode ser tratada. Nessa visão, a autora Escandell-Vidal (1998) indica uma mudança de perspectiva ao propor que a cortesia não somente deva ser pesquisada com base em perspectivas sociais, mas sim explicada em termos de conhecimento adquirido, de modo que os aspectos sociais se respaldem pelos aspectos cognitivos.

Dessa forma, para explicar o fenômeno da cortesia a partir desse enfoque, a chave é o contexto, definido como o subconjunto particular de suposições que um ouvinte utiliza para a interpretação de um determinado enunciado, tratando-se de uma realidade interna. O conjunto de suposições de um indivíduo, por sua vez, pode ser formado por qualquer elemento e situação exterior internalizados durante toda uma vida, e pode constituir-se por enunciados prévios, dados da situação extralinguística, conhecimento de mundo etc.

Guiado pelo Princípio de Relevância, o ouvinte utiliza critérios para selecionar certas suposições dentro do conjunto para produzir uma interpretação relevante, em que o custo - o esforço de processamento - e o benefício - os efeitos cognitivos - encontrem uma relação ótima. O conhecimento, então, se torna um elemento central na interpretação dos enunciados.

A noção interna do contexto permite explicar as diferenças de interpretações para um mesmo enunciado, as quais podem proceder-se, por um lado, da raiz individual ou da experiência pessoal de cada um, ou, por outro lado, das diferenças culturais. Destas derivam o modo de atuar e de ser de um povo como o de perceber, pensar e comportar-se (Escandell-Vidal, 1998: 14).

A partir dessa linha, Escandell-Vidal (1998) aclara que a cortesia é um efeito que depende decisivamente das suposições prévias que um indivíduo tenha adquirido sobre qual é o comportamento socialmente adequado:

“Los enunciados que explotan algunas de las estrategias de las llamadas ‘estrategias de cortesia’ se procesan exactamente igual que cualquier otra clase de enunciado: combinando su contenido explícito con un subconjunto específico de supuestos adquiridos que incluyen supuestos sobre el comportamiento social esperable. El efecto cortés dependerá de la existencia de una norma cultural específica, relativa a la forma o al contenido del enunciado, y al grado de ajuste del enunciado con respecto a dicha norma.” (Escandell-Vidal, 1998: 15)

Em sentido amplo, o fato de considerar um enunciado como cortês ou descortês depende do conhecimento sobre o comportamento social de natureza cultural que cada indivíduo carrega consigo. A autora reitera que se for considerado que cada indivíduo, segundo a sua cultura, internalizou conjuntos diferentes de suposições sobre maneira adequada de atuar, com relação a outra cultura, será possível explicar as diferenças nas formas de comportamento e interpretação.

E para atuar de forma cortês, de acordo com Escandell-Vidal (1998), além das fórmulas convencionalizadas ou ritualizadas de cortesia, é necessário adaptar-se à situação social. Como exemplo, no caso particular desta pesquisa, nos intercâmbios sociais entre jovens e adolescentes, é necessário sujeitar o uso linguístico a parâmetros como a identidade social do destinatário, idade, sexo, grau de informalidade e familiaridade etc.

A partir desse modelo cognitivo, busca-se destacar a diversidade sociocultural relativa ao estilo de interação entre adolescentes brasileiros, chilenos e espanhóis nesta seção.

## 1.1 Os marcadores discursivos e a relevância

Como exposto anteriormente, a relevância procede da relação entre as representações ou suposições que proporciona um emissor e um contexto que é reconstruído pelo destinatário. A partir dessa teoria, a codificação linguística apresenta dois tipos de significados: o *conceitual*, relativo à informação sobre as representações, e o *procedimental*, relativo à informação sobre como manejar as representações.

Os conteúdos procedimentais incluem os marcadores discursivos, uma vez que são capazes de codificar restrições sobre a fase inferencial da compreensão, restringindo a classe de interpretações possíveis ao sinalizar a direção em que se deve buscar a relevância do enunciado. (cf. Ramírez Gelbes, 2003).

Nesse modelo, desempenha um papel central o conceito de *explicatura* nas intervenções linguísticas, que é o conteúdo explicitamente comunicado pelo enunciado e decodificado, somado aos processos inferenciais que permitem recuperar o conteúdo explícito, isto é, constitui a forma proposicional comunicada pelo esquema lógico codificado e o material pragmático inferido.

Sobre as explicaturas e as tarefas de inferência, os conteúdos procedimentais exercem restrições. Para explicar o desempenho dos marcadores discursivos nesse processo, é necessário considerar que existem três níveis de inferência (cf. Ramírez Gelbes, 2003):

1. *Explicaturas de nível baixo ou proposicionais*: permitem avaliar as orações em termos de condições de verdade;
2. *Explicaturas de nível alto*: são indicadores da força ilocutória e as partículas discursivas;
3. *Implicaturas*: constitui uma suposição ou implicação contextual que o emissor pretende que o destinatário recupere sem dizê-lo abertamente.

Os marcadores discursivos encontram-se no chamado nível baixo, atuando nas reconstruções que o destinatário realiza das atitudes proposicionais ou das intenções ilocutórias com que o emissor formulou seu enunciado.



## 2 CORTESIA E RELEVÂNCIA: A IMPRESSÃO DE BRASILEIROS EM CONTATO COM VARIEDADES DO ESPANHOL

A respeito do tema da cortesia e a relevância, este capítulo investiga a compreensão ou a impressão que um determinado grupo de brasileiros constrói ao entrar em contato com formações discursivas de falantes chilenos e espanhóis e escutar trechos do *corpus* desta pesquisa, considerando que brasileiros, chilenos e espanhóis possuem conjuntos diferentes de suposições sobre a forma de comportar-se num evento comunicativo oral.

Focaliza-se nesta pesquisa os marcadores discursivos, que sinalizam a direção em que se deve buscar a relevância do enunciado. Assim, esta seção visa a verificar se os brasileiros percebem os contrastes culturais existentes entre as amostras de comunidades de fala diferentes – a santiaguina e a madrilena - que compartilham o mesmo idioma.

Os mencionados critérios de análise já foram testados na pesquisa realizada por Andrade e Silva (2008), que, a partir da perspectiva da cortesia linguística, de acordo com a abordagem pragmática e a Análise da Conversação, enfoca as variações de uma cultura a outra no que se refere às formas e as estratégias de cortesia utilizadas pelos falantes na interação verbal. O artigo mencionado também estabeleceu o contato de brasileiros, falantes da variedade paulista do português brasileiro, com amostras de conversações produzidas por falantes nativos do espanhol de Santiago do Chile. Nesse estudo, o material de análise era constituído de cenas gravadas de um programa tipo *reality show*, cujas conversações possuem significativo efeito do espanhol coloquial e informal.

Os resultados dessa análise comprovaram que, embora nas conversações gravadas houvesse um intenso *face work*, ou seja, um mecanismo de organização de imagens, em que atuavam vários movimentos de preservação das faces do interlocutor e do próprio falante, 94,7% dos brasileiros que participaram da investigação interpretaram os diálogos como “rudes” e “sem polidez”, ou seja, associaram aos diálogos do *corpus* o predomínio enunciativo de abruptão. Principalmente o marcador *po* foi marcado inadequadamente pelos brasileiros como indicadores de FTA, uma vez que, em suas memórias discursivas<sup>22</sup>, uma partícula quase homófona em português brasileiro (PB)<sup>23</sup>, o “pô”, aparece, em muitos casos, em enunciados de falantes que desejam ser intencionalmente descorteses.

<sup>22</sup> A respeito do tema, Serrani-Infante (2001) realiza um estudo com base nas *memórias e ressonâncias discursivas* através do exame da relação materialidade linguística-processo discursivo, observando a conexão entre a leitura em espanhol como língua estrangeira próxima e a produção escrita e a memória textual em português, a língua materna.

<sup>23</sup> Silva (1998:125-126) apresenta uma singular análise de um enunciado no qual intervém a partícula *pô* numa amostra do português (de Rio de Janeiro):

“(…)

ALUNO 1: o carro é bom...

PROF.: o carro é bom?

ALUNO 1: é lógico...

PROF.: é bom?

ALUNO 1: o problema... o problema é o motor...

ALUNO 2: quando está correndo várias corridas...

PROF.: então o carro não é bom...pô?

(...)”

(NURC/RJ, inq. 364, p.72-73)

Este exemplo apresenta uma discussão entre professor e aluno, sobre um carro de Fórmula 1, cujo motorista era considerado consagrado, mas sua máquina não. O professor ameaça a imagem desse aluno através de questionamentos, que representam uma forma indireta de marcar a sua opinião, de modo que não ameniza um FTA. O aluno ameaça também a imagem do professor insistindo com “é lógico”. O professor sobe a voz, convencido do que diz e, nesse momento, produz também FTAs. O enunciado “então o carro não é bom...pô”, produzido de forma conclusiva e direta, representa uma estratégia que ameaça a face, sem a intenção de ser cortês, porque o professor não deseja preservar a imagem do aluno, considerando a sua posição hierárquica e também porque a sua própria imagem tinha sido ameaçada pelo aluno anteriormente.

## 2.1 Descrição do estudo

O presente estudo busca analisar a compreensão ou a impressão de predomínio enunciativo de rudeza por parte de brasileiros em contato com enunciados provenientes de uma variedade de língua de Santiago do Chile e outra de Madri, destacando as diferenças culturais, de situações e das funções interativas das estratégias de cortesia.

Visa a verificar se ouvintes da variedade do português brasileiro da região de São Paulo concebem as diferenças interculturais ao construírem a interpretação de enunciados e da intenção comunicativa dos emissores de Santiago e de Madri, percebendo os contrastes subjacentes entre ambas as variedades hispânicas e também as diferenças com a língua-cultura materna.

Para tanto, elaborou-se um questionário para o qual foram selecionados cinco trechos dos *corpora* (composto pelo COLAs, de Santiago do Chile, e COLAm, de Madri), cujas trocas contém os marcadores *pues (po)*, *claro* e *ya* desempenhando diferentes funções, segundo a natureza cultural em que se insere cada *corpus* e os diversos contextos.

Participaram desta pesquisa 27 estudantes brasileiros, da oitava série de uma escola particular situada no município de Jundiaí, São Paulo, com idades entre treze e catorze anos, com pelos menos quatro anos de estudos de língua espanhola, disciplina que faz parte da grade curricular do colégio. Segundo docentes da instituição, esses estudantes possuem em média o nível B1.1, de acordo com os parâmetros do *Marco Común Europeo de Referencia* (MCER).

Esses estudantes puderam ouvir as gravações das sequências conversacionais selecionadas e tiveram acesso às transcrições das mesmas, para responder a um questionário sobre as interações. Antes de cada audição, os estudantes foram informados sobre a procedência das gravações - Madri ou Santiago do Chile.

As perguntas do questionário possibilitaram que comentassem por escrito, de maneira espontânea, suas noções sobre o conceito de cortesia, suas impressões sobre as conversações com base neste conceito, as quais integram inconscientemente a codificação linguística, a decodificação da conduta ostensiva do emissor, representações da situação extralinguística e do conhecimento de mundo etc.

Antes de suscitar tais reflexões, a primeira pergunta do questionário, para cada uma das conversações, solicitou aos estudantes a indicação das palavras ou expressões desconhecidas por eles e que trouxeram dificuldades na construção dos significados. Em seguida, a instrução pedia que fizessem comentários sobre as deduções que realizaram para facilitar a compreensão dessas palavras ou expressões e finalmente foi indagado se cada conversação lhes parecia inteligível. Nesse momento, como num contato autêntico entre um aprendiz de língua espanhola e uma amostra real de língua-alvo, proporcionou-se a estes estudantes a ativação de estratégias para a construção do sentido, integrando as informações novas, que estão disponíveis no discurso com o qual tiveram contato, e as suposições internalizadas, ferramentas úteis para a inferência de significados.

Este procedimento tinha também a intenção de avaliar se as conversações eram inteligíveis para cada estudante e de captar desvios de

interpretação que fugissem do regime de necessidades que rege cada conversação, o que obstaría os resultados desta pesquisa.

Para incluir a reflexão sobre os marcadores *pues (po)*, *ya* e *claro*, os quais servem como guias para a interpretação da força ilocutória dos atos de fala, foi solicitado aos estudantes que examinassem trechos específicos em cada conversação. Nesses trechos destacados ocorriam tais marcadores, no entanto, os alunos não foram avisados de que estas partículas são o foco desta pesquisa, nem foi realizado qualquer questionamento sobre a atuação dos marcadores nos diálogos. Dessa forma, buscou-se que os alunos pudessem perceber de forma natural o efeito dos marcadores discursivos e que as reflexões deles fossem verdadeiramente espontâneas.

Assim, o questionário conta com perguntas pontuais sobre a atuação de determinados informantes dos diálogos. Os participantes desta pesquisa foram orientados a comentar a impressão que os trechos ouvidos tinham lhes deixado, declarando se eram corteses ou não, considerando que *“ningún hablante, cualquiera que sea su lengua materna, es capaz de expresarse de forma neutra: sus locuciones son corteses o no lo son, lo cual equivale afirmar que la cortesía está presente o está ausente; no hay término medio”* (Haverkate, 1994, 17).

Ainda foi requerido aos estudantes que justificassem as suas respostas, indicando as marcas linguísticas que teriam contribuído para a produção de sua interpretação e decodificação, para avaliar se os marcadores faziam parte do conjunto de sinais que guiam as suas inferências.

Quanto aos signos das transcrições que são desconhecidos pelos estudantes que participaram desta pesquisa, para que não constituíssem um obstáculo para a compreensão, foram substituídos pelos sinais de pontuação

corrente, mantendo somente a marcação gráfica das sobreposições de fala, com o uso das chaves, dos truncamentos e das pausas preenchidas. A formatação das transcrições e a redação dos enunciados se aproximaram ao que eles estão acostumados a ter contato nas atividades de escuta das aulas de espanhol a que assistem na escola. De qualquer forma, através da audição das conversações, efeitos prosódicos e comportamentais poderiam ser resgatados.

Antes da audição de cada conversação, os estudantes leram as questões e tiveram oportunidades de fazer perguntas somente quanto às dúvidas relacionadas ao contexto da interação ou quanto às instruções do questionário. Antes de responder às questões, puderam ouvir as gravações por duas vezes. As respostas podiam ser redatadas em espanhol ou português.

## 2.2 Análise dos resultados

Esta seção está subdividida em seis partes, de acordo com cada uma das cinco conversações que os participantes desta pesquisa analisaram, somando-se, ao final, as considerações finais da análise das respostas dos alunos. Antes de apresentar os resultados, serão expostos os trechos do questionário correspondentes a cada amostra das trocas comunicativas, tal como receberam os estudantes. Informa-se que, quando forem apresentados trechos das respostas dos estudantes, estes serão transcritos tal como foram redatados, sem correções normativas.

### 2.2.1 Primeira conversaço

#### Madrid

**1) Informaçión:** Un chico le comenta a Mari sobre el hecho de que personas se están enterando de su relación amorosa con Guillermo (Guille):

1	Chico A:	Eh, Mari, sabes que hay gente en el trabajo que lo sabe, ¿no?
2	Mari:	¿Qué gente?
3	Chico A:	Ana, por ejemplo...
4	Mari:	Ah, yo lo sé, y [se lo dijo Guille] <sup>24</sup> .
5	Chico A:	[Y y y y ] no sé quién más...
6	Mari:	Y lo dijo Guille, hombre. Es su mejor amiga, ¿por qué no se lo va a contar?
7	Chico A:	No sé... chica, pero se está enterando gente,
8		[eso sí que es verdad.]
9	Mari:	[Ya, o sea, él a mí me dijo "vale, no sé qué..." ] a mí me ha
10		dicho Guillermo que cuando sea se lo pue <sup>25</sup> se lo dice a
11		Rosa, porque Rosa también es su amiga... A mí me da igual. Yo lo hacía por él, pero a él le da igual.
12	Chico A:	Pues nada.
13	Mari:	Estamos, es que yo no sé si estoy en serio o si estamos de
14		rollo es que no sé.
15	Chico A:	Pues pregúntaselo, claro.

(COLAm, mabpe2-01a)

a) Indica las palabras o frases de que no has entendido el significado. Luego, haz deducciones para construir sentido, y comenta qué ha facilitado tu comprensión. ¿Estas palabras o frases han impedido la comprensión global de la conversación?

b) ¿Qué te parece la forma cómo Mari interactúa con el chico (A) en la **línea 9**? ¿Es ella cortés? ¿Por qué? Escribe las palabras o expresiones de la conversación que te ayudaron a llegar a esta conclusión:

c) ¿Qué te parece la forma cómo el chico (A) interactúa con Mari en la **línea 12**? ¿Es él cortés? ¿Por qué? Escribe las palabras o expresiones de la conversación que te ayudaron a llegar a esta conclusión:

Esta primeira amostra proporcionou o contacto dos participantes desta pesquisa com um diálogo entre adolescentes madrilenos, em cujas trocas intervêm as partículas *pues nada* e *ya*.

<sup>24</sup> Los símbolos [ ] marcan sobreposiciones.

<sup>25</sup> Palabra que no se ha terminado.



Com relação à questão “a”, nenhum participante desta pesquisa indicou que o texto não era inteligível. Observando o processo de inferência lexical de palavras marcadas como desconhecidas por eles – as quais foram *rollo*, *pregúntaselo*, *sea* etc. - não foi constatado nenhum caso de desvio significativo de interpretação que impossibilitasse a reflexão dos estudantes sobre aspectos pragmáticos, discursivos e semânticos presentes nessa interação. Entretanto, seis alunos (22,22...%) indicaram que o significado de *pues nada* não era completamente claro. Entre as deduções, esses seis alunos atribuíram para *pues nada* significados próximos a “que nada”, “imagina”, “de nada”, “é nada”, “pois não”, “é isso aí” e um deles não pôde reconhecer nenhum significado para este marcador. Ressalta-se que nenhuma dessas hipóteses de tradução oferecidas pelos alunos possui valores equivalentes ao que desempenha *pues nada* na interação em que está inserido.

É interessante ressaltar que foi permitido aos alunos que respondessem às questões em espanhol ou em português, porém em nenhum momento, foi pedido aos estudantes que encontrassem uma correspondência com o português das expressões ou palavras desconhecidas em espanhol. Contudo, essas respostas revelam que suas operações de construção de significados estão fundamentadas em procedimentos de tradução literal e/ou o processo de inferência não foi suficiente, dando lugar à interferência pragmática, à interpretação equivocada de produções discursivas hispânicas e da intenção comunicativa do emissor.

Será analisada, aqui, primeiramente a questão “c”, porque esta pede justamente a reflexão sobre uma intervenção na qual atua *pues nada*, de que comentou-se acima. Note-se que seis alunos (22,22...%), deixaram a resposta

em branco ou indicaram que não sabiam dizer se nesta troca verbal havia sinais de (des)cortesia nas intervenções do adolescente da amostra; 11 alunos (40,74...%) afirmaram que o emissor A estava atuando com descortesia e dez alunos (37,03...%) afirmaram que ele foi cortês na intervenção analisada na linha 12.

Observou-se que, do total de participantes, somente seis alunos (22,22...%) incluíram *pues nada* nas justificativas de suas respostas, isto é, esses alunos destacaram estas partículas como importantes para o processo inferencial. Dentre esses seis, dois afirmaram que *pues nada* era um indicador de descortesia, e os outros quatro alunos o codificaram como uma expressão cortês.

Como observado anteriormente nesta investigação, o marcador *pues nada*, nesta interação, além de introduzir uma conclusão ou a proposta de um fechamento temático, também indica o apoio às justificativas que a interlocutora entrega em proteção à sua face, uma vez que adota uma atitude positiva e demonstra ter aceitado a mensagem de Mari. Esse adolescente atua com cortesia, portanto, criando a impressão de que há certa conformidade a respeito do tema debatido. A partir de *pues nada*, cancela a possibilidade de mais dissentimento e propõe a conclusão deste tema, protegendo assim a face de sua ouvinte. Não se nota, portanto, a necessidade de reparação ou de conflitos sociais.

Entre os estudantes que interpretaram a intervenção desse garoto (Chico A) como descortês, vale destacar comentários sobre as interpretações que realizaram de sua intenção comunicativa: mencionaram a presença de um (1) “tom de arrogância” em seu turno; alguns assentiram que ele estava sendo (2) “mal-educado” e que entregou uma (3) “resposta fria”; outro estudante considerou

que o emissor (4) ‘não é gentil, porque dá uma resposta “curta e grossa” para a Mari; e, por fim, também o tacharam como (5) “muito grosso”.

A partir das respostas dos estudantes, pode-se deduzir que as características prosódicas do enunciado desse garoto (Chico A) e a brevidade de sua intervenção não fazem parte do conjunto de suposições prévias que eles adquiriram sobre qual é o comportamento socialmente adequado numa situação como a que foi apresentada a eles.

Do total de participantes, quatro alunos (14,81...%) guiaram-se pela inferência de que a intervenção do falante A, na linha 12, se trata de uma forma de reação, justificando que consideram o comportamento do garoto (Chico A) descortês, porque ele estaria atuando da mesma forma que a menina, sua interlocutora, pois, segundo os estudantes, (6) “como ela foi grossa, ele também respondeu assim”.

No entanto, as intervenções de Mari não apresentam marcas de descortesia, tampouco denotam um estado psicológico negativo com respeito ao ouvinte, ou seja, não insulta, humilha ou expressa desprezo, atos expressivos que, conforme Haverkate (1994:78), são exemplos de atos de fala descorteses.

Entre as 10 respostas (37,03...%) que expressaram que o emissor A foi cortês em sua intervenção, na linha 12, destacam-se dois tipos de justificativas: um primeiro grupo, 7,40...% do total de participantes, se baseiam também na ideia de reação. Assim, afirmaram que (7) “ele está sendo cortês porque ele não fala com ela da mesma maneira que ela fala com ele” [*sic*]; pois, apesar da atitude dela (8), “ele se conteve”; um segundo grupo associou as suas interpretações a efeitos prosódicos e acreditam que o adolescente A foi cortês porque (9) “fala com tranquilidade” e (10) “porque seu tom de voz não é agressivo”.

Entre todos os que creem que o emissor A manifestou cortesia, também se encontram os já citados participantes que traduziram equivocadamente a partícula *pues nada* como “imagina”, “de nada”, “pois não” e “é isso aí”.

Nessa etapa, conclui-se que nenhum participante desta pesquisa interpretou adequadamente as formas de comportamento e dos enunciados analisados até o momento. O marcador *pues nada* não fazia parte do conjunto de representações capazes de guiar e restringir a classe de interpretações possíveis, na busca pela relevância dos enunciados.

Quanto à questão “b”, sobre a intervenção da adolescente Mari, na linha 9, na qual ocorre o marcador *ya*, dois alunos (7,40...%) não tomaram nenhuma posição sobre a presença de (des)cortesia na intervenção da adolescente e deixaram a resposta em branco, 18 alunos (66,66...%) afirmaram que seu enunciado é descortês, e sete alunos (25,92...%) o assinalaram como cortês. Somente um(a) estudante (3,70...%) considerou o marcador *ya* nas suas justificativas, interpretando que todo o enunciado “*Ya, o sea, é a mi me dijo (...)*”, é considerada descortês por ele(a).

Nessa intervenção, o marcador *ya* possui um valor argumentativo de justificação, apresentando uma informação controlada pela falante, pois a adolescente relata e explica um fato. No entanto, desviam-se desta as reconstruções que os participantes desta pesquisa realizaram das atitudes proposicionais ou das intenções ilocutórias com que a emissora formulou seu enunciado, como será descrito a seguir.

Entre as respostas dos que consideraram a intervenção da linha 9 descortês, destacam-se comentários como:

- (11) “ela é mal-educada”;
- (12) “ela não é polida”;
- (13) “ela não está sendo muito gentil com o menino”
- (14) “ela parece irritada”;
- (15) “ela parece brava, pois o menino perguntou sobre o seu namoro com o Guille”;
- (16) “ela fala com um tom de arrogância”;
- (17) “ela fala com um tom agressivo”;
- (18) “ela fala em cima da fala do Chico A”;
- (19) “ela não é cortês porque ela não termina as frases quando ela vai xingar”;
- (20) “ela começa a falar algo, mas nunca termina”;
- (21) “se ela está falando frases sem terminar é porque ela não liga de ser cordial”.

Embora as instruções do questionário solicitassem uma justificativa para as suas respostas e que destacassem elementos linguísticos, nem todos os alunos sustentaram as suas impressões e conclusões. Porém, os que o fizeram, revelaram que consideram que Mari foi descortês, com base na interpretação da interação, suposições prévias sobre qual é o comportamento socialmente adequado, interpretação da intenção comunicativa do emissor, efeitos prosódicos dos enunciados, sobreposições de fala e truncamentos. São estes os sinais de que há diferenças de interpretação entre a língua-cultura materna desses estudantes e a meta, considerando que Mari não manifestou descortesia.

Segundo o excerto (15), pode-se levantar a hipótese de que alguns alunos perceberam a presença de certa invasão de território, ou melhor, ameaça à face, no entanto, nesta conversação não se percebem os tipos de comportamentos inferidos pelos alunos.

Em contrapartida, a seguir, alguns exemplos das justificativas dos alunos que interpretaram a intervenção de Mari como cortês, lembrando que foram sete alunos (25,92...%) que tomaram essa posição:

(22) “seu tom de voz não é agressivo;

(23) “ela é cordial”;

(24) “ela não fala nada de mais”;

(25) “ela fala normal com ele, pois estava explicando o que acontece;

(26) “não estão se maltratando em momento nenhum”;

Ressalta-se aqui que uma vez mais os estudantes associaram aos enunciados analisados inferências relacionadas à interpretação das atitudes ou intenções comunicativas dos interlocutores e não indicaram o marcador *ya* como um indício.

### 2.2.2 Segunda conversação

**Madrid**

**2) Información:** Un chico y una chica hablan sobre un programa de televisión.

1	<b>Chica A:</b>	Va a estar mazo de guapo el capítulo de hoy... Y ¿por quéee-
2		por qué se termina tan pronto, tío, si estamos en octubre?
3	<b>Chico B:</b>	Se termina una de las temporadas, chica, pero luego sigue.
4	<b>Chica A:</b>	Claro, ¿pero van a poner otro- otro programa o qué?
5	<b>Chico B:</b>	No creo.

(COLAm, mabpe2-02)

a) Indica las palabras o frases de que no has entendido el significado. Luego, haz deducciones para construir sentido, y comenta qué ha facilitado tu comprensión. ¿Estas palabras o frases han impedido la comprensión global de la conversación?

b) ¿Qué te parece la forma cómo la chica (A) interactúa con el chico (B) en la **línea 4**? ¿Es ella cortés? ¿Por qué? Escribe las palabras o expresiones de la conversación que te ayudaron a llegar a esta conclusión:

Esta conversação foi a que mais problemas de construção de significados trouxe aos estudantes. A partir da questão “a”, nota-se que cinco estudantes não puderam entender a ideia global da conversação: dois alunos declararam que o texto não lhes era inteligível devido à impossibilidade de construir um significado relevante para a palavra *mazo*, que se trata de uma gíria juvenil, que pode significar “muito” ou “em grande quantidade”; quanto aos demais, as inferências que fizeram desta palavra se desviaram muito de uma interpretação adequada. Por esse motivo, cinco respostas não serão computadas nesta análise.

Nesta amostra de um diálogo entre adolescentes de Madri, é possível analisar o funcionamento da partícula *claro*. Dos resultados, tem-se que seis alunos (27,27...%) consideraram a intervenção em que *claro* ocorre como descortês e 16 alunos (72,72..%), a avaliaram como cortês. Somente três estudantes (13,63...% do total), ressaltaram o marcador *claro* em suas

justificativas, posto que dois adolescentes o indicaram como um sinal de cortesia e um estudante considerou que a expressão “*Claro, ¿pero van a poner outro-outro programa o qué?*” é um sinal de descortesia.

Vale recordar que o marcador *claro*, nesse contexto, indica a recepção da intervenção precedente e corresponde a um falso acordo, tratando-se de um mecanismo retórico para produzir um ato de fala sem atacar a face do ouvinte.

Entre os comentários que tacharam a emissora A como descortês, alguns justificaram suas conclusões a partir da expressão “*otro programa o qué*” como marca de que a adolescente (27) “é um pouco rude”, (28) “estúpida” e (29) “meio agressiva”. No entanto, neste trecho, a expressão “*o qué*” possui um papel modalizador, de reforço, que não sinaliza descortesia nesta troca verbal.

Um dos alunos acredita que ela expressa um tom de ironia e que por isso é descortês. Não obstante, esse tom irônico concebido pelo aluno possivelmente se relaciona com o falso acordo que o marcador *claro* protagoniza.

Como argumentos a favor de que a adolescente A é cortês, observa-se que vários estudantes destacaram aspectos relacionados à prosódia e à interação para justificar suas respostas, como:

(30) “falam calmamente”;

(31) “ela não está gritando com ele”.

Alguns justificaram as suas respostas com base na interpretação do comportamento dos interlocutores:



(32) “é cortês, porque eles não têm porque brigar”;

(33) “ela somente realiza uma pergunta”;

(34) “ela é muito educada, não falou nervosa, foi uma conversa normal”;

(35) “conversam normalmente”.

Nesse momento, é difícil definir o que lhes parece “normal”, contudo sabe-se que empregando o conceito de normalidade ao qualificarem uma interação social, estes estudantes estão acessando seus conhecimentos adquiridos, pois aspectos sociais são respaldados pelos aspectos cognitivos. (cf. Escandell-Vidal, 1998).

Nesse sentido, como indícios das suposições que os ouvintes utilizam para a interpretação desse enunciado, as respostas de dois participantes desta pesquisa (9,09...%) indicaram que em sua faixa etária e numa interação como esta é “normal” não manifestar cortesia:

(36) “no dia-a-dia de um adolescente são coisas normais”;

(37) “acho que ela é uma garota que conversa normalmente com o seu amigo. Não é necessariamente cortês”.

Ambos os estudantes marcaram a intervenção da garota A como cortês, porém com a ressalva de que é considerada cortês dentro da faixa situacional e do nível de língua em que está inserida. Esses comentários, (36) e (37), revelam as suposições que estes estudantes possuem sobre o estilo comunicativo juvenil, que aceita muitas vezes o uso de menos estratégias de cortesia, mais

desrespeitos das regras normativas, mais palavrões etc., em comparação com o estilo comunicativo dos adultos.

### 2.2.3 Terceira conversação

#### Chile

**3) Información:** Adolescentes hablan sobre la plaza donde estaban la semana pasada.

1	Chica A:	¿Viniste la semana pasada?
2	Chico B:	1[Sí, vine, po, si ustedes estaban, ¡ah, no! pero tú no viniste, po.]
3	Chica A:	1[¡Ah!, pero yo estaba en la otra plaza, po.]
4	Chico C:	2[¿Te estás yendo a otra plaza?]
5	Chica D:	2[La de allá, sí, po.]
6	Chico C:	¿Y por qué no estás en la plaza de acá?
7	Chica D:	1[Yo estaba acá la semana pasada.]
8	Chico B:	1[Mentira.]
9	Chica A:	2[¡Ahá! Tú no estabas.]
10	Chico B:	2[Mentira.]
11	Varios:	1[¡Oooooohhhhhh!]
12	Varios:	1[risa]

(COLAS, SCAWM4-02)

a) Indica las palabras o frases de que no has entendido el significado. Luego, haz deducciones para construir sentido, y comenta qué ha facilitado tu comprensión. ¿Estas palabras o frases han impedido la comprensión global de la conversación?

b) ¿Qué te parece la forma cómo los adolescentes interactúan en las **líneas 2, 3 y 5**? ¿Son ellos corteses? ¿Por qué? Escribe las palabras o expresiones de la conversación que te ayudaron a llegar a esta conclusión:

Começando a série de diálogos chilenos, nessa primeira conversação o foco é a partícula *po*.

Com relação à questão “a”, para esta conversa, nenhum aluno afirmou que se tratava de uma sequência verbal ininteligível, e somente cinco alunos marcaram a palavra *po* como uma palavra desconhecida, embora a leitura dos questionários tenha comprovado que a maioria dos participantes desta pesquisa não interpretou o significado desta partícula de maneira adequada. Entre as inferências de significado em que os cinco estudantes selecionaram para o marcador *po* estão: “porca vida” e “pô”, que representam sinais das suposições, traduções inadequadas e interferências da língua materna.

Como resultado, tem-se que sete (25,95...%) alunos consideraram corteses as intervenções e 20 alunos (74,07...%) as interpretaram como descorteses.

Nessa conversa, o marcador *po* exerce funções pragmáticas reveladoras da intenção dos falantes e desempenha a função de finalizar um enunciado, como apoio ou reforço ao que foi dito. Revela a atitude dos falantes com relação ao conteúdo de suas mensagens, pois enfatiza suas opiniões. Este diálogo evidencia pouca necessidade em proteger as faces dos interactantes, mas não possui conflitos sociais. São aceitáveis estas atuações linguísticas, não são ameaçadoras nem descorteses.

Nesse sentido, entre os 25, 95...% dos participantes desta pesquisa, os quais afirmaram que são corteses as intervenções dos interactantes do diálogo, há alguns que assentiram que:

(38) “estão zoando, mas é uma coisa normal”;

(39) “estão brincando um com o outro”;

(40) “é uma conversa de amigos e amigos conversam informalmente”;

(41) “no final começam até a rir”;

(42) “foi uma conversa descontraída sem nenhuma tensão”.

A partir de suas justificativas, nota-se que, possivelmente, esses estudantes apenas avaliaram os interlocutores da conversação como corteses porque seu conjunto de suposições corrobora que no contexto adolescente é possível ameaçar a imagem do outro, sem causar conflitos sociais.

Como mencionado, a maioria acredita que a conversação em análise apresenta intervenções descorteses. Muitos justificam as suas respostas com base na inferência das intenções comunicativas e do comportamento dos interlocutores:

(43) “estão brigando”;

(44) “estão discutindo”;

(45) “são grossos”;

(46) “estão bravos”;

(47) “estão discutindo falando que um está mentindo para o outro”;

(48) “o linguajar é ofensivo com a menina”;

(49) “estão sendo estúpidos dizendo *po*”;

(50) “tão falando *po* e ridicularizando”;

(51) “ela utiliza *po*, que eu acho que é palavrão”.

A maioria dos estudantes brasileiros acredita que se trata de intervenções descorteses devido à impressão de rudeza e abruptão que encontram nesses enunciados. Contudo, somente sete alunos (25,95...% do total) justificaram suas

respostas indicando que o marcador *po* era um sinal de descortesia. Estes estudantes interpretaram equivocadamente a partícula *po* como um indicador de um FTA, ou seja, um ato ameaçador da face e, por conseguinte, a presença de rudeza e predomínio de descortesia.

#### 2.2.4 Quarta conversación

##### Chile

**4) Información:** Dos chicos y dos chicas hablan sobre cuándo van a reunirse para organizar una prueba.

- |   |          |  |
|---|----------|--|
| 1 | Chica A: | Ay y, ¿la la la vamos a organizar ese mismo día?                       |
| 2 | Chica B: | Claro.   |
| 3 | Chica A: | ¿La prueba?  |
| 4 | Chica B: | Les parece, ¿o quieren venir martes y miércoles?                       |
| 5 | Chico D: | No po, el martes...  |
| 6 | Chico C: | Es que igual no creo que se les haga corto el tiempo, sí po,           |
| 7 |          | si también yo ahora estoy desocupado así que puedo venir a la reunión. |
| 8 | Chica B: | Ya, entonces lo dejamos para el martes...                              |

(COLAs, scccm4-04)

a) Indica las palabras o frases de que no has entendido el significado. Luego, haz deducciones para construir sentido, y comenta qué ha facilitado tu comprensión. ¿Estas palabras o frases han impedido la comprensión global de la conversación?

b) ¿Qué te parece la forma cómo la chica (B) interactúa con la chica (A) en la **línea 2**? ¿Es ella cortés? ¿Por qué? Escribe las palabras o expresiones de la conversación que te ayudaron a llegar a esta conclusión:

c) ¿Qué te parece la forma cómo la chica (B) interactúa con los demás en la **línea 8**? ¿Es ella cortés? ¿Por qué? Escribe las palabras o expresiones de la conversación que te ayudaron a llegar a esta conclusión:

Nessa etapa da análise, os marcadores *claro* e *ya* na variedade chilena merecem atenção.

Com relação à compreensão global desta troca verbal, observa-se que todos a marcaram como inteligível. Apesar disso, quatro alunos demonstraram ter dúvidas quanto ao significado de algumas palavras como *ay*, *corto* e *miércoles*, porém, a avaliação do processo de inferência lexical que empregaram foi eficiente, e não foram encontrados significativos desvios na construção dos sentidos.

Um dos participantes deixou todas as respostas em branco e não será considerado na avaliação dos resultados.

Na questão “b”, para cinco alunos (19,23...%) a intervenção da adolescente (Chica B), composta pelo marcador *claro*, é descortês; e para 21 alunos (80,76...%), é cortês.

Nessa interação verbal, *claro* participa de um par adjacente, em cujo segundo membro, vê-se a manifestação da cortesia numa resposta afirmativa, que expressa acordo e corresponde a uma aceitação.

A partir da interpretação da interação verbal como também das atitudes dos interlocutores, alguns estudantes afirmaram que:

(52) “ela parece estúpida”;

(53) “ela tem um jeito arrogante”;

(54) “está sendo cínica”;

(55) “fala curtamente”;

(56) “não é cortês porque ela só responde a pergunta”.

Uma vez mais, alguns estudantes revelam que as respostas breves não são preferidas e tampouco fazem parte dos subconjuntos de suposições sobre os comportamentos sociais adequados nesse contexto.

Não obstante, a maioria dos alunos se aproximou bastante de uma interpretação adequada dos enunciados e da decodificação da intenção comunicativa da emissora. Em suas justificativas, note-se que as noções de cortesia se relacionam com a valorização das faces dos interlocutores, como nos seguintes exemplos:

(56) “ela está sendo compreensiva”;

(57) é cortês porque ‘ela diz “claro”’;

(58) “ela responde com educação”;

(59) “ela apenas concorda”;

(60) “estão sendo educados, pois não respondem ofendendo ninguém”;

(61) “cortês, porque concorda sem reclamar”;

(62) ‘foi simpática com a Chica B, respondendo “claro”’.

Passando a analisar a questão “c”, nove alunos (34,61...%) responderam que a intervenção da adolescente B é descortês e 17 alunos (65,38...%), afirmam que é cortês. De todos os estudantes, somente dois alunos (7,69...%) indicaram o marcador *ya* como um guia de suas inferências, marcando-o como um sinal de cortesia.

Nessa intervenção, a partícula *ya*, que, além de finalizar uma unidade discursiva, predominantemente é um indicador de aceitação e de acordo, ou seja,

marca o início de uma intervenção, revela o seu caráter reativo e atua como veículo para expressar o acordo.

Porém, a manifestação da cortesia não foi reconhecida por 34,61...% dos estudantes, que justificaram a presença da descortesia através de comentários como estes:

- (63) “porque falam alto”;
- (64) “parece que ela é estúpida”;
- (65) “há ironia”;
- (66) “ela responde de qualquer jeito”;
- (67) “está tendo uma discussão”;
- (68) ‘ela meio que fala de um jeito “cansei, então deixa pra lá’;
- (69), “acho que ela ficou chateada”;
- (70) “ela foi um pouco cínica”.

Observa-se que alguns interpretaram o diálogo como uma discussão, com sinais de atos ameaçadores da face e conflitos interacionais.

A maioria (65,38%), porém, aproxima-se de uma interpretação adequada dos enunciados e uma decodificação da intenção comunicativa da emissora. Estes estudantes justificam a presença da cortesia nesse diálogo a partir de reflexões como as seguintes:

- (71) “acabam a conversa com uma conclusão e opinião igual”;
- (72) “apenas confirmam uma data”;
- (73) “estão concordando”;



(74) “ela está finalizando a conversa”;

(75) “normal, também tranquila”;

(76) ‘concorda sem reclamar: “ya”’;

(77) ‘está concordando, sendo educada: “ya, entonces (...)”’.

A maioria das reflexões se fundamenta na observância da ausência de conflitos e da presença de um consenso.

### 2.2.5 Quinta conversação

#### Chile

**5) Información:** Una chica habla sobre como cargó la batería del celular que se había comprado.

1	Chico A	Yo, por ejemplo, cuando me compré celular me dijeron que lo tenía que tener conectado. Lo tenía que tener conectado al enchufe cargándolo doce horas.
2		
3		
4	Chica B:	Ya.
5	Chico A:	Pero yo lo dejé como cuatro horas no más po, porque lo vi con la batería llena después de cuatro horas y la saqué.
6		

(COLAs, scccm4-04)

a) Indica las palabras o frases de que no has entendido el significado. Luego, haz deducciones para construir sentido, y comenta qué ha facilitado tu comprensión. ¿Estas palabras o frases han impedido la comprensión global de la conversación?

b) ¿Qué te parece la forma cómo la chica (B) interactúa con el chico (A) en la **línea 4**? ¿Es ella cortés? ¿Por qué? Escribe las palabras o expresiones de la conversación que te ayudaron a llegar a esta conclusión:

c) ¿Qué te parece la forma cómo el chico (A) interactúa con la chica (B) en la **línea 5**? ¿Es él cortés? ¿Por qué? Escribe las palabras o expresiones de la conversación que te ayudaron a llegar a esta conclusión:

Nessa última conversação, também proveniente do Chile, buscou-se novamente analisar o papel do marcador *ya*, que possui diferentes valores do encontrado na amostra anterior, e de *no más po*.

Todos os alunos informaram que esta troca verbal era inteligível, apesar de que alguns marcaram algumas palavras como desconhecidas (*enchufe, llena, dejé* etc.). Todavia, as inferências lexicais que realizaram não foram desviantes, segundo o contexto.

Quanto à questão “b”, a respeito da intervenção da adolescente B, composta pelo marcador *ya*, um aluno (14,28...%) escreveu que não sabe dizer se sua atuação é cortês, cinco alunos (18,81...%) afirmaram que é descortês, e 21 alunos (77,77...%), indicaram que é cortês.

Nessa intervenção, *ya* exerce um papel pragmático de apoio discursivo, facilitando a interação entre os interlocutores, com a função de apoiar a opinião da adolescente A para incentivá-lo a continuar o seu relato e demonstrar sua atenção, marcando sua posição como ouvinte.

Não obstante, 18,81...% justificaram a presença de descortesia na intervenção da emissora A com comentários como:

(78) “ela foi cínica com ele”;

(79) “ela foi grossa na resposta”;

(80) “parece que ela não está prestando atenção no que ele está falando”.

Contudo, observou-se que, a diferença das interpretações anteriores, a maioria dos estudantes justificou as suas respostas com comentários como:

- (81) “ela está sendo educada”;
- (82) “ela está concordando com o que a pessoa fala e aceita”;
- (83) “não demonstrou nada no tom da sua voz”.

Para a questão “c”, o foco de interesse estava na partícula *no más po*, que, embora em forma diferente, possui funções equivalente ao *po* modalizador, que enfatiza a opinião do falante, porém nenhum interactante parece estar afetado por este tipo de discurso direto.

Nas respostas, três estudantes não participaram e as deixaram em branco de forma que estes serão desconsiderados dos cálculos.

Como resultado, dez alunos (41,66%...) afirmaram que a intervenção do adolescente A é descortês e treze alunos (54,16...%) afirmaram haver cortesia, e apenas um aluno (4,16...%), afirmou não ser nem cortês ou descortês. Somente três alunos (12,5%) indicaram *no más po* como um guia de suas inferências, marcando-o como um sinal de descortesia.

Para justificar que há descortesia nessa intervenção, alguns alunos explicaram da seguinte forma:

- (84) ‘porque usa gírias: “*po*”’;
- (85) “pois ele fala *po*, ridicularizando”;
- (86) ‘pois ele utiliza “*po*”, “linguagem chula”.
- (87) “pois ele reclama”;
- (88) “está bravo com ela”;
- (89) “ela foi seca com ele”;

(90) “pois parece que ela não está prestando atenção no que ele está falando”;

Observe-se que vários alunos se fundamentaram na interpretação inadequada de aspectos situacionais, de comportamento, das intenções comunicativas e da linguagem dos interlocutores:

Entre as justificativas daqueles que consideraram que há presença da cortesia, há interpretações que também se fundamentam na inferência das atitudes dos falantes e comportamentos:

(91) “ele só explica que tirou a bateria antes do tempo”;

(92) “ele está sendo educado, porque ele apenas está contando o que ele fez”;

(93) “eu acho que é educado porque não atinge, não magoa a pessoa, a menina apenas concorda”.

### 2.3 Considerações finais

Realizando um estudo sobre a relação do conceito de cortesia e os aspectos culturais, a análise realizada nesta seção evidenciou que os fenômenos de cortesia são interpretados pelos ouvintes de uma conversação geralmente de acordo com as características de seu próprio contexto sociocultural e de suas comunidades de fala.

O conteúdo das respostas dos informantes brasileiros que tiveram contato com conversações de adolescentes chilenos e espanhóis resultaram em uma fonte de informação sobre o seu conhecimento social compartilhado, suas crenças, atitudes e valores próprios de seu grupo.

Além de permitir a análise do processo de interpretação de enunciados em língua espanhola, as perguntas do questionário também foram úteis para observar como os brasileiros de um grupo sociocultural específico analisam os comportamentos comunicativos, relacionando as características presentes na interação verbal com as suposições que possuem sobre os traços da imagem social. Foi possível, portanto, extrair informações sobre o que consideram um comportamento (des)cortês manifestado por meios linguísticos em situações específicas.

Na primeira conversação em estudo, pertencente ao *corpus* madrileno, para as intervenções em que atuou o marcador discursivo *pues nada*, embora somente 22,22...% dos informantes tenham afirmado que o significado desse marcador era obscuro, o questionário comprovou que nenhum aluno interpretou adequadamente as formações discursivas e as intenções comunicativas dos

emissores participantes da troca verbal com a qual tiveram contato. Observou-se que não puderam usufruir da ocorrência das partículas discursivas para decodificar restrições sobre a fase inferencial da compreensão devido ao desconhecimento linguístico e pragmático do uso *pues nada*. Quanto ao uso de *ya*, nessa mesma conversação, a maioria dos estudantes pôde interpretar o papel argumentativo de justificação que este marcador apresentava no contexto em que estava inserido, de forma que a maior parte (66,66...%) considerou descortês o enunciado no qual *ya* ocorria.

No entanto, na segunda conversação, também madrilena, a maioria dos alunos (72,72...%) interpretou adequadamente a intervenção de *claro* que participava de uma manifestação de cortesia.

Na terceira conversação, de Santiago do Chile, a maioria dos estudantes (74,07...%) considerou os enunciados em que atuava o marcador *po* como descorteses, porque para eles o marcador *po* corresponde a um indicador de FTA, ou seja, um ato ameaçador da face. No entanto, 25,95...% acreditam que se trata de enunciados corteses e suas justificativas revelam que, na verdade, somente os classificam dessa forma porque têm certa consciência de que na faixa etária em que eles mesmos se encontram, como também os participantes da conversação, e na situação contextual em que os adolescentes do diálogo atuaram, é possível ameaçar a imagem do outro, sem causar conflitos sociais, isto é, possivelmente tachariam equivocadamente estes enunciados como descorteses se estes fizessem parte de trocas verbais de grupos socioculturais e contextos diferentes.

Na quarta conversação entre chilenos, grande parte dos alunos (80,76...%) classificou a atuação de *claro* como cortês de forma aceitável. Alguns,

inclusive, reconheceram acertadamente que tal enunciado correspondia a uma demonstração de acordo. Analisando ainda, nessa mesma troca verbal, a intervenção em que ocorreu o marcador *ya*, a maioria (65,38...%) também identificou adequadamente o seu valor cortês, a partir da análise da interação e da decodificação da intenção comunicativa da emissora ao concordar com seu interlocutor.

Na quinta e última conversação, a maioria dos estudantes (77,77...%) novamente construiu a interpretação de forma adequada ao classificar os enunciados do falante chileno, em que intervinha a partícula *ya*, levando em conta o seu papel pragmático de apoio discursivo. Quanto a *no más po*, um pouco mais da metade dos alunos (54, 16...%) também atribuiu ao enunciado, do qual estas partículas fazem parte, um papel cortês, com base na situação comunicativa.

Estes resultados constituem uma amostra das características do contexto sociocultural dos informantes brasileiros, sobre as suas aceções a respeito do que é um comportamento (des)cortês, embora deva ser levado em conta de que as respostas dos participantes se deram em testes e não correspondem necessariamente às suas formas de atuar numa situação de comunicação verbal real, mas às suas definições sobre a cortesia.

Os resultados desta análise não demonstraram se os ouvintes da variedade do português brasileiro da região de São Paulo conceberam nas interpretações as diferenças interculturais subjacentes entre as comunidades hispânicas, chilena e espanhola, porque na análise e observação de cada conversação, os estudantes não se ativeram em elementos específicos - seja linguístico, pragmático ou sociocultural - de cada comunidade da língua-alvo, mas

sim se ativeram na decodificação da conduta ostensiva do emissor em cada conversação, independente de sua origem.

Observou-se que quase nunca a reflexão sobre os marcadores *pues (po)*, *ya* e *claro*, guiou a interpretação da força ilocutória dos atos de fala interpretados pelos estudantes brasileiros. Ao invés dessas marcas linguísticas, entre as justificativas mais recorrentes e que revelaram quais são os principais sinais que guiam as inferências de suas interpretações quanto à presença ou ausência de cortesia, estão:

- a) **Extensão das intervenções:** 7,40...% dos estudantes deixaram transparecer que as respostas consideradas muito breves não são preferidas e não produzem uma implicatura de cortesia;
- b) **Truncamentos:** 14,81...% dos estudantes deixaram transparecer que os cortes bruscos de uma unidade discursiva realizada pelo próprio emissor são considerados sinais de descortesia;
- c) **Entonação:** 37,03...% dos estudantes deixaram transparecer que o tom de voz considerado por eles como “agressivo”, “arrogante”, “frio” ou “irônico” são sinais de descortesia;
- d) **Força ilocutória:** 88,88...% dos estudantes deixaram transparecer que associaram a várias intervenções certa força ou intenção que manifesta sentimentos ou atitudes do falante, como um modo de falar “agressivo”, “frio” ou “cínico”, entre os sinais de descortesia; em



contrapartida, um falar “calmo” ou “tranquilo” são considerados sinais de cortesia;

- e) **Comportamento amigável:** 100% dos estudantes deixaram transparecer que consideram corteses as intervenções cujos efeitos reforçam a imagem do emissor e apoiam a imagem do destinatário, as quais podem minimizar a imposição, impedir conflitos sociais, considerar o ouvinte como uma pessoa honorável e estimável, buscar “aceitar e compreender” o interlocutor e buscar ser, ademais, “educado” e “simpático”.

Os resultados desta análise indicaram que grande parte dos informantes brasileiros concebe que uma atitude cortês, inserida nos contextos que lhes foram apresentados, é aquela que busca salvaguardar a imagem do interlocutor com o fim de obter um grau de harmonia interpessoal adequado. Deduz-se das respostas dos estudantes brasileiros que um falante cortês deveria estar, portanto, preocupado em satisfazer os desejos da imagem de seu interlocutor, considerando-se a reciprocidade do tratamento. E esta concepção guiou a interpretação das manifestações comunicativas chilenas e espanholas por parte destes brasileiros. Não obstante, quanto às definições de cortesia, sobre o seu uso entre amigos e em relações de confiança, sabe-se que elas diferem em alguma medida nas três culturas - brasileira, chilena e espanhola.

Pelas razões mencionadas, somente em três dos oito enunciados destacados nas cinco conversações, a quantidade de alunos que conseguiu construir adequadamente a interpretação enunciativa e a decodificação da

intenção comunicativa dos emissores ultrapassou a marca dos 70%, comprovando que, ao analisar estas conversações, a maior parte dos alunos brasileiros não apreendeu os contrastes entre a língua-cultura materna e a língua-cultura alvo.

Os mencionados três casos se referem às intervenções em que os marcadores *claro* e *ya* estão presentes: i) na segunda conversação, de Madri, quando *claro* possui função modalizadora ao indicar a recepção da intervenção precedente e corresponder a um falso acordo; ii) na quarta conversação, de Santiago do Chile, quando *claro*, também como um modalizador, manifesta o acordo e a aceitação; e iii) na quinta conversação, também chilena, quando *ya* atua como um marcador de controle de contato, como apoio discursivo.

A manifestação das estratégias de cortesia suscitadas pelos marcadores *claro* e *ya* nestes três casos mantém em comum a proteção da imagem do interlocutor, a autoafirmação das características da imagem de autonomia, valores sociais que são apreciados pelos informantes. Vê-se, portanto, que os informantes brasileiros aplicaram sempre o mesmo modelo de cortesia, considerado por eles adequado com relação às características sociais das interações, na observação das cinco conversações. Na verdade, o modelo de cortesia dos informantes brasileiros simplesmente coincidiu com os desejos de imagem presentes nos três casos nos quais obtiveram maior margem de adequação na construção de sentidos, mas, como visto, sua capacidade de inferência não funciona sempre para a interpretação de todos os atos de fala de outra língua e cultura.

# CONCLUSÃO

Este estudo evidencia o papel pragmático e o envolvimento dos marcadores *pues (po)*, *claro* e *ya*, em interações verbais de adolescentes de Madri e Santiago do Chile.

Descreveram-se nesta pesquisa os contextos de uso desses marcadores e seu processamento discursivo, semântico e pragmático em amostras dessas duas variedades hispânicas. Foi possível avaliar como se dão os contrastes entre os discursos orais de chilenos e espanhóis, no que diz respeito às estratégias de cortesia manifestadas a partir da ocorrência dos mencionados marcadores discursivos, comprovando que a cortesia apresenta particularidades e é um valor relativo de acordo com a interação verbal, os traços culturais e o tipo de relação social entre os interactantes.

Quanto à realização de *pues*, no *corpus* madrileno, e da predominância de seu variante, *po*, no *corpus* chileno, notou-se uma significativa diferença referente ao processo de figuração, posto que nas amostras de fala chilenas, em contextos específicos em que *po* está presente, os emissores chilenos demonstram possuir um maior controle da comunicação, ao intensificar uma parte do enunciado ou sua própria atitude de comunicação diante de seu interlocutor, evidenciando, apesar disso, pouca necessidade em proteger a imagem do ouvinte e nenhuma necessidade de reparação. Atos de fala equivalentes, com o envolvimento dos marcadores em estudo, não foram encontrados no *corpus* de Madri.

O marcador *claro*, também possui funções diferentes entre ambas as variedades: no material de análise madrileno, observou-se seu papel como modalizador, para intensificar e expressar o acordo, e seu papel metadiscursivo,

ao participar do processo de planejamento da mensagem; no *corpus* chileno, encontrou-se somente a função de modalizador. No entanto, além de intensificar ou expressar, o acordo também pode ser um recurso fático que indica colaboração ou apoio à opinião do falante, marcando o seu papel cooperativo e expressando cortesia valorizadora.

Por fim, o marcador *ya*, desempenha menos papéis no *corpus* de Madri – argumentativo e metadiscursivo –, ao passo que no *corpus* de Santiago do Chile, corrobora a sua polifuncionalidade – através das funções argumentativas, metadiscursivas, modalizadoras e de controle de contato.

A heterogeneidade da língua espanhola possibilita os usos diferentes de um mesmo marcador ou a ausência/presença deles em algumas variedades, com a aparição de outras formas para funções similares. Desse modo, foi possível apresentar os quadros descritivos, no capítulo III, que destacam as diferentes funções dos marcadores *pues (po)*, *claro* e *ya* em diferentes tipos de interações verbais neste estudo. Ressalta-se, entretanto, que tais informações não esgotam a complexidade de outras formas nos países hispânicos e regiões hispano-falantes, mas sim correspondem a dados extraídos dos materiais de análise desta pesquisa, os quais são representantes de variedades linguísticas, grupos sociais e tipos de relações sociais específicos.

No que diz respeito à verificação sobre se os adolescentes brasileiros da região de São Paulo constroem, de forma adequada, a interpretação de enunciados provenientes de uma variedade chilena e uma espanhola, constatou-se que os informantes não consideraram a ocorrência dos marcadores discursivos como guias das inferências na busca pela relevância dos enunciados. Assim,

tampouco as diferenças culturais referentes às funções interativas das estratégias de cortesia foram contempladas pelos brasileiros.

Não se confirmou a hipótese condutora desta investigação que esperava que os marcadores discursivos *pues (po)*, *claro* e *ya* suscitariam em estudantes brasileiros de espanhol a compreensão ou a impressão de predomínio enunciativo de abruptão relacionada à descortesia quando entrassem em contato com formações discursivas da língua alvo. Na verdade, o desconhecimento da forma e/ou do uso dessas partículas impediu que estas participassem da realização de inferências relevantes dos enunciados ou que dirigissem as instruções da atividade comunicativa.

Como já dito, observou que poucas vezes a reflexão sobre os marcadores *pues (po)*, *ya* e *claro*, foi realizada pelos adolescentes brasileiros que participaram desta investigação, de forma que raramente atuaram no processo inferencial da compreensão. Mas, ao invés disso, os principais sinais que guiaram as inferências dos brasileiros quanto à presença ou ausência de cortesia são: a extensão das intervenções, a presença de truncamentos, a entonação, a força ilocutória e o comportamento amigável. Essas características são relativas e fazem parte das suposições dos participantes do presente trabalho. Como projeção deste estudo, pesquisas futuras poderiam analisar e descrever mais especificamente quais são as características desses sinais considerados socioculturalmente adequados e que fazem parte da realidade interna desses indivíduos.

Nesse sentido, comprovou-se que a construção de interpretações equivocadas por parte dos brasileiros resultou de interferências pragmáticas e pela aplicação do modelo socioculturalmente aceitado no grupo em que os

informantes brasileiros estão inseridos, o qual apresenta uma definição de cortesia, para os contextos apresentados a estes, que reafirma as necessidades da imagem do interlocutor e o tratamento recíproco. As representações e os conhecimentos válidos no grupo sociocultural dos participantes desta pesquisa destacam que uma atitude cortês busca alcançar um grau de harmonia interpessoal adequado e evitar conflitos sociais.

Constatou-se, portanto, que a construção inadequada de sentidos para as manifestações comunicativas dos interactantes espanhóis e chilenos concerne ao desconhecimento das diferenças interculturais, dos modelos de cortesia e do processamento discursivo, semântico e pragmático que pressupõe o uso dos marcadores *pues (po)*, *claro* e *ya*, em diferentes interações verbais.

Comprovou-se a importância dos marcadores discursivos na orientação do processo de interpretação, sendo capazes de impedir ambiguidades e permitir a captação do sentido dos enunciados de acordo com as diferentes propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas que os caracterizam. No desconhecimento de suas propriedades subjaz a gênese de muitos mal-entendidos interculturais.

No processo de ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (ELE), é necessário, portanto, fazer com que o aluno perceba as diferenças de significado e valorização social atribuídas às estratégias de cortesia em culturas diferentes, considerando as principais diferenças das variedades hispânicas entre si e os contrastes entre as mesmas, além da língua materna do aprendiz, pois dois falantes de distintas culturas podem estar falando a mesma língua, mas comportando-se cada um segundo a sua própria cultura. A formação de um estudante de ELE precisa contemplar amostras de recursos linguísticos em

que os marcadores discursivos estejam envolvidos em estratégias de cortesia, para que possam construir e interpretar discursos de forma adequada ao contexto de enunciação e ao tipo de interação social.



# BIBLIOGRAFIA

- ALARCOS, E. (1970). *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Gramática de la lengua española*. R.A.E., Madrid: Espasa-Calpe.
- ALVAREZ MURO, A. (2005) *Cortesía y descortesía: Teoría y praxis de un sistema de significación*. Mérida (Venezuela): Universidad de los Andes.
- AUSTIN, J. L. (1970) Ensayos filosóficos. Madrid, *Revista de Occidente*.
- \_\_\_\_\_. (1962). *How to do things with words*. Oxford, University Press.
- ALBELDA MARCO, M. (2004). "Cortesía en diferentes situaciones comunicativas. La conversación coloquial y la entrevista sociológica semiformal", In: BRAVO, D y BRIZ, A. (2004), *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, pp.109-134.
- \_\_\_\_\_. (2005). *La intensificación en el español coloquial*. Universitat de Valencia: Servei y Publicaciones.
- \_\_\_\_\_. (2008) "Atenuantes en Chile y en España: distancia o acercamiento", In: BRIZ, A.; HIDALGO, A. *et. al.* (Eds.) *Cortesía y conversación: de lo escrito a lo oral*. III Coloquio Internacional EDICE. Valencia: Departamento de Filología Española de la Facultat de Filologia, Traducció i Comunicació de la Universitat de València y el Programa EDICE.
- ANDRADE, A. M. de; SILVA, C. (2008) "*Cortesía y relevancia en el portugués de Brasil y español de Chile*". In: Congreso Internacional de ALFAL, XV, 18-21 de agosto de 2008. Montevideo, Uruguay. Actas. Montevideo. Disponible em [http://alfal.easyplanners.info/programa/buscar.php?id\\_tl=983](http://alfal.easyplanners.info/programa/buscar.php?id_tl=983)
- APPA, R. C (2005). *Polidez Lingüística nas Conversações de Telemarketing*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP.
- ARDILA, J. A. G. (2003), Variables sociopragmáticas de contextualización y niveles de concreción de la cortesía en castellano e inglés. *Revista Sociedad y Discurso*, año 2, no. 4, Disponible em: [www.discurso.aau.dk/ardila\\_dec03.pdf](http://www.discurso.aau.dk/ardila_dec03.pdf)
- BALLESTEROS MARTÍN, F. J. (2002), Mecanismos de atenuación en español e inglés: implicaciones pragmáticas en la cortesía. *Clac. Universidad Complutense de Madrid*, 11/2002. Disponible em: <http://www.ucm.es/info/circulo/no11/ballesteros.htm>

- BANI, S; NEVADO, A. (2004), Aproximación a la cortesía verbal en los manuales de E/LE. *Artifara, sección Monographica*, nº 4. Disponible em: <http://www.artifara.com/rivista4/testi/cortesias.asp>
- BARRENECHEA, A.M. (1969). *Estudios de gramática estructural*. Buenos Aires: Piados Manacorda.
- BLAS ARROYO, J. L. (1998), Un caso de variación pragmática: sobre la ampliación significativa de un marcador discursivo en el español actual. Aspectos estructurales y sociolingüísticos, *Revista de Filología de la Facultad de Filosofía y Letras AnMal electrónica*, vol. XXI, 543-571, Disponible em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=85112&orden=26066&info=link> Acceso em: 14 jul. 2009.
- BEINHAUER, W. (1968). *El español coloquial*. 2. ed. Madri: Gredos, versión española de Fernando Huarte Morton.
- BERMEJO, F. (2004) Funciones del conector pragmático y en la conversación, *Artifara*, n. 4, (jan. a jun), *sección Monographica*, Disponible em <http://www.artifara.com/rivista4/testi/conector.asp>
- BORETTI, S. H. (2001). Aspectos de la cortesía lingüística en el español coloquial de Argentina, *Oralia*, 4, pp. 75-101.
- BRAVO, D. (2001) "Sobre la cortesía lingüística, estratégica y conversacional en español". *Oralia*, 4, 299-314.
- \_\_\_\_\_. (2004), "Tensión entre universalidad y relatividad en las teorías de la cortesía". In: BRAVO, D; BRIZ, A. (2004), *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, pp. 15-38.
- BRIZ, A. (1993a), Los conectores pragmáticos en español coloquial (I): su papel argumentativo, *Contextos*, t. XI, vol. 21/22, págs. 145-188; ampliado en Briz (1998: cap. 7).
- \_\_\_\_\_. (1993b), Los conectores pragmáticos en español coloquial (II): su papel metadiscursivo, *Español Actual*, vol. 59, págs. 39-56.
- \_\_\_\_\_. (1998). *El español coloquial: situación y uso*. Madri: Arco/Libros.
- \_\_\_\_\_. (2001). *El español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmática*. Barcelona: Ariel.
- \_\_\_\_\_. (2004), "Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversación, In: BRAVO, D.; BRIZ, A (eds.), *Pragmática sociocultural:*

- estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, pp.67-94.
- \_\_\_\_\_ (2007) *El Diccionario de Partículas Discursivas del Español (DPDE)*.  
Disponível em: <http://www.textodigital.com/P/DDPD/>
- \_\_\_\_\_. (1988), "Conectores pragmáticos y estructura de la conversación" In:  
BROWN, P.; LEVISON, S. C. ([1978] 1987). *Politeness. Some Universals in language Use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CAISAMIGLIA, H.;Tusón, A. (1999). *Las cosas del decir*. Barcelona: Ariel.
- CALVI, M. V.; MAPELLI, G. (2004) Los marcadores *bueno, pues, en fin*, en los diccionarios de español e italiano, *Artifara*, n. 4, (jan - jun), sección *Monographica*, Disponível em: <http://www.artifara.com/rivista4/testi/marcadores.asp>
- CASADO, M (1991). Los operadores discursivos *es decir, esto es, o sea y a saber* en español actual: valores de lengua y funciones textuales, *Lingüística Española Actual*, XIII,1, 87-116.
- CASTILHO, A. T. de & PRETI, D. (1986). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T.A.Queirós/Fapesp, vol. I - Elocuções Formais.
- CATALÁN, D. (1989). Génesis del español atlántico, *El español. Orígenes de su diversidad*, pp. 119-126, Madri: Paraninfo.
- CEPEDA, G.; POBLETE, M. T. (2006) Cortesía verbal y modalidad: Los marcadores discursivos. *Rev. signos*, vol.39, no.62, p.357-377.
- CONSEJO DE EUROPA (2002). *Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación*. Madrid
- CORDISCO, A. (2002). "Afilación y desafilación: contexto cultural en el análisis de la interrupción y de sus consecuencias sociales en la interacción", *Actas del primer Coloquio del programa EDICE, La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes*. Universidad de Estocolmo, Disponível em: [www.edice.org](http://www.edice.org).
- CORTÉS RODRÍGUEZ, Luis María (1995), Bibliografía: marcadores del discurso (I), *Español Actual*, n. 63: 63-82.
- COSERIU, E. (1982). Sentido y tareas de la dialectología. *Cuadernos de lingüística, (ALFAL)* (pp. 5-44). México: UNAM.

CRUZ PIÑOL, M. (1998/1999). Intrusos cibernéticos en la clase de E/LE. Siglas, acortamientos y combinaciones en el español de la Internet. *Revista de estudios literarios, Universidad Complutense de Madrid*, Disponible em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero12/siglas.html>>. Acceso: 15 abr. 2005.

ESCANDELL VIDAL, M. V. (1995) "Cortesía, fórmulas convencionales y estrategias indirectas." *Revista española de lingüística*, ISSN 0210-1874, Año nº 25, Fasc. 1, 1995, pags. 31-66

\_\_\_\_\_. (1998), Cortesía y relevancia, *La Pragmática lingüística del español*; Recientes desarrollos (Diálogos hispánicos, 22), Ámsterdam, Rodopi. Disponible em: <http://www.uned.es/dpto-leng-esp-y-ling-gral/escandell/public.htm#ARTÍCULOS>

\_\_\_\_\_. (2004) "Aportaciones de la pragmática" In: SANCHEZ LOBATO, J; SANTOS GARGALLO, I. *Vademécum para la formación de profesores*, Madrid, SGEL. pp. 179-198. Disponible em: <<http://www.uned.es/dpto-leng-esp-y-ling-gral/escandell/papers/AportPrag.PDF>>

\_\_\_\_\_. (2006). *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel.

FANT, L. M. (2007). La modalización del acierto formulativo en español, *Revista internacional de lingüística iberoamericana*, n. 9, pp. 39-58. Disponible em: [http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:IJYUtcascm8J:www.ruc.dk/cuid/publikationer/publikationer/XVI-SRK-Pub/SPL/SPL08-Fant/+lars+fant+marcadores+modalizaci%C3%B3n&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESixxpYUavERL8biv7SgA4NyWCYaY1SxCFaSJiehGpralrCetMqfd3yjFtoqjRhHEV6t7WcOst\\_24hkeHI-C8AsrjdTqKAhJPdra-sMk2OTLFoAnaVSNsL7yviFKqB6TG-7PsqFS&sig=AHIEtbSnDydnNrao2\\_yok9Y3KueAHvx53A](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:IJYUtcascm8J:www.ruc.dk/cuid/publikationer/publikationer/XVI-SRK-Pub/SPL/SPL08-Fant/+lars+fant+marcadores+modalizaci%C3%B3n&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESixxpYUavERL8biv7SgA4NyWCYaY1SxCFaSJiehGpralrCetMqfd3yjFtoqjRhHEV6t7WcOst_24hkeHI-C8AsrjdTqKAhJPdra-sMk2OTLFoAnaVSNsL7yviFKqB6TG-7PsqFS&sig=AHIEtbSnDydnNrao2_yok9Y3KueAHvx53A) Acceso em: 19 ago. 2008.

FRASER, B (1980). Conversational mitigation, *Journal of Pragmatics* 4, pp. 341-350.

FUENTES RODRÍGUEZ, C. (1988), "Vamos: un conector coloquial de gran complejidad" In: MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.; MONTOLÍO DURÁN, E. *Los marcadores del discurso: teoría y análisis*. Madrid: Arco Libros, S.L.

GOFFMAN, E. (1970). *Ritual de la Interacción*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo.

- \_\_\_\_\_. (1979 [1971]). *Relaciones en público*, Madrid, Alianza.
- GONÇALVES, E. (2006) *Marcadores conversacionais na interlíngua de aprendizes de espanhol no Brasil*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do DLCV da FFLCH-USP, São Paulo.
- GONZÁLEZ, C; MENESES, A; UNDA, V. (2000). Análisis de la relación entre estructuras sintácticas y marcadores discursivos en la conversación semiespontánea de adolescentes santiaguinos: formulación de un proyecto de investigación. *Onomazéin*, 5, 333-346.
- GRICE, H. (1975). "Logic and conversation", In: COLE, P.; MORGAN, J (eds.); *Syntax and semantics 3: speech acts*.41-58. New York: Academic Press.
- GUERRERO, G. (1995). *Neologismo en el español actual*. Madrid, Arco/Libros.
- GUTIÉRREZ, S. (1997). *Principios de sintaxis funcional*. Madrid, Arco/Libros.
- HAVERKATE, H. (1994). *La cortesía verbal*, Madrid, Gredos.
- \_\_\_\_\_. (2004), "El análisis de la cortesía comunicativa: categorización pragmalingüística de la cultura española." In: BRAVO, D; BRIZ, A.(eds.) *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, pp. 55-66.
- HERNÁNDEZ FLORES, N. (2003) "Los tests de hábitos sociales y su uso en el estudio de la cortesía: una introducción" In: BRAVO, D. (ed.) *Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE. La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes*, Estocolmo: Programa EDICE, pp 186-197.
- \_\_\_\_\_. (2004), "La cortesía como la búsqueda del equilibrio de la imagen social" In: BRAVO, D; BRIZ, A.(eds.) *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, pp. 95-108.
- HENRÍQUEZ SALIDO, M. C. (1995). Unidad y variedad del léxico español: para una caracterización general del habla de Santiago de Chile. In Congreso Internacional del Español de América (4: 1992). *El español de América: actas del IV Congreso Internacional de "El español de América"* (pp. 961-977) Santiago, Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile, Instituto de Letras, 2 v.

- JØRGENSEN, A. M.; STENSTRÖM, A. B.; DANBOLT, E. M. D. et. al. *Proyecto Cola. Corpus oral del lenguaje adolescente*. Disponível em <http://www.colam.tk/>
- KASPER, G. (1990). Linguistics politeness: current research issues, *Journal of pragmatics* 14, pp. 193-218.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (2004), ¿Es universal la cortesía?, In: BRAVO, D.; BRIZ, A. (eds.) *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, pp. 39-54.
- \_\_\_\_\_. (2005) *Os atos de linguagem no discurso*. Niteroi: EDUFF.
- \_\_\_\_\_. (2006) *Análise da Conversação. Princípio e Métodos*. São Paulo: Parábola.
- LAKOFF, R. (1973). The logia of politeness; or, minding your p's and q's. In *Papers from the regional meeting*, Chicago linguistic Society, 9, 292-305.
- LEECH, N. G. (1983). *Principals of pragmatics*, Londres, Longman.
- LEVINSON, S. C. (2007) *Pragmática*. Trad. Luis Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes.
- LOPES, E. C. M. R. (2006) *Breve estudio sobre las formas de atenuación en entrevistas semiformales de brasileños y chilenos*. Monografía apresentada ao Programa de Doctorado en Filosofía y Letras sección Filología Hispánica Universidad de Valladolid, Facultad de Letras. Instituto de Letras, Pontificia Universidad Católica de Chile.
- LÓPEZ MORALES, H. (1994). *Métodos de investigación lingüística*, Salamanca: Ediciones Colegio de España.
- LÓPEZ QUERO, S. (2008). Marcadores discursivos y cortesía en la conversación virtual en español. *Language Design*, 9, Universidad de Córdoba, Disponível em: [http://elies.rediris.es/Language\\_Design/LD9/Salvad](http://elies.rediris.es/Language_Design/LD9/Salvad) Acesso en: 11 ago. 2009, pp. 93-112)
- MACEDO, A.T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs). (1996). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MALMBERG, B. (1966) *La América hispanohablante. Unidad y diferenciación del castellano*. Madri: Ediciones ISTMO.
- MARCUSCHI, L. A (2000). *Análise da Conversação*. 5ª edição. Editora Ática.

- \_\_\_\_\_. (2001) *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo, Cortez.
- MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.; MONTOLÍO DURÁN, E. (1988) *Los marcadores del discurso: teoría y análisis*. Madri: Arco Libros, S.L.
- MARTÍN ZORRAQUINO, M. A. (1988), "Los marcadores del discurso desde el punto de vista gramatical" In: MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.; MONTOLÍO DURÁN, E. *Los marcadores del discurso: teoría y análisis*. Madri: Arco Libros, S.L.
- MARTÍN ZORRAQUINO, M. A. & PORTOLÉS LÁZARO, J. (1999) "Los marcadores del discurso". In: Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española*. (pp. 4051-4213) Madrid, Espasa Calpe, Real Academia Española, v.3.
- MENÉNDEZ, S. M. (1993) *Gramática textual*. Buenos Aires: Plus Ultra
- MENESES, A. (2000). Marcadores discursivos en el evento "conversación", *Onomazéin*, 5, 315-331.
- MONTECINO SOTO, L. A. (2004), Estrategias de intensificación y de atenuación en la conversación coloquial de jóvenes chilenos. *Onomázein*, 10, pp. 9-32.
- \_\_\_\_\_ (2005), Cortesía, ideología y representaciones discursivas en la en la gestión conversacional de jóvenes chilenos. *Onomázein*, 12, pp. 9-22.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. (1998) Discurso y conversación". In: Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje. Barcelona: Ariel, pp. 159-177.
- OCHS, E. (1976): "La universalidad de los postulados conversacionales", In: JULIO, M. T.; MUÑOZ, R. (comps.) (1998): *Textos clásicos de pragmática*, Madrid, Arco Libros, pp. 125-144.
- PLACENCIA, M .E. (2001). Percepciones y manifestaciones de la (des) cortesía: en la atención al público. El caso de una institución pública ecuatoriana, *Oralia*, 4, pp. 177-212.
- POBLETE BENNETT, M. T. (1995). Los marcadores conversacionales en el habla de Valdivia-Chile. *B. Inv. 12 Fac. de Educ. Stgo.*, pp. 279-293.
- \_\_\_\_\_. (1997a). Los marcadores discursivo-conversacionales en la construcción del texto oral. *Onomazéin*, 2, 67-81.
- \_\_\_\_\_ (1997b) Marcadores discursivos conversacionales y variación sociolingüística. *B. Inv. 12 Fac. de Educ. Stgo*, pp. 280-288.



- \_\_\_\_\_ (1998). Los marcadores discursivo-conversacionales de más alta frecuencia en el español de Valdivia (Chile). *Estud. filol.* [online], 33, 93-103. Disponible em: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0071-17131998003300007&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0071-17131998003300007&lng=es&nrm=iso)>. Acceso: 15 abr. 2005
- \_\_\_\_\_. (1999). Distribución de marcadores discursivos en distintos tipos de discurso. *Onomazéin*, 4, 53-75.
- PONS, H; SAMANIEGO, J. L. (1998). Marcadores pragmáticos de apoyo discursivo en el habla culta de Santiago de Chile. *Onomazéin*, 3, 11-25.
- PONS BORDERÍA, S. (1998). Conexión y conectores: estudio de su relación en el registro informal de la lengua. *Cuadernos de Filología*. Facultat de Filología, Valencia, Anejo nº XXVII.
- \_\_\_\_\_. (2000). "Los conectores". *¿Cómo se comenta un texto coloquial?*, 2000, Ariel, pp. 193-220.
- \_\_\_\_\_. (2003): From Agreement to Stressing and Hedging: Spanish bueno and claro. In: HELD, G., (ed). *Partikeln und Höflichkeit*. Berna, Peter Lang, pp. 219-236.
- PRETI, D. (org.) (1993). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas.
- \_\_\_\_\_. (1994) *Sociolingüística. Os níveis de fala*. São Paulo, Nacional.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Estudos de língua falada*. 2.ed. São Paulo: Humanitas.
- \_\_\_\_\_. (2008) *Cortesía verbal*. São Paulo: Humanitas.
- PUGA LARRAÍN, J. (1997). *La atenuación en el castellano de Chile*, Universitat de València, Grupo de Estudios Iberoamericanos/ Tirant lo Blanch Libros.
- RAMIREZ GELBES, S. (2003). La partícula "eh" y la Teoría de la Relevancia: Un ejemplo de contenido procedimental. *Estud. filol.* [online], 38, 157-177. Disponible em: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0071-17132003003800010&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0071-17132003003800010&lng=es&nrm=iso)>. Acceso: 15 abr. 2005
- REYES, G. (1998) *El abecé de la pragmática*. Madrid: Arco Libros.
- \_\_\_\_\_. (2002), *Metapragmática: lenguaje sobre lenguaje, ficciones y figuras*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial.

- RONA, J. P. (1964). El problema de la división del español americano en zonas dialectales, *Presente y futuro de la lengua española*. Madrid: OFINES, I, 215-226.
- ROSA, M. (1992). *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto.
- SERRANI, S. (2001) Resonancias discursivas y cortesía en prácticas de lecto-escritura. *D.E.L.T.A. - Documentos de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 17, 1. São Paulo: Educ, pp. 31-58.
- SILVA, L. A. (1998). "Polidez na interação professor/aluno". In: Dino Preti. (Org.). *Estudos de Língua Falada: Variações e Confrontos*. São Paulo: Humanitas, v. 1, pp.109-130.
- SILVA, S. D. J. (2004) *Marcadores discursivos no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do DLCV da FFLCH-USP, São Paulo.
- SPERBER, D.; Wilson, D. (2001) *Relevância: comunicação e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Tradução de Helen Santos Alves; revisão de Manuel Gomes da Torre
- URBANO, H. (1993) "Marcadores conversacionais" In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, pp. 81-102.
- URIBE MALLARINO, M. R. (2005). Conectores y contrastividad: el caso de pues, *AISPI. Actas XXIII* (2005), Università di Milano, pp. 563-567, Disponível em: [http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/linguistica\\_contrastiva.htm](http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/linguistica_contrastiva.htm)
- URRUTIA, H. (1978). *Lengua y discurso en la creación léxica*. Madrid: Cupsa Editorial.
- VERSCHUEREN, J. (1999), *Understanding Pragmatics*. London: Edward Arnold. Versión española de Elisa y Marta Lacorte. (2002) *Para entender la pragmática*. Madrid: Gredos.
- VIAGARA TAUSTE, A. M. (1980). *Aspectos del español hablado. Aportaciones al estudio del español coloquial*. Madrid: Sgel.
- ZAMORA, M. J; GUITART, J. (1982) "Geografía lingüística", In: *Dialectología hispanoamericana. Teoría – descripción – historia*. Salamanca: Ediciones Almar, pp. 173-184.

# ANEXOS

**Símbolos de transcrição usados no *Corpus de Lenguaje Adolescente* (COLA):**

[] - Solapamento

XXX – Falta de clareza da expressão

/ - Aumento da entonação

\ - Queda de entonação



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)